

Textos

Marcelo Henrique Noal

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 01/01/2010

Título : A Dança

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Em meio aos restos mortais Em meio ao caos urbano

A Dança

Em meio aos restos mortais

Em meio ao caos urbano

Em meio às cinzas podres

Em meio à dança da noite

A dança cotidiana

Que começa e termina

Com hora marcada

Em meio ao nada

Caminho eu!

Data : 01/01/2011

Título : À Esquerda I

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: O sol me acordou de ardência Estava no trevo, um trevo qualquer

À esquerda

O sol me acordou de ardência
Estava no trevo, um trevo qualquer
O papelão encharcado de suor
Fui o líder da revolução
Infiltrei-me no sistema

O que te manipula, mesmo aqueles que protestam
Tentei destruir tudo, mas meu exército era um bando de bêbados covardes
Anarquistas pessimistas que tão pouco sabem falar
Perdemos e eu retornei ao ponto
A estrada, a inconstante estrada
E suas sinuosas incógnitas
Vai me matar um dia

Mas que diferença faz?
Afinal, quem pode estabelecer uma data ou garantir que o tempo existe?
Tão pouco em suas imaginarias viagens suburbanas
Vou pela rota 86, talvez eu volte para ver aquela morena
Pela estrada, invicto e a pé
Sei onde ela leva, mas o emocionante é o trajeto
As linhas corrompidas
Minha direção: á esquerda
Sempre à esquerda sem parar ou subir

Data : 01/01/2011

Título : À Esquerda II

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Sem voz senão grito Sem dor senão de uma facada

À Esquerda

Sem voz senão grito
Sem dor senão de uma facada
Sem álcool sem uma garrafa quebrada

Discutir?
Tolerar?
Politicamente filosófico!

Animal sem serventia
Posto a mesa para teste

À Esquerda
Essa é a direção
Sempre à esquerda!
Filhotes! À Esquerda

Sem voz senão grito
Sem dor senão de uma facada
Sem álcool sem uma garrafa quebrada

Discutir?
Tolerar?

Politicamente filosófico!

Animal sem serventia
Posto a mesa para teste

À Esquerda
Essa é a direção
Sempre à esquerda!
Filhotes!

Data : 01/01/2011

Título : À Esquerda III

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Acordaram? Ouviram um ultimo grito

À Esquerda

Acordaram?
Ouviram um ultimo grito
Clamava por decisão e cinismo
Falsidade e orgulho de não ter do que se orgulhar
Exceto um ultimo louco e desconhecido e punido
Foi ele que citou essas coisas

Não enxerga que esse mundo
O universo
Essas invenções são apenas o surto do cansaço e da decepção
E daí espírito assume uma responsabilidade hipócrita por vodka
O que é espírito?
O que ele pode fazer?

Indignados só estão
Mas vocês acham que sabem
Crianças, esse mundo e suas invenções
Que só são idéias de uma civilização de amor e medo imaginários
Que apenas acreditam que existem

E aqui jaz meu ego
Se for pra falar sobre elas
Em alto relevo avisto um espelho
O opositor, as semelhanças dos seres que habitam a caverna
De lá a sabedoria
Um tolo contará para a última geração
O que viria quando perdessem o corpo
Ganhando o infinito

No ranking dos desolados
No tempo cinza
Eles reinam
Mas para sempre serão esquecidos

Ano : 2016

Título : A história de Romulo e Remo

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: Essa é sobre dois velhos amigos que tinham em comum um hobby, digamos mórbido.

A história de Romulo e Remo

Essa é sobre dois velhos amigos que tinham em comum um hobby, digamos mórbido.

Enquanto os outros velhos da cidade jogavam dominó, alimentavam os pombos, discutiam futebol e política, esses excêntricos senhores eram espectadores ávidos de um espetáculo pagão, apresentado pela morte.

- Esses vai ser dos bons, disse o Romulo.

- Não pode ser melhor que o da Sueli.

- Vejamos...

- Sim, vejamos...

Centenas de pessoas trajando luto fritavam no sol das onze da manhã de um domingo. Alguns estavam ali apenas por respeito à família. Mas a grande maioria estava à espreita, na expectativa. Algumas mulheres dissimulavam, encenando um choro. Homens conversavam sobre como "ele" era um homem prudente e filantrópico.

A multidão se aglomerava na entrada do cemitério com seus óculos escuros, seus ternos ou vestidos engomados e os estômagos cheios de salgados e alguns, já mais solidários e prestativos sobre efeito do vinho. O velório tinha sido fabuloso. Caminhavam em uma romaria, seguindo os dois homens que carregavam o caixão. Esses tentavam repelir a viúva que se negava a sair de perto do velho. Ela sabia que não herdaria nada, era um teatro para as duas filhas, que obviamente estavam incluídas no testamento. Tudo parecia uma tragicomédia romana, e cai bem a analogia, pois tratava-se de uma matilha seguindo uma presa.

Só que dois homens distintos seguiam aquele caixão camuflados na multidão. Eles eram mais que espectadores, eram críticos. Romulo e Remo, também lembra Roma.

- O sol é um ponto negativo, estraga a textura, a fotografia do filme, comentou Remo metaforicamente sarcástico. Segurava uma rosa branca e uma vermelha, assim como Romulo.

Funcionava assim: Se o espetáculo fosse bonito e tudo ocorresse bem, a rosa branca era lançada á cova. Se não agradece os críticos, lançava-se a rosa vermelha.

Eles praticavam esse hobby há anos. Quase sempre passavam por conhecidos do morto, á vezes nem eram percebidos.

Esse velório era especial. O velho Donato Ramirez fora o ser humano mais detestável, escroto, arrogante, cretino daquelas bandas. E também o mais rico. Sua fortuna acumulava mais de 200 milhões dólares em uma conta na Suíça, tempo em que foi o prefeito da cidade. Tinha casas na costa do caribe, um apartamento na área mais cara de Manhatam, era sócio de um cassino em Las Vegas, possuía vinícolas no sul do brasil e uma criação de bovinos no Mato grosso, um hotel de luxo em fortaleza, entre outras propriedades.

Ele era tudo, menos avarento, sempre dizia que quem morre rico não tem imaginação. E a parte dele ele fez. Gostava de esnobar os outros com ostentação. Dava dinheiro a projetos filantrópicos, visando sua boa reputação. Inútil, pois bastava passar dez minutos com ele para detestá-lo com todas as forças.

Mas a coisa mais valiosa que Donato tinha estava num cofre e ninguém sabia o que era. Ele dizia que dentro daquele cofre havia algo mais valioso do que tudo que ele tinha. E Ele não falava de valor sentimental ou algo do tipo, todos sabiam disso.

O velho fez seu testamento antes de morrer, aos 75 anos. A viúva era a única que chorava de verdade, tinha quase certeza que não herdaria nada. Foram 49 anos de traições, brigas e, mesmo morando na mesma mansão, ela estava processando o marido pela enésima vez. As filhas, as "puchuchucas do papai" choravam de emoção ao pensar no dinheiro.

Mesmo que nenhuma tivesse parido o tão sonhado neto, mas três meninas lindas, ainda elas estavam tranquilas.

A cerimônia prosseguia normalmente e os dois amigos observavam cada detalhe. A comoção dos convidados, o clima, o desempenho dos agentes funerários e do coveiro. E claro, principalmente a aparência do morto, o tecido do terno, a gravata, o caixão e o túmulo. Nesse caso era o jazigo da família Ramirez. O velho deixou uma ordem para que o advogado só revelasse o testamento após a missa de sétimo dia.

A expectativa era grande. Cada um dos presentes, (com exceção dos dois visitantes "penetras"). Mesmo que sem esperança, tinham aquela aspiração de um possível milagre. Uma fatia, ou melhor: Um farelo do bolo. A amante de 21 anos sonhava com que faria com a grana. Afinal se houvesse justiça nesse mundo, ela teria que ser recompensada por ficar com aquele velho nojento, insuportável. Era humilhante ter que comprar viagra, ele tinha vergonha de comprar.

E chegou a hora do sepultamento. A maioria das pessoas simulavam a dor da perda. A viúva se jogou na cova tentando conseguir a piedade das filhas e ter uma parte do dinheiro. Enterraram o caixão. O padre deu o sermão e uma menina, talvez filha do filho do irmão de um sobrinho de Donato Ramirez, cantou "aleluia", fechando com chave de ouro o enterro. Os mais próximos se olhavam de uma maneira conspiratória, ou melhor apostadora, confiante.

Remo tinha jogado a rosa vermelha e Romulo a branca.

- Eu não entendo o teu gosto, caro Reno. Como pode desaproveitar esse velório?

- Como? Uma encenação barata, todos estavam ali por interesse, esse velho foi um cretino, é ridículo, chega a ser absurdo tanta gente fingindo. Nem suas filhas gostavam dele.

- E mais...o coquetel era horrível o vinho era suave, o terno do morto era feio, o dia estava ensolarado, e o caixão...

Romulo interrompeu o amigo bruscamente:

- Não venha me falar mal do caixão, foi o mais lindo que eu já vi na vida.

- Sim, eu ia dizer, o caixão era bonito, e só. Acho que ele mandou fabricar.

- Sim...

Os dois riram simultaneamente.

- Sabe Reno, mudei de ideia sobre o meu velório. Quero ser cremado.

- Meu caro, estamos velhos demais, já deveríamos saber. Por mim que façam como quiserem, estarei morto mesmo. Serei o único a não ver a cerimônia...

Uma semana depois o advogado do velho procurou Reno.

- Donato Ramirez jogou pessoalmente o cofre no mar, todos estão fazendo buscas. O resto será dividido entre eu, você e aquele velho, seu amigo. Reno enfartou, mas se recuperou, foi só o susto surreal.

No hospital o advogado leu o epílogo do testamento:

"Deixo tudo que tenho para três homens dividirem certo. Uma parte vai para o hipócrita, cretino, covarde, manipulador e mentiroso do meu advogado. Isso porque ele me livrou de passar a vida inteira na cadeia. As duas outras metades, poderia deixar para a bruxa da minha mulher, e para as minhas filhas insensíveis que nunca me deram um neto. Mas elas não merecem. Portanto deixo tudo, incluindo o campo de golfe na Itália, para aqueles dois velhos dementes que viviam no cemitério, motivo: Eles nunca me cumprimentaram, nunca quiseram a minha amizade, como os bajuladores que só queriam o meu dinheiro. Aproveitem!"

Nenhum dos três tinha nada a dizer, mas todos pensavam a mesma coisa:

O que será que tem naquele cofre?

Data : 01/01/2020

Título : A morte de um lobo

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: A colina de fogo, capítulo 9

DAMA ESMERALDA -

DIAS ATUAIS

Ouvi inúmeras vezes que antes de morrer você entra em outra dimensão onde não existe dor ou sofrimento. Também já me disseram que antes da morte a sua vida inteira passa diante dos seus olhos em uma questão de segundos. Outros disseram que não são segundos, mas sim uma eternidade nostálgica. Todas as besteiras de todas as religiões as suas crenças de merda, eu já ouvi. Nunca acreditei em nada, exceto de que um dia eu morreria de fato. Minha vida foi

sempre uma correria frenética, nunca tive tempo para pensar nisso, ou criar hipóteses quaisquer, porque sou burro. Acho que vivi só por instinto, impulso. Nunca fiz planos, apenas executei os planos dos outros, e se alguém me perguntar por que eu fiz isso, porque matei tanta gente, eu não poderia dizer que foi só por dinheiro, que este é o meu trabalho, porque matei muita, mas muita gente só por matar. Chego a esse ponto, e nunca tive uma família, uma namorada, ou amigo. E embora tenha trabalhado para aqueles dementes fanáticos, nunca participei do clã deles e de nenhuma outra doutrina. Portanto se me perguntarem por que eu fiz o que fiz, eu só posso dizer que eu não sei. Já pensei que eu fosse um serial killer, mas li a respeito deles e definitivamente há uma grande diferença entre assassinos de aluguel e serial killers.

No mais, eu não to nem aí, esse mundo é só um saco de merda rodeado por insetos imundos. Nunca matei uma mulher ou uma criança, sempre respeitei a minha mãe, Portanto tudo que eu fiz foi acabar com uns desgraçados que não prestam, tipos como eu.

E se tenho uma opinião sobre a morte pelo o que eu já escutei, tenho sim: Foda-se tudo, nunca escutei nada de um morto, o que os vivos podem saber?

A MORTE DE UM LOBO

Na natureza existem dois tipos de lobos. Aqueles das alcateias que caçam em grupo, e os chamados lobos solitários, como eu.

Não me lembro a primeira vez que matei, mas sei que não foi por dinheiro, nem a segunda, a terceira, nem a trigésima vez, nenhuma foi por dinheiro. Comecei a trabalhar quando conheci os adoradores do livro. Disseram que eu não poderia participar da tal seita do "senhor tempo" nem subir na merda da "colina de fogo", porque sou muito burro. Mas eu era útil para eles e eles para mim. Contrataram-me como exterminador. Até que gostei, e lógico que eu nem queria mesmo participar daquela seita idiota, então tudo ok.

Mas fui ficando famoso no submundo pela minha astúcia e competência e logo a máfia também aderiu aos meus serviços, e posteriormente pessoas comuns, como uma esposa que queria matar o marido, um cara qualquer que queria matar o chefe, enfim, eu era muito bom e meu serviço muito qualificado. Diziam alguns que eu nunca morreria.

A polícia corrupta cansou de ganhar dinheiro as minhas custas, porque todos já sabiam e iria acabar em escândalo, então começaram a me caçar para obter mérito. E foi ai que a diversão realmente começou.

Eu viajava para cá e pra lá, e embora não fosse sensato ir para Dama Esmeralda, eu sempre voltava lá para um serviço, ou só por diversão. Eles vendem aquela cidade como o paraíso. Puro marketing. É na real um lugar podre, e apesar de atribuírem tudo de ruim aos assassinatos daquele serial killer, a podridão sempre existiu, mas era camuflada. Não havia mesmo criminalidade nas ruas, os criminosos eram a polícia e os governantes. E claro abonados de grana que me contratavam. Não faço ideia de quantos eu já matei, nem tenho uma estimativa, minha memória é uma droga. Sofro de amnésia e sou um cara muito nervoso, sempre precisei de uns ansiolíticos ou algumas doses de álcool para me

acalmar. Posteriormente descobri que matar também me acalmava. O sangue lavava a minha alma. Eu raramente tinha dias de folga, mas quando tinha eram sempre os piores. Não consigo passar uma noite na cama de um hotel vendo televisão. Eu detesto televisão e não sou sedentário, sou elétrico. Nunca durmo a noite e por isso minhas noites de folga acabavam em chacina. Não que eu premeditasse

Nunca planejo nada. As coisas simplesmente acontecem.

Na manhã de hoje eu levantei calmo, como nunca tinha estado, não que eu me lembre pelo menos. Estava deitado num sofá muito confortável, e ao olhar para as paredes limpas e bem pintadas, vi quadros caríssimos. Sou muito ignorante para dizer o nome do autor, mas eram quadros famosos e eu já havia visto alguns em algum lugar.

A sala era imensa e clara com uma cozinha americana embutida. A parede a minha frente era de vidro e proporcionava um espetáculo muito mais belo do que os quadros. O famoso mirante da colina estava bem abaixo, e podia se ver a imensa chapada zoo até o limite em que ela se perdia no horizonte.

O dia estava nublado e o clima agradável. As perguntas de sempre vieram me atormentar. Que diabos de lugar era aquele. Sem dúvida não era um hotel de luxo de Dama Esmeralda. A não ser que eu tivesse assaltado um banco na noite anterior. não se sabe, eu não me lembro.

Sou meio nervoso, acho que disse isso uma vez. Mas naquela manhã, pela primeira vez desde os meus - (sei lá quantos anos, 7, 10...) eu me sentia bem. Sem dores no estômago, sem aquela agonia, sem ressaca, embora houvesse uma garrafa vazia de um uísque importado do lado do sofá.

Eu estava na casa de alguém, é óbvio. Mas quem?

Quem levaria um fracassado, inútil, desgraçado e psicopata homicida para dormir em sua casa?

Eu não fazia ideia disso.

Era só mais uma manhã como todas as outras, eu acordo em um lugar desconhecido, com uma ressaca do caramba e sem lembrar-me de nada. A grande diferença era o lugar em que eu me encontrava, isso mudava tudo e me deixou ainda mais confuso.

Mas enquanto observava a paisagem fui tocado, por trás por uma mão. Numa ação instintiva eu dei uma gravata nele e estava prestes a matá-lo por força do hábito, quando o reconheci.

- Calmo lobão, sou eu.

Era o velho Henrique Gabriel, com seu químico branco e seus cabelos grisalhos, pintados de roxo. Soltei-o que começou a rir.

- Anda, me explica, falei.

Ele mexeu nos cabelos, como que os ajeitando, algo impossível.

- Meu caro lobo - disse-, bem vindo a minha casa, te ofereceria um café, mas eu sei que você precisa é de uma boa dose de vodka e um benzodiazepínico.

Ele tornou a rir.

- O que quer de mim?

Apenas que você termine o que começou ontem. Eu abri a boca para falar, mas ele se antecipou.

- Sei do seu problema de memória, por isso eu te trouxe aqui, sabe como é difícil te encontrar? Você é quase um fantasma Lobão. Está tremendo...

- Sou nervoso...

- Eu sei, disse ele gritando em seguida.

- Marta, traga uma dose de vodka...

- Uísque, interrompi .

Ou melhor, uma dose de uísque, continuou Gabriel. E também um frontal para o nosso hóspede.

Desculpe lobo, não tenho xanax.

- Isso serve, disse-lhe.

Em poucos segundos uma velha loura e com cara de sofrimento trouxe um copo e o remédio.

Bebi num só gole e tomei o comprimido sem nem me dar conta de que podia estar tomando veneno. Eu acordo assim, meio tonto, desconexo, demora umas horas para me acalmar.

- Melhor?

- Um pouco, respondi.

- As pessoas costumam tomar café da manhã, é a refeição mais importante do dia, mas eu sei que você não sente fome quase nunca, e nunca ao acordar.

- Nossa- disse, tentando ser sarcástico . Mas você sabe mesmo sobre mim hein?

- O suficiente, respondeu o velho.

- Você fracassou na missão de ontem, mas não estou preocupado, bem pelo contrário vou dobrar a oferta. Sei que está ficando velho e cansado, fraco. Está na hora de se aposentar, não acha?

- É o que estou tentando fazer, mas preciso de grana.

- Então estamos nos entendendo. Olha lobo, eu não preciso mais dos seus serviços, apenas um último, muito fácil, e depois você pode sumir desse paraíso e ir para qualquer lugar do mundo.

Não me contive, tive que rir.

- Paraíso, essa cidade é um inferno. Claro que não para os turistas ricos e nem para você que tem dinheiro.

Gabriel mostrou-se ofendido.

- Eu não ligo pra dinheiro.

- Isso porque você sempre o teve. Dizendo isso toquei profundamente o velho Gabriel que se calou.

Silêncio...

Silêncio...

Silêncio...

Rompido por ele:

- "Esperar, esperar e esperar..."

- Corta esse, velho, o que você quer?

Ele assumiu um tom de voz sério e não havia mais riso, nem sarcasmo, nem nada do tipo na sua cara.

- Quero te aposentar. Ontem te ofereci 500 mil para acabar com Roger Mattos e a filha daquela vagabunda, o clone da mãe. mas você falhou. Pela primeira vez em anos você falhou. não estou preocupado com isso, sei que não acontecerá novamente. Eu quero que você vá até a capital, ou até o quinto dos infernos onde eles estiverem. Mate-os e me traga o último exemplar do livro.

- Não vou matar Roger, ele é meu cliente.

- Você é realmente um psicopata com dupla, ou tripla personalidade- disse Gabriel com certo tom de raiva na voz- ontem mesmo disse que teria prazer em matá-lo.

- Eu devia estar bêbado, e você também é uma porra de um psicopata.

- Sou, mas não sou louco como você, caro lobo, os eventos de 1989 vão se repetir, para que o mundo veja o que eu vejo. Repito, dobro a oferta, te dou um milhão, sabe o que é isso lobo, um milhão de dólares? Tudo por um serviço que você já fez, talvez milhares de vezes. Um milhão, fora as despesas. você faz isso, eu apago a tua ficha criminal e você some para qualquer lugar do mundo, quem sabe até possa construir uma família, sabe. Arranjar uma mulher, eu sei lá, o mundo tem sete bilhões de pessoas, a maioria mulheres, tenho certeza que há uma doida como você que te dará filhos e felicidade.

- Você só quer o livro, não é?

- Sim, caro lobão, o resto é queima de arquivos, faz parte do pacote.

Parei diante da paisagem de costas para o velho idiota, eu estava excepcionalmente tranquilo naquela manhã.

- Você costuma menosprezar a minha inteligência Gabriel. Quero ler a droga do livro.

- Impossível, o mestre não te escolheu.

- Que seja, eu odeio ler, disse. Mas pelo menos me conte o que é isso.

Gabriel ficou calado e pensativo por um instante.

- Ok, vou resumir, disse ele enfim. Esse livro é mágico, ele hipnotiza as pessoas, mas somente alguns podem ler. Nele está toda a sabedoria do mundo, a maneira correta de viver na terra, os códigos antes indecifráveis. Foi escrito há séculos pelo mestre que denominou a sua obra "O manual do senhor tempo". Ele escreveu o primeiro a mão.

Gabriel mostrou o livro.

- Num idioma desconhecido, levou anos para ser traduzido, para o inglês, latim, francês e português. São sete volumes, eu tenho três além do original. Um está

com Roger, outro pode estar em qualquer lugar do mundo, mas suspeito que foi trazido por uma inglesa para cá. Ela o encontrou na Índia. Já o outro não sei onde está, mas vou achá-lo, pois o mestre irá me conduzir. Preciso reuni-los para chegar à colina. Essa mesmo a colina de Dama Esmeralda na chapada zoo, o lugar mais alto da terra. Ela vai queimar. a colina de fogo, quem chegar lá saberá o sentido da vida, e terá poderes inimagináveis. Então Dama Esmeralda deve explodir e o Mestre, o grande senhor tempo construirá aqui a cidade da colina de fogo, e ele enfim aparecerá em forma física. O livro diz que só uma pessoa pode ver ele e se comunicar com ele antes do grande dia. E é claro que sou eu, embora ainda não o tenha visto.

- Olha Henrique Gabriel, lembrei do que eu fiz ontem, eu não teria aceitado em sua consciência. Eu não estou nem aí para o teu livro e a sua história. Eu achei que fosse louco, mas agora, comparado com você vejo que não chego aos pés da demência. Você, o desaparecido Wagner e o perverso do Roger... Quero que vocês se fodam com essa história.

- Wagner matou a mulher há trinta anos, mas está voltando, ele será o meu braço direito, e eu o líder. Existem seitas similares por todos os continentes, mas eu sei que nós somos a única verdadeira, e vamos achar os dois livros perdidos a tempo, e você me trará aquele que está com o traidor do Roger e vai matar ele e a vadiuzinha esnobe que é igual à mãe.

- Quero outro uísque, disse quase ordenando.

As folhas secas de cores indescritíveis, cores que talvez nem tenham nome, o céu cinza contrastando com o verde, as gotículas de chuva no vidro, Pássaros das mais diversas formas e tamanhos cantavam, e naquele momento milhões de pessoas estavam prestes a chegar na cidade.

Não é em vão que esses doidos fanáticos tenham pirado com esse lugar. A chapada zoo era terrivelmente bela e assustadora vista dali. A colina em que nunca ninguém pisou, a colina de fogo, que besteira. Mas não deixava de ser fascinante.

Marta trouxe a bebida, Gabriel estava se contendo como alguém que precisa cagar mas segura a bosta, ele estava quase explodindo, Quanto a mim. Por incrível que pareça até esqueci que sou nervoso.

Bebi de um só gole.

- Eu faço- disse eu quebrando o silêncio- Eu trago o livro para ti, mas não vou matar o Roger.

Gabriel ficou processado.

- Mas que sentimentalismo barato é esse (seu tom de voz se elevava a cada sílaba proferida), você é um troglodita assassino, não tem cérebro nem sentimentos e se recusa a matar um traidor e uma vadia filha de outra vadia que vai trazer outras vadias, e vadias para a terra. EU TE ORDENO (seu grito foi tão alto, forte e agressivo que fez os pássaros gemerem).

- Você não ordena porra nenhuma, você pode me julgar como quiser, me ofender, eu não ligo. Porque você sabe que EU SOU O LOBO, gritei. E que ninguém é páreo para mim. Por isso me trouxe aqui.

- Um milhão pelo livro então grande lobão.

- Feito!

Ele me entregou a maleta, nem fiz questão de contar, apertou minha mão muito forte, nunca tinha feito isso. Olhando no fundo dos meus olhos ele disse:

- Espero que tenha uma vida satisfatória e que apague esse

Passado imundo.

Eu quase acreditei em Henrique Gabriel.

Virei às costas e fui em direção a saída, com a mala. Sou justo, realmente traria o livro, mas não podia matar Roger Mattos, não depois de tudo que ele fez por mim.

De repente de súbito, uma calma espectral se apossou do meu espírito, estava tão leve que poderia voar.

Não era mais um cara nervoso.

- Tem mais uma coisa. Disse Gabriel. Eu me virei em sua direção.

Ele segurava uma pistola na mão.

- Ninguém diz não pra mim.

Ouvi o estouro e minha cabeça se espatifou, e tudo se perdeu na escuridão infinita.

#####

Gabriel faz um telefonema para Wagner avisando que mudariam de plano.

Depois liga para outro homem.

- Quero dois homens assassinos profissionais para matar Roger Mattos e Daniele Silveira e me trazer o livro. O lobo? Já está morto, dessa vez de corpo também.

Gabriel faz uma terceira ligação.

- Meu caro detetive, disse- me que tinha um recado, mas eu estava ocupado.

A voz do outro lado responde:

- Sim, temos o paradeiro de um dos livros, está com a irmã da inglesa morta em 1989.

- Ótimo muito bom o seu trabalho detetive, é sempre bom contar com a polícia.

- Marta, tire esse lixo da minha sala, vai começar a feder logo.

Data : 01/01/2011

Título : À Ninguém

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: É preciso dizer primordialmente que eu sempre fui verdadeiro
Mesmo quando menti.

À ninguém

É preciso dizer primordialmente que eu sempre fui verdadeiro
Mesmo quando menti.

O conceito certo-errado e os critérios de avaliação de cada um,
Não levam a nada, senão ao conflito e a
Verdade absoluta de um ignorante.

Verdade e mentira,
Tal como generosidade e sadismo são sinônimos
Por isso não me interessa discussão alguma.
Discussão não esclarece nada, nunca.
E as pessoas perdem tempo
Conversando sobre os pontos que divergem.
Ou brigam ou fingem
Pra acabar bem.

Desse ponto de vista,
Não aceitaria em hipótese alguma ser julgado.
Mas julguei indiscriminadamente e puni impunemente.
Mas se me considero culpado? Não
Se me arrependo? Sim

Data : 01/01/2010

Título : A Partida

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Quando esse sino tocar Estarei de volta à estrada

A Partida

Quando esse sino tocar
Estarei de volta à estrada
Com a mala cheia de tóxicos ilegais
E um sorriso tragicômico na cara
E uma garrafa deslacrada

Se eu ultrapassar a linha
O trem pode me pegar
Antes do eclipse lunar
Já que a evolução inibe o homem de pensar
Contrataram uma maquina assassina
Para me perseguir

E eu estava em paz com a minha garota
Em algum lugar
Até o pai dela chegar
E testemunhar a gente brincando com a mala
Sem se preocupar

E agora não vai dar
Pois todos estão lá a me esperar
E da minha garota vou me despedir
Pois eles estão lá
E eu estou aqui
Até o trem chegar!

Data : 01/01/2010

Título : A Praça das Ilusões

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Porque ainda estão todos aqui? Muito bem. Mas, caminhando no corredor eu li. A morte e a Lei...

A Praça das Ilusões

Porque ainda estão todos aqui? Muito bem.

Mas, caminhando no corredor eu li. A morte e a Lei

Eu não vou ficar parado

E nem quero andar pra traz

Ma, olhando desse lado

Sei lá!

Será?

Aqui falar é ser plagiado

E não vou mais cantar

Melhor ficar calado

Um cão negro late mais afinado

Que um cordeiro negro à deriva

Recolham os cacos, só pra recordar

Deixem as crianças na sala, mesmo quando a sessão começar

E vamos tentar, só por tentar

Eu não tenho mais nada pra dissimular!

Data : 01/01/2012

Título : A SABEDORIA

Sub Sub Categoria: Pensamentos

Descrição: A SABEDORIA DIS...

A SABEDORIA DISPENSA ELOGIOS.

Data : 10/11/2013

Título : A última forma de expressão

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Orgulho ariano desmistificado Agora sou é um peixe sem nadadeiras

A última forma de expressão

Orgulho ariano desmistificado

Agora sou é um peixe sem nadadeiras

Um intervalo que tenho classificado

Defina a matéria, eu seco, engulo poeira

Estava longe de morrer

Como eu estava longe de morrer

Perto demais para entender que eu iria

Um dia, nas montanhas da loucura

No meu despertar;

Nada polido, descartado num canto como um animal

Pisado humilhado e subjugado

E sem me importar, até tenho cólica de tanto rir

Sem necessidade de rimar

Muito pouco afetivo para chorar

Na floresta, nas correntes elétricas
Nas cavernas de corais
Num galho seco;
Estou sentado à beira da minha cólica
Minha desajustada forma de andar
Minha fala comprometida pelos anos em que eu fiquei mudo
Mudo novamente, a cada dia, a cada hora, mudo, mudo, mudo
Metamorfoseando-me sem parar eu apenas mudo
E para o mundo estou mudo
Por enquanto.

Data : 24/06/2016

Título : A vida é injusta e desleal

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: Capital de... Dias atuais As rondas noturnas quase sempre eram mais entediantes que as diárias.

A vida é injusta e desleal

Capital de...

Dias atuais

As rondas noturnas quase sempre eram mais entediantes que as diárias. Abordar maconheiros e bater em usuários de crack já tinha perdido a graça há muito tempo. Invadir as favelas atirando contra qualquer um já era como jogar videogame, e o cabo Fernando estava velho demais para jogar. Num país como esse, ter uma farda deveria significar muito, e significava, só que não mais para o velho cabo Fernando. Junto ao cabo Carlos, rodava pelas ruas e avenidas da capital, apenas esperando o turno acabar.

Às vezes fazia bem descarregar uma F12 num viciado miserável qualquer e descartar o corpo num mato, ou simplesmente deixa-lo no lugar mesmo. Matar noiados era fazer uma limpeza social. Quem se importa com a crise econômica quando se é impotente para lutar por direitos, E só consegue se concentrar no trabalho para garantir a sobrevivência. Ninguém entedia ou ligava para o sistema.

Jodison ligava para o sistema. De computadores, é claro. Desde os 8 anos passava praticamente o tempo todo na frente de um PC. Os pais o consideravam um gênio. E se tratando de informática, ele era. Ganhava muito dinheiro como programador entre outras tarefas. Muito dinheiro, mas para quê?

Desde crianças as meninas só zombavam dele. Suas espinhas, seu nariz, sua língua presa. Ele escrevia também, muito melhor do que muitos autores consagrados, mas não mostrava nada para ninguém. Se ao menos alguém soubesse que por traz daquele jeito estranho havia um cara amável, inteligente, criativo. Não era isso que as garotas queriam? Não, definitivamente não. Sempre pensava que apareceria alguma com quem ele conseguisse se expressar.

Já havia tentado de tudo: Encontros frustrantes, com garotas que ele conhecia pela internet, deixar o cabelo crescer, jogar futebol, tocar piano, dirigir o carro que comprou com o seu próprio dinheiro, quando completou dezoito anos. E ele conseguia fazer tudo isso muito bem, menos atrair mulheres. Também não tinha amigos, apenas alguns contatos virtuais com quem conversava online sobre coisas banais. Procurou um psiquiatra que disse que não havia nada de errado com ele, nada grave. Apenas ansiedade tamanha que ele tinha medo de se expressar. Prescreveu uns medicamentos, o que deixou o jovem muito esperançoso. Mas as drogas não faziam efeito e parou de tomar.

Quando ingressou na faculdade de ciências da computação, (onde sabia mais que os professores) achou que nem tudo estava perdido. Como na escola, também sofria boolling. Na faculdade era chamado de sequelado, devido ao seu jeito esquisito de ser. Ninguém dizia nada na cara, mas ele sabia, (já havia escutado), que se referiam a ele como: "o retardado".

Mas ele conheceu uma garota. Jaqueline era bonita, inteligente, sensível e amável. Ela se aproximou de Jodison, foi a única garota com quem ele não ficava reprimido. Os dois conversavam muito e tinham muitas coisas em comum. Na companhia dela, Jodison se sentia mais seguro e começou a reagir quando era ofendido. Jaqueline também o defendia. Ele estava mais seguro e menos deprimido, havia um arsenal de alegria dentro de si, bem no fundo. E estava prestes a explodir.

A vida pela primeira vez tinha ganhado cor. Sentia-se frequentemente bem. Saíam juntos e Jodison ficava emocionado quando ela falava dos seus ex-namorados. Como eram fúteis, machistas e canalhas. Jodison não era nada disso, talvez ele fosse o tipo dela. Mas um dia, sob o efeito do vinho (Jadison nunca bebia, por isso bastaram alguns goles para ele ficar desinibido ao ponto de tentar beijá-la). Mas ela recuou.

- Pensei que gostasse de mim, disse ele.

Ela acariciou seu rosto com uma ternura materna.

- Eu adoro você Jadison, porém como amigo.

Jadison não tinha inteligência emocional para encarar aquilo.

Ele se afastou de tudo. Jaqueline tentava contato com ele, mas sem resultado. Ele abandonou a faculdade e passava os dias no seu quarto escuro, trabalhando e escrevendo poemas que ninguém lia. Começou a fumar e abandonou de vez os ansiolíticos. Seus pais não notaram nada de diferente nele, pois sempre fora reservado e calado. E não se importavam com a faculdade, pois o filho ganhava

muito bem com o seu trabalho. E ainda trabalhava, praticamente só em casa, no seu quarto escuro. Um tempo depois começou a fumar ainda mais e evitar ao máximo utilizar o PC, nem mesmo para entrar na internet.

Passava noites na sacada, olhando para o céu, para baixo e fumando sem parar.

#####

Naquela noite, (já era de madrugada). Jodison decidiu descer e fumar um cigarro na rua. Nunca tinha sentido a noite na rua. A violência ali não o assustava. Fumava aflito na porta do prédio, quando viu uma viatura se aproximando muito devagar, sondando uma garota.

Ela parecia muito abalada e estava seminua naquele frio, vestia só um sobretudo marrom. Os policiais pareciam mal-intencionados. Dentro da viatura Carlos tentava convencer o colega a se divertir com a moça. Fernando, prestes a se aposentar contrariou. Mas o jovem policial estava obstinado. Apesar de parecer usuária de crack, ela era a mulher mais linda e gostosa que Carlos já tinha visto. Não poderia perder a oportunidade. Quando a viatura e a garota passaram em frente do prédio ela agarrou o braço de Jodison.

- Vamos subir amor, disse ela.

"Vamos, disse Carlos ao cabo Fernando. Mexer com playboy é sujeira" E a viatura se foi muito rápida.

Ela era realmente linda.

Jodison ficou encabulado, embaraçado.

- Olha moça, eu...

- Cara me deixa subir, preciso de ajuda, estão me caçando.

- A polícia?

- Não, gente ainda pior.

Jodison, como todo o adolescente virgem assistia muita pornografia, por isso reconheceu a garota e se excitou imediatamente.

- Você é...

- Dany, sim.

Era uma atriz de filmes pornográficos, conhecida mundialmente pelos filmes do produtor Roger Mattos.

- Vamos, qual é o andar?

- 33.

Dany estava horrorizada, parecia ter usado crack, mas era cocaína e álcool.

Os pais de Jodison ficaram até felizes ao ouvir a voz de uma garota, "Finalmente", disse o pai baixinho e voltaram a dormir fingindo não ter ouvido nada.

Jodison tremia convulsivamente e ao entrar no quarto começou a mexer na caixa de comprimidos.

- O que é isso, perguntou Dany ligando o PC.

- Lexotam.

Dany pediu um, mas tomou logo quatro.

- Você cheira? Perguntou ela olhando fixamente para o PC, como se Jodison nem estivesse ali.

- Às vezes, mentiu ele.

Ela ficou mexendo no PC em silêncio, estava muito tensa e elétrica e Jodison não conseguia falar nada por mais que tentasse. Já tinha se masturbado umas 700 vezes assistindo os vídeos de Daniele Silveira.

Era seu fã, sabia tudo sobre ela, mas naquele momento estava petrificado e não conseguia acreditar que ela estava no seu quarto em matéria viva.

O silêncio era agônico e perdurou por uns 15 minutos, até que ela acabou de fazer o que precisava no PC e olhou para Jodison que permanecia sentado na cama

- Quantos anos você tem?

- 22.

- Nossa, eu também...

Jodison só olhava para os seios dela, despídos.

- Mês?

- Julho, respondeu o garoto que pensava estar delirando.

- Você é câncer, legal, eu sou geminiana.

Jodison tentou fingir interesse, não ligava a mínima para astrologia.

- Você é virgem, certo?

- Não sei nada de astrologia, mas você não disse que era câncer.

A garota riu espontânea e carinhosamente sutil.

- Não, seu bobo, perguntei se você é virgem, sabe...

Ela tirou o sobretudo ficando completamente nua diante do rapaz. Subiu em cima dele e começou a lamber seu pescoço, mas em menos de um minuto ele ejaculou.

- Ops. Acontece, acredita em mim, acontece com muitos caras, disse ela com muita naturalidade.

- Merda, eu tô morta. Ela estava de novo diante do PC.

Jodison estava chorando como um bebê.

Danieli deitou na cama e o abraçou. O dia amanheceu nublado, o quarto todo revirado e nada dela. Não tinha levado nada além de uma camiseta. Ele precisava de um cigarro. Por sorte havia sobrado um.

Olhou para o computador, tinha uma mensagem: Estou indo para Dona Esmeralda, a gente se vê gatinho, bjs... Ele foi para sacada do quarto. O céu estava nublado, pássaros e pombos voavam por entre os prédios.

"Era injusto não poder voar".

"Era injusto ser desleal e leviano com os outros".

Contemplou o alvorecer como nunca tinha se permitido antes.

Depois subiu na grade da sacada. E de costas se deixou cair.

Data : 01/01/2009

Título : Ácido Gástrico

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Quando foi que eu pedi, oh pobre feto Pra ser fútil e merecer o inferno...

Ácido Gástrico

Quando foi que eu pedi, oh pobre feto

Pra ser fútil e merecer o inferno

Não me ajoelho, não rezo

Ajoelhar-se é morrer

Todos sabem o que é certo e errado

Mas, ninguém vê nada ao lado

Mas, no dia da noite do dia

Entenderão todos a profecia

E o feto morto, jogado no lixo

Poderá, enfim, iluminar um novo dia!

Data : 01/01/2011

Título : Ajoelhado

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Eu quero a sorte de perder Azarar, obter o teu prazer

Ajoelhado

Eu quero a sorte de perder
Azarar, obter o teu prazer
Troca de energia
Da mansão dos mortos, à euforia

Presos no intervalo
Nada a declarar
Limito-me a pensar
Sou o ser forasteiro da custódia

O missionário que prega a desordem
Quero parecer assim
Jovem em pé
Correndo dos Alpes ao Guaporé

E não como tu
Tão cansado
Velho, aflito
E ajoelhado

Data : 01/01/2011

Título : Amar

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Será que pode entender o preconceito? É quase tão difícil quanto definir o azul do céu

Amar

Será que pode entender o preconceito?

É quase tão difícil quanto definir o azul do céu

Será tão fácil ter tanto amor?

Não!

E não ligo pra isso

Eu sou isso

E poucos poderão entender o que isso realmente significa...

Data : 01/01/2011

Título : Amor

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Talvez não exista amor em mim

Amor

Talvez não exista amor em mim

Ou talvez exista tanto

Que nem suporte mais senti-lo

Data : 01/01/2011

Título : Anjos

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Como deve ter sido em Sodoma Como o elefante que toca

Anjos

Como deve ter sido em Sodoma

Como o elefante que toca

A sétima trombeta

Com sua calda tromba

Mortíferos anjos do apocalipse

Vestem as mesmas vestes

Comem o mesmo pão

E assim padecem

Nus em solidão

Data : 01/01/2013

Título : APRENDER

Sub Sub Categoria: Pensamentos

Descrição: APRENDER, EN...

APRENDER, ENTENDER E AMANHECER...

Data : 01/01/2011

Título : Aranhas

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: De um lado o rio Do outro o deserto

Aranhas

De um lado o rio

Do outro o deserto

Acima o céu avermelhado

Que jamais era diferente nos finais de tarde de verão

Lá embaixo na área Saloom

Tudo incendiava o tempo todo

Ruas congestionadas

De bêbados, viciados e prostitutas

Sedentas e atraentes

As “armadeiras”

Como haviam sido carinhosamente apelidadas.

Data : 01/01/2010

Título : Armadeira

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Seu coração é uma citara suspensa no ar Tão logo alguém a toca, ela ecoa...

Armadeira

Seu coração é uma citara suspensa no ar
Tão logo alguém a toca, ela ecoa
Mas sua voz nunca expressa sua repercussão
Nem seus olhos.

Ela os trai, e vos matai
Ela dança ao som de sua própria indiferença
Ela é gelo, ela te queima

Mas seus tons equivocados não serão sua crença
Ela te ostenta, mas é livremente amordaçada na sua duvida
Mas não se preocupa, pois ela os têm
Unidos entre si, mas desfragmentados em sua mente metódica.

Você será seu segredo
Você será seu segredo
Você será seu segredo

E o próximo será seu aprendiz, por intermédio dela
Porque ela não sabe amar
Porque ela é o amor
Porque ela não existe!

Data : 01/01/2010

Título : As Três Tias Cegas

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Eu já morri nessa vida. Ressurgi com uma manobra forçada...

As três tias cegas

Eu já morri nessa vida.

Ressurgi com uma manobra forçada

Eu já caí numa ruela imunda

Já suei, soei como um sino do entardecer;

Eu já fui um bom menino

Eu já me conheci

Eu já fui um marginal

Eu já fui um javali.

Já dobrei o vento em curvas aflitas

Espantei pestes antigas

Ouvi os segredos

Das três tias do horizonte cego.

Eu já comi

Já morri

Nasci reanimador e voltei

Mas eu nunca vi num lugar

O que eu tento, tento encontrar

Tanto, tanto.

Ano : 2020

Título : Ausência

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: Antony recebe um livro...

Ausência

Dormia sereno em seu pequeno quarto humano, quando acordou com três batidas na porta. Levou alguns segundos para acordar e para se conscientizar do que estava acontecendo. Talvez se fosse mais rápido ao abrir a porta, teria visto alguma coisa. Mas, assim como foi, tudo que encontrou foi uma caixa deixada no chão. Sem pressa abriu a encomenda. Nada demais, apenas um livro. Bem velho, por sinal. Não foi capaz de imaginar do que se tratava, mesmo assim, fez questão de analisar o tal conteúdo, mas era em uma língua que ele desconhecia. “Mas o que será isso?” Não lembrava de ter encomendado nada. Aliás, nunca comprou um livro pelo correio. Alguém só podia estar de sacanagem com ele. Talvez um dos poucos amigos que tinha. Mas, qual deles? Foleou o livro, página por página. Era um exemplar bem antigo, as folhas estavam amarelas, carcomidas. Não havia nenhuma ilustração, apenas texto. E por mais incrível que aquilo fosse, tratava-se de um manuscrito. Tinha umas 500 páginas pelo menos. O livro tinha uma capa preta, dura, e não continha nem um título estampado nela. Pensou em ligar para o Bruno, isso poderia ser um trabalho dele. Decidiu não ligar, e tirar o amigo da lista de suspeitos. Afinal, de onde ele tiraria uma coisa daquelas, um livro tão singular e excêntrico. Não tinha resposta alguma. Aquilo estava soando bem clichê. O rapaz em questão estava desempregado, tinha uma entrevista de emprego logo mais. Decidiu, quase sem querer, ignorar o livro. Não que não estivesse muito curioso e perturbado com aquele manuscrito. Não entendia nada de papéis, mas certamente as folhas do livro eram de um papel muito velho, e as letras do texto, num idioma desconhecido, pareciam ter sido escritas com pena. “realmente muito estranho”. Mas, já estava na hora de se aprontar para a entrevista. Precisava muito do emprego, uma simples vaga de atendente em uma loja de materiais de construção. “Quem mandou não estudar”, “quem mandou não ouvir a sua mãe”.

Sendo assim, deixou o livro para lá, em cima da escrivaninha, e partiu.

Estava disposto a fazer o que quer que fosse por aquele emprego. Não se importava se teria que trabalhar como um escravo, pelo menos teria como sobreviver.

Por isso partiu. Depois daria mais uma olhada.

No caminho, esqueceu do ocorrido. Havia muitos candidatos para uma só vaga e isso deixou o jovem homem sem muitas expectativas. Logo, se não fosse

contratado, iria continuar a luta atrás de um emprego. E tudo deu errado mesmo! Não conseguiu o emprego. Era desqualificado para a vaga.

No caminho de volta, passou por um sebo e teve a ideia de vender o livro. Poderia valer alguns trocados, pois era muito velho e obras assim costumam ser raridades. Foi até em casa e buscou o manuscrito.

No sebo, o experiente vendedor ficou realmente impressionado com o que viu. E ofereceu 300 pelo livro. Sem pechincha. Desesperado, o homem decidiu vender o livro, mesmo sabendo que poderia ganhar muito mais em outro lugar.

O velho vendedor não diria o que sabia. Já tinha visto um daqueles. Conhecia a história que ninguém ousava contar.

Feito o negócio, o homem voltou para casa, mas não sem antes passar no mercado fazer umas compras. Não dava para comprar muito, só o estritamente suficiente.

Mas, ao abrir a porta da sua humilde quitinete, o susto.

Lá estava o livro.

Á princípio não teve reação, ficou ali parado, olhando para o objeto em cima da cama. “como?”

Se refez, tomou um copo de água, lavou o rosto e foi verificar. Era exatamente o mesmo livro, ou outro exatamente igual.

Precisava contar aquilo pra alguém, então ligou para o Bruno.

Ele ficou de passar em sua casa, ver pessoalmente do que se tratava aquilo.

Enquanto isso, o homem ficou analisando o livro mais atentamente.

Não achou nada que o chamasse a atenção, não havia nenhuma palavra em um idioma que ele conhecesse. Nem era capaz de supor qual era a língua. Mas não era inglês, português, nem japonês, chinês, coreano ou árabe. Estava mais para uma língua escandinava. Russo, ou polonês? Talvez. Não tinha como saber ao certo.

Bruno chegou e encontrou o amigo debruçado, focado no livro.

- Então é isso, só um livro idiota?

- Não é só um livro, não.

- Pois, parece que é.

- Eu recebi hoje de manhã. Á tarde vendi para um sebo, quando cheguei em casa ele estava aí de novo.

Antony, há quanto tempo nos conhecemos, doze, quinze anos?

É, acho que é por aí.

- Eu sei que você tem passado o inferno desde que tudo aquilo aconteceu, mas...

- Bruno, seu idiota. Não tem nada a ver com aquilo.

- Tá. Você está me dizendo que esse livro tem vida própria.

- Não. Mas não tenho como explicar isso. Eu vendi para um velho, lá do sebo. Espera...

- O que?

- Acho que tenho que voltar lá. Talvez aquele velho tenha algumas informações úteis nesse momento.

- OK, vou com você então.

Os dois partiram rumo ao sebo do velho, ficava a alguns quilômetros, mas eles não tinham carro, foram andando, nem era tão longe.

Ao chegara no sebo, este estava fechado.

- Como assim, disse Antony. – Eu acabei de vir aqui, não faz nem duas horas.

- Pelo visto o dono decidiu fechar.

- Não. Espera aí.

Antony forçou a porta, não estava trancada.

Os dois entraram na loja e encontraram o velho no chão, em uma poça de sangue. Não havia sinal do tal livro.

- Isso não pode estar acontecendo. Disse Antony, checando o pulso do velho.

-Ele está morto, disse enfim.

Bruno não sabia o que falar, estava realmente confuso.

- Estamos correndo risco. Pelo menos, eu estou, disse Antony.

- Calma aí. Temos que avisar a polícia, alguém matou esse cara a golpes de... nem sei o que...

- Nada disso. Nada de polícia, não lembra do meu histórico?

- Temos que achar o livro, então, disse Bruno, tentando não demonstrar que estava desesperado.

- Mas, que livro, porra. Tá na cara que quem fez isso levou o livro.

- Mas, e o seu exemplar, não está querendo dizer que é o mesmo.

- Vamos sair daqui.

Voltaram para a casa de Antony e o que encontraram lá: Nada!

Nenhum dos dois tinha palavras para aquilo.

- Quem é o autor? Perguntou Bruno enfim.

- Não sei, não dizia nada na capa, você mesmo viu o livro.

- Claro que eu reparei nos mínimos detalhes, ironizou o Bruno.

Novamente o silêncio.

Até que Bruno começou.

- Lembra do que aconteceu?

- Claro que sim. Responde Antony firmemente.

- O desmaio na escola...

- Sim...

- Você acordou falando outra língua, um idioma desconhecido, e depois de um tempo começou a falar de dimensões paralelas.
- O que isso tem a ver? Respondeu Antony irritado.
- Você começou a escrever sobre coisas. Textos que não mostrava pra ninguém.
- Aonde quer chegar Bruno?
- Até o seu subconsciente.
- Não estou entendendo, como assim.
- Espera, eu estou lembrando de uma coisa, disse Antony, parecendo um misto de confusão e perturbação.
- Conta - disse o amigo.
- Meus apagões, os que eu tinha na escola. Eles nunca pararam.
- E?
- Aquele velho tentou me enganar.
- Trezentos pelo livro, só isso.
- O livro que você escreveu. Depois voltou lá no sebo para renegociar, e então.
- O velho sabia demais, e acho que você sabe também. Dito isso, pulou em cima do amigo e o estrangulou.

Data : 01/01/2010

Título : Canção da mata...

Sub Sub Categoria: Letras de Música

Descrição: ...

Canção da mata

Ela é selvagem

E pegou um trem

Ela foi pro diabo

Fez dele um refém

Ela é selvagem

Ela foi para o Chile

Ela foi sem bagagem
Nos restou a Joinville

Data : 01/01/2011

Título : Cárcere

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Riam seus macacos! Afinal o que nos resta?

Cárcere

Riam seus macacos!
Afinal o que nos resta?
Quem tem outra vida?
Quem nos tira essa?
Quem nos imita?

Se no mais profundo dos vales
Encarcerado estou
O gelo corta a garganta do sementeiro
E inventa uma nova forma de escrever
Com a paz da guerra e sem amor

Data : 01/01/2011

Título : Carregado

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Sorrateiros oportunistas Conspirações ortodoxas

Carregado

Sorrateiros oportunistas

Conspirações ortodoxas

Cientistas neo freudianos

Anarcoalienídeos

Sementes, ovas da serpente

Giram na tempestade

Na floresta do seu quintal

E sigo pro sul

O céu carregado

Não me importo com o sistema

Nada nunca vai mudar

Perdi a letra, a rima

Vago só, sem precisão alguma

A não ser de chuva

Data : 01/01/2013

Título : Cemitério

Sub Sub Categoria: Letras de Música

Descrição: Por que você reclama da sua vizinhança? Talvez porque eu não tenha nenhuma herança

Letra já musicada pelo autor

Por que você reclama da sua vizinhança?
Talvez porque eu não tenha nenhuma herança
Mas, você vai estar lá com todo o seu critério
No cemitério
Você ainda não percebeu que é mais um morto vivo
É tão perturbador, mas eu insisto
O monumento estampado na tua cara
Mas você é muito cego e não repara

Lá no cemitério é boa a vizinhança
Ninguém nunca tarda e ninguém reclama
Uma dupla de corvos a duetar
E você reclamava da minha guitarra

Data : 01/01/2011

Título : Cidade das Feiticeiras

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Vou embora para a cidade das feiticeiras Serei parte do seu caldeirão borbulhante...

Cidade das Feiticeiras

Vou embora para a cidade das feiticeiras
Serei parte do seu caldeirão borbulhante
Pois eu sou o peixe sem nadadeiras
Que vacila no tempo e tomba cambaleante

Desse equivoco que me trouxe a viver

Plantei tudo de puro
Mas nada voltou ao ser
Tudo é maldade, o solo é duro

O desejo de uma garota
Não posso impedi-las
Preciso deixar que seja tola
Sua libido a dita

Num pônei de ar aflito
Pro mar eu me guio
Atravesso o soberbo oceano sangrento
Que me anestesia

Preciso ouvir o sarcástico riso
Das amaldiçoadas
A cidade das feiticeiras
Leais como a morte

Data : 01/01/2009

Título : Coisas, Pessoas, Coisas

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Essas pessoas, o que elas querem de mim?

Coisas, pessoas, coisas

Essas pessoas, o que elas querem de mim?
Querem tudo que eu nem tenho, querem meu fim

Querem o que eu faço, quero o que eu sou
Querem meu espaço, querem estar onde estou

Mas, nada disso eu tenho
Mesmo assim, essas pessoas estranhas
O que querem de mim?
Essas pessoas!

Quando irão ter noção
Que a vida é só um lapso da ilusão
E quem diz que mentiras são em vão
Mesmo mentindo, tem sempre razão

De todas as pessoas que eu conheço
De todas as pessoas com quem eu falo
Eu não consigo aproveitar, nada
Não esperem então, nada de mim!

Data : 01/01/2011

Título : Confinado

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: A dor já não importa mais Morrer não dói

Confinado

A dor já não importa mais

Morrer não dói

Ficar confinado sim

A melhor frase já foi escrita por mim

Sem pressa ouça a sintonia

Em perfeita simetria

Não me leve a mal

Mas eu vou explodir!

Data : 01/01/2011

Título : Corpos

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: O corpo que quer O sangue que jorra...

Corpos

O corpo que quer

O sangue que jorra

A menina é mulher

Mas só quando chora

O poço em que cai

A voz que o ignora

A mulher é homem

Mas só quando implora

Data : 01/01/2009

Título : Corpos no Gelo

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Hoje, aqui, foi fácil assim encontrar Corpos no gelo, sempre vão queimar...

Corpos no Gelo

Hoje, aqui, foi fácil assim encontrar
Corpos no gelo, sempre vão queimar
Esquecer tudo que se aprendeu
No relógio, outra razão pra correr. Correr!

Para onde? Para onde está andando, o que vê?
E o que você está cantando sem saber, por quê?
Sem subterfúgios, você pode me dizer?
O que fez essa obsessão crescer?

Eu estou tentando!
Eu estou tentando!

Se for apagar, já vejo o branco do céu
Mas, em cores que ninguém tem
Pode afirmar que o caos tem gosto de mel?
Pode ver o que vêem?

Eu estou tentando!
Eu estou tentando!

Menino, não seja um escravo porque você não sabe
Não entre no tubo só porque ele entrou
Ou acenda uma luz
Porque outra se apagou!

Data : 01/01/2013

Título : Cotard

Sub Sub Categoria: Letras de Música

Descrição: NÃO OUVIA NADA NÃO DIZIA NADA NÃO COSPIA EM NADA

Letra já musicadas pelo autor
NÃO OUVIA NADA
NÃO DIZIA NADA
NÃO COSPIA EM NADA

NÃO DORMIA NADA
NÃO BEBIA NADA
NÃO SONHAVA COM NADA

Não saia pra nada
Não fodia COM nada
Não esperava POR nada

Não servia pra nada
Sem doutrinas, nada
Filosofia do nada

PEGUE ESSE CORPO E JOGUE NO RIO

EM JULHO OU AGOSTO ELE NÃO SENTE FRIO
NASCEU POR VENUS, MAS NÃO DESCOBRIU
EM CASA JÁ MORTAS AS FLORES DE ABRIL

ELE SORRIA DO NADA
ELE COMIA POR NADA
RESPIRAVA PRA NADA

NÃO ESCREVIA NADA
NÃO CANTAVA NADA
NÃO LUTAVA POR NADA

NAO ACREDITAVA EM NADA
NÃO SAIA PRA NADA
FILOSOFIA DO NADA

PEGUE ESSE CORPO E JOGUE NO RIO
EM JULHO OU AGOSTO ELE NÃO SENTE FRIO
REGIDO POR VENUS, NINGUEM NEM O VIU
EM CASA JÁ MORTAS AS FLORES DE ABRIL

Data : 01/01/2011

Título : Crianças Prepotentes

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Meu ódio cresce enquanto eu vomito. Seu mundo medíocre e vazio, e como vivem suas vidas nojentas...

Crianças Prepotentes

Meu ódio cresce enquanto eu vomito.

Seu mundo medíocre e vazio, e como vivem suas vidas nojentas
Acreditando saber alguma coisa.
Esperando a liberdade
Mas já estão mortos
Humilhados em uma parede de gelo

Deitei-me em um canto!
Das suas ruas imundas, cheia de lixo
Habitados por seres que não acreditam em nada.
Ou acreditam em revolução pacífica,
Sementes férteis plantadas do estrume da ignorância
Que os torna alegres.

Caminhei por um atalho
Até encontrar o bosque
Fui até o meio, tinha um poço
Lá estavam seus cérebros em conserva.

Data : 25/10/2012

Título : Crianças...

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Hoje nós vamos permanecer na sala quando a sessão começar

Crianças...

Hoje nós vamos permanecer na sala quando a sessão começar
Porque as coisas que eles queriam esconder de nós não são mais segredo
Foram compartilhadas por algum idiota

Eu peço que nenhum engraçadinho conte esse filme para quem ainda não viu
E permaneçam em silêncio até o termino da exibição
Ah, e, por favor, não vão reclamar pelo filme ser em preto-e branco e legendado.
Nem pensem em falar da trilha sonora
E nem cogitem que o formato da tela seja uma pirâmide
Ou que há um olho enigmático (ou nem tanto) no meio da tela durante a exibição
Nem falem o que vocês acharam do filme agora, postem amanhã no Facebook
Crianças, crianças, esse filme é tão velho que os negativos estão empoeirados
e ele vai travar o tempo todo e nunca vai sair do lugar.
E é tão simples que vocês não poderão entender
Mas lembrem-se crianças, lembrem-se dessas palavras, porque esse velho
idiota bebê não vai estar aqui por muito tempo:
Tudo que vocês virem de belo nessa película, as Árvores florescendo, os rios tão
limpos, essas pessoas cantando felizes...
Crianças, crianças, são só os efeitos especiais!!

Data : 01/01/2011

Título : Dança do Fogo

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Anel de fogo que dança no ar Sugando a insignificância dos mortais

Dança do Fogo

Anel de fogo que dança no ar
Sugando a insignificância dos mortais
Toque o muro do meu coração
E faça tudo isso acabar

Eu quero queimar a minha língua
Na tua noite soberana
Que só tua luz ilumina
E que o leigo engana

Essa luz eu seguirei
Até o dia de tocar
Com minha língua molhada
Tua chama acesa no ar

Ela me deixou no descanso da fantasia
E me disse sobre a euforia
E me mostrou isso um tanto
E eu a consumi
E ela me gastou
Até desapareci
Ao tocar com um fio a pente
Por um fio caí
Caí, até aqui
Sem graça pra rimar

Data : 25/10/2012

Título : Desagradável

Sub Sub Categoria: Pensamentos

Descrição: Se eu digo que só as crianças são inteligentes. Se eu digo que a vida é um produto da morte.

Desagradável

Se eu digo que só as crianças são inteligentes.

Se eu digo que a vida é um produto da morte.

Se eu digo que quadros são objetos inúteis.

Se e digo que romances são chatos, e que os poemas mais curtos são os melhores e que uma só frase pode ter mais significados que mil frases..

Se eu digo que teoria é inútil sem ação.

Se eu digo que anarquia é utopia.

Se eu digo o comunismo é besteira.
Se eu digo que o capitalismo vai destruir a lua e marte em pouco tempo.
Se eu digo que eu não sei de nada.
Se eu digo que você também não sabe.
Se eu digo que você não entende nada que eu digo.
E se eu digo que é tudo um saco de merda esperando algum inseto idiota.
Se eu digo a única forma de amar é altruísta.
Se eu digo que ninguém muda.
Se eu digo que nada muda nunca.
Se eu digo que a única verdade é que é tudo mentira.
Se eu digo que toda vontade abriga a ideia do fracasso total.
Se eu digo que o propósito da existência é terminar.
Se eu digo que a felicidade é comprável sim, mas ela não é tão cara.
Se eu digo que a felicidade plena é uma ilusão.
Se eu digo que os heróis são uns merdas.
Se eu digo que essa preposição anula qualquer possibilidade.
Se eu digo que eu não odeio mais nada.
Se eu digo que não se importar é a única coisa que importa.
Se eu digo que você deve evitar os vinhos baratos.
Se eu digo o melhor nos livros é o silêncio.
Se eu digo que mãe de verdade é a só a minha e a mãe loba.
Se eu digo que os pais quase sempre acabam por destruir a sua criação.
Se eu digo que as pessoas não são iguais.
Se eu digo que os olhos de um poeta são os portões do inferno.
Se eu digo que cansei.
Se eu digo que você vai cansar também.
Eu posso estar errado.
Mas e você?

Ano : 2020

Título : Desce?

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: No elevador lunar...

DESCE?

- Para que andar você vai?
- O que, aonde estou?
- Ao que parece, dentro de um elevador.
- Isso parece mesmo um elevador. Mas, eu não lembro como vim parar aqui.
- Para que andar você vai?
- Não sei.
- Não sabe? Tem que saber, todos estamos indo para algum lugar.

Tinha mais três pessoas ali, além dele e da moça que lhe questionava o destino. Um homem bem mais velho, um adolescente e uma outra mulher, na faixa dos 30.

- Temos que decidir o que fazer com o tempo que nos é dado, sabia?

Quem disse isso foi o homem mais velho que apertou o número 247.

- Quantos andares tem esse prédio?
- Isso aqui não é um prédio. Apenas um elevador. A moça sorriu.
- E elevadores não ficam em edifícios?
- Esse não.
- Não estou entendendo, o que está acontecendo aqui?
- Para que andar o senhor vai? Insistiu a moça.
- Quero saber como vim parar aqui.
- Você entrou aqui, por livre e espontânea vontade, disse o adolescente que estava sentado no chão.
- Sim, entrou aqui há exatos 38 minutos e 29 segundos.
- Espera, disse a mulher. – Em que andar você embarcou mesmo?

O homem mais velho disse:

- Isso está ficando confuso. Vamos nos apresentar devidamente. Sou Paulo.
- Eu sou Juliano, disse o adolescente.
- Eu sou a Cristiane, disse a mulher na faixa dos trinta.
- Eu sou só a recepcionista, não preciso dizer meu nome. Apenas apertar os botões. Disse a moça.
- E você, perguntou Paulo ao homem sem memória.
- Eu costumava me chamar me chamar André. Mas, nem sei mais.

- Até onde vai esse elevador? Perguntou André.

A recepcionista sorriu, ela vestia uma roupa estilo executiva.

- Não sabemos ao certo. Eu já fui até o 7.900.

- Mentira! Isso não pode ser verdade. Ele iria até a estratosfera, se fosse assim.

- Á lua, dizem. Disse Paulo.

- Isso é um absurdo, vocês não têm nada para falar? André fitou Cristiane e o jovem Juliano.

- Eu vim aqui atrás de um emprego, vou até o 967 andar, disse Juliano.

- Eu vou até o 1320, mas não interessa a vocês o que vou fazer lá.

A recepcionista sorriu espontaneamente.

- Viu, disse. – Todos estamos indo para algum lugar. Por isso o elevador existe.

- Eu devo estar indo para o hospício, zombou André.

- A ala psiquiátrica fica no andar 345. Estamos subindo, não vai descer até que chegue até o andar mais alto, solicitado.

De repente o elevador para.

- Sobe?

Um homem muito gordo com uma maleta é quem pergunta.

- Sobe, disse prontamente a recepcionista.

Ele entra no elevador.

- Para que andar está indo? Insiste a recepcionista para André.

- Em que andar estamos?

- 321, responde o recém chegado.

- Eu fico aqui. Disse André.

- O que vai fazer nesse andar, é só o necrotério. Eu sou legista. Agora vou para o 789, lá na área de recreação. Vou pegar uma piscina. Disse o recém chegado.

- Para que andar o senhor está...

- Chega! Gritou André. – Eu não sei. Não sei de que andar eu vim, nem para onde vou, isso tudo é uma loucura, eu só posso estar sonhando.

- Não está. Disse Cristiane desinteressada.

- Então é isso? Estou num elevador que vai até a lua, mas não deveria estar aqui, vou esperar ele subir até onde for, depois quero ir pro andar térreo.

- Impossível, disse a recepcionista.

- Por que?

É impossível descer a base térreo quando já se estava num nível tão alto. O senhor só pode voltar até o andar em que estava.

Nisso, o elevador para novamente.

- Desce? Pergunta uma mulher ruiva.

- Não senhora, sobe.

Antes que a recepcionista apertasse o botão para fechar a porta, André salta para fora do elevador.

- Então é aqui que fica, senhor?

André despenca, uma queda interminável.

- Que andar era esse? Pergunta juliano.

- Esse só desce, diz a recepcionista. Andar 401, chamam de Brasil.

- Oh, pobre coitado, era tão jovem!

Data : 01/01/2011

Título : Despreocupado

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Quanto mais eu tento Mais eu me canso

Despreocupado

Quanto mais eu tento

Mais eu me canso

Quanto mais eu canso

Mais eu descanso

E como os cães, sou tolo

E como os gatos, despreocupado

Ou talvez preocupado demais

Nunca os entendi, afinal!

Data : 01/01/2010

Título : Devaneio

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Quando estiver triste Por questões filosoficamente incorretas

Devaneio

Quando estiver triste

Por questões filosoficamente incorretas

Quando tua intolerância

Incumbir-te na solidão

Lembre-se de meus olhos

Fitando os teus

E tuas dores serão suavizadas

Data : 01/01/2010

Título : Dia Sim, Dia Sim

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Dos tempos de inocência eu nem consigo lembrar

Dia Sim, Dia Sim

Dos tempos de inocência eu nem consigo lembrar

Foram-me corrompidas essas idéias

Na medida em que eu me ferrava

E se o homem imaginou o tempo

Isso a fatos qualquer coisa e ninguém é culpado
Digo que sim

Não tenho como provar, mas eu vi
Se você imagina toda a simplicidade de uma criança
Suas limitações enevoadas e a coragem
Assimile de letargia para os outros
Mesmo que pudesse escolher, cresceria?
Envelheceria?

Dia sim, dia sim
Cada noite numa floresta musical
Ou agiria, como um bebê em conserva
Fugindo do cárcere com uma cabeçada no vidro
Iria permanecer sem sentir
O que o ar trás no vento do sul
Mesmo com os ângulos invertidos
Por uma catástrofe

Ano : 2020

Título : Diário de Alana

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: A colina de fogo, capítulo 21

A COLINA DE FOGO (CAPÍTULO 21)

DAMIESM E DAMA ESMERALDA, DIAS DE ATUAIS

Pararam em um restaurante e Alana com muita cara de sono foi hostil e arrogante sem intenção.

- Tire esse pedaço de boi morto do meu prato. Disse isso com uma voz de quem acabava de acordar de um sonho bom e se via no inferno. Sua cara era de repugnância. Rodson, constrangido se desculpou com o garçon.

- Ela não tomou o remedinho hoje. E riu.

- Desculpe, disse Alana levantando a cabeça e os olhos azuis como bolitas brilhantes num poço negro, ela tinha muitas olheiras.

- Sou vegetariana. Tem algum prato sem carne? Olhou com certo desprezo para o namorado que segurava uma baita coxa de galinha e fazia muito barulho para mastigar.

- Desculpe, mas não temos moça. Pode sugerir alguma coisa que eu peço na cozinha, ou...(Ele se abaixou e disse num tom conspiratório, nos ouvidos de Alana, algo que o partão não gostaria que ele dissesse.)

- Há ótimos restaurantes vegetarianos em Dama Esmeralda. Estão indo para lá, certo?

Rodson brincou sem parar de mastigar.

- Essa guria não come há três dias, traz logo algum mato pra ela. E riu muito da piada. Riu sozinho. Rodson fazia as piadas sem se importar com os outros, ria de si mesmo.

- Bem, disse o garçon. Antes da estrada vertical que dá acesso a chapada há uma cidadezinha chamada Damiesm, lá tem uma casa de produtos naturais, e podem dormir lá também, não vão querer subir a serra a noite, acreditem, não vão!

- Ok, pra mim parece ótimo. Disse Rodson esperando uma confirmação da namorada que fez um gesto positivo com a cabeça. O garçon ia se retirando.

- Ei! Rodson o conteve.

- Você não gosta muito do dono desse lugar, né?

O garçon falou naquele tom conspiratório outra vez, abafando a voz com a mão na boca:

- Ele é meu sogro!

E os três riram muito.

- Tá, baby, vê se come e vamos porque estou faminta.

O sol havia desaparecido e as nuvens vindas do leste eram um mal presságio para quem estava na estrada

Alana achou duas barras de cereal no restaurante. Olhou a validade, não estavam vencidas, isso a manteria viva até a tal cidade. À medida que avançavam a vegetação ia mudando, mais escura, o clima mais denso, as árvores muito maiores e a humidade do ar estava congelante. Ela já tinha visto aquilo tudo, já tinha, de alguma forma absurda, estado ali. Não era déjà vu, eram os seus sonhos e as vozes que martelavam a sua cabeça.

- Nossa, como pode mudar tanto a temperatura em poucos quilômetros, hein?

- Estamos quase na serra, respondeu Alana apática. Nem sempre acordava assim. Nem sempre os "desmaios" duravam tanto tempo. Tomou Ritalina por anos, e muitos outros medicamentos, mas a sua narcolepsia ficava cada vez pior. Quando conheceu o livro passou mais tempo dormindo que acordada. Rodson era extrovertido e Alana introspectiva, então era ele quem conduzia as conversas. Já estavam "juntos" há cinco anos e ele ainda não tinha decodificado a namorada misteriosa.

- Você sonha?

Alana estava distraída com a paisagem e o céu super carregado, as nuvens negras e opressoras.

- Como? Ela fingiu não ter ouvido.

Rodson fez aquela cara de "bocó" que Alana tanto odiava.

- Quando você tem esses desmaios, sonha com o que?

- Eu não me lembro, acho que não sonho nada, mentiu Alana.

Na verdade passava o tempo todo acordada pensando naquilo que via quando estava dormindo. Mácu, somente esse ser sem expressão que ditava frases do livro e a levava a lugares impressionantes. Num desses sonhos ela estava numa cidade com uma grande colina onde crimes bárbaros haviam acontecido. Mácu também citava um nome que ela não conseguia lembrar nunca. Quando começou a namorar o Rodson ela percebeu a conexão. Ela nunca tinha ouvido falar em Dama Esmeralda, mas já tinha sonhado com a cidade.

Em seus sonhos e, quando acordada, ouvia os ecos "Máááá'cuuuuaa...

Rodson era desprovido de imaginação, seria inútil contar para ele, ou para os terapeutas, ninguém entenderia, ela sabia que era diferente, e ele aparecia somente pra ela, mas mostrava o caminho, e havia alguém nesse caminho, lá no fundo, mas usava uma máscara e sempre quando ela tentava tirá-la, Alana acordava. " O verdadeiro meteoro". Às vezes se perguntava o que estava fazendo com Rodson, e ela não tinha a resposta. Ele lhe passava segurança, não era tão inteligente quanto ela gostaria, mas não era burro. Era bonitinho, mas ela realmente não ligava para isso. Ele era engraçado, mas seu senso de humor beirava o ridículo, quase sempre. Quase nunca transavam, embora ele sempre quisesse. Não era ruim, nem bom, era insonso. Alana estava com Rodson porque ele a amava, e ela sentia necessidade de ser amada. Ela sentia uma sensação peculiar, como se estivesse indo ao encontro de tudo o que almejava, tudo que duvidasse e esperasse estaria em Dama Esmeralda. Isso faria de Rodson um coadjuvante em sua história. Algum personagem que ela não criou, existiria o tal destino? Bobagem é só Karma, Rodson era o intermediário, aquele que a levaria ao seu Karma. Sabia que aquele era o único caminho, decifraria o código, ou logo estaria num hospício. E sim, Rodson não era uma estrela nem um meteoro, apenas um asteroide que convidou ela a ir ao seu encontro: Dama Esmeralda.

Andaram muitos quilômetros e várias placas indicavam Damiesm, nenhuma indicava Dama Esmeralda.

Rodson fez um de seus comentários bobos, fazendo analogia da situação com um episódio qualquer de além da imaginação. Era no mínimo estranho, Dama Esmeralda "A cidade fantasma". Alana comentou que a falta de placas era um tanto estranho para uma cidade turística.

- Baby, se houvesse alguma placa o mundo inteiro estaria lá. E esses carros não estariam passando por nós.

Na pista ao lado carros voltavam, as caras frustradas de quem se perdeu no caminho. Em pleno século XXI, alguém não achar uma cidade, com google maps e gps.

- São muito burros, disse Rodson acenando para um homem em um carro conversível.

- Esse sim esteve lá e pelo jeito gostou.

Na medida em que prosseguiam os carros paravam de vir e a chuva nunca aumentava, só aqueles pingos e aquela atmosfera melancolicamente belos, curiosa, e tragicômica, como a fotografia de um filme de suspense dos anos 80.

- Estou morrendo de fome Rod, pode ir mais rápido?

Ele não respondeu, apenas olhou para ela como um super herói olha para a mocinha antes de salvá-la, trocou a marcha e sentou o pé no acelerador. As gotas de chuva distorciam a paisagem, Alana quis abrir o livro, mas estava cansada das brincadeiras e críticas de Rodson, e também porque já sabia o livro de cor.

- Olha aí, disse rodson, mostrando uma placa e reduzinho um pouco a velocidade: "Damiesm a 20 quilômetros."

- Viu? Que horas são?

- 15:27, respondeu Alana.

- Quem sabe dá tempo de chegarmos hoje ainda. Disse ele sempre animado.

- Não mesmo, reteve Alana. Não estou mais afim de viajar hoje.

Algo como um magnetismo, o mesmo que atraía Alana a Dama Esmeralda, agora dizia que ela deveria por Alguma razão passar uma noite em Damiesm.

"Como uma nuvem que não chove", cantarolava Alana muito baixo.

- Que é isso?

- Uma música, respondeu Alana sem vontade de explicar. Chama-se lobo da estepe, como o livro.

Rodson soltou um 'hum', fingindo sacar.

" Lobo da estepe, quem canta mesmo essa música tão baixinha, que combina tanto com o livro? É, seja quem for, você é baixinho, mas sabe das coisas. Como uma nuvem que não chove". Assim estava o clima por ali, assim estava o coração de Alana.

Dois mundos distintos em que as órbitas não se alinhavam. Alana pensava no manual do Senhor Tempo, e imaginava se havia de fato uma colina em Dama Esmeralda, e se perguntava por que seus pais nunca falavam do seu passado, do qual ela nada lembrava. Nenhuma lembrança de infância, apenas um nome, vago, às vezes lembrava, mas logo esquecia. Já Rodson estava preocupado em chegar logo para Alana comer, ela estava mais estranha do que nunca, mais fraca, mais ausente. Ele lembrou precisamente das embebedas palavras do pai dela, que naquele momento devia estar dando parte do roubo, do carro, é claro: " Rapaz, você é jovem, saudável, não queira se envolver com a minha filha, ela é doente, muito doente."

Rodson sabia que ela era, meio maluca. Mas ele estava ali e cuidaria dela no paraíso, e fazia o carro do sogro voar.

"Havia uma cidade, que visitavam só de passagem, que essa passagem seja inesquecível" O outdoor era de uma pousada de Damiesm. A cidade era ao menos uma passagem obrigatória pois a única avenida era diretamente ligada a rodovia. Já a parada ali não era obrigatória, mas 99,9% dos viajantes passavam uma noite ali. Era um lugar fantástico. Alana recebeu um sopro de vida. "Essa cidade é fabulosa", disse ela, enquanto Rodson conduzia o carro lentamente, procurando o tal restaurante.

- Você acha?

E começou a rir debochadamente.

- É porque você ainda não viu Dama Esmeralda e a chapada zoo!

Pararam no restaurante.

- Tu percebes, baby...

- Fala meu amor, Rodson amava o jeito que ela falava com ele.

Alana olhava para o céu, gotículas de chuva caíam.

- É tudo tão...

- Verde? Ele riu.

- Sim!

- Bem vinda á Matrix.

Alana riu, às vezes nem achava graça, mas já tinha adquirido o hábito, digamos "educado" diante das piadas de Rodson. O lugar era impressionante e Alana se apaixonou. Tudo era verde. As mesas ficavam no meio de uma estufa climatizada, podia-se se ver os alimentos e até colhe-los. Todos os tipos de vegetais, frutas e ervas cultivadas cuidadosamente por uma senhora bem velhinha e simpática. Alana tentou reconhecer a maioria dos produtos, em vão. A diversidade era tamanha que como dizia o cardápio, alguns produtos vinham de todas as partes do mundo. E havia hortaliças que só a tal da velhinha sabia plantar.

- Tá bom assim, amor?

- Olha Rod, dessa vez tu se superou. E dizendo isso deu um beijo rápido, porém sincero no apaixonado Rodson.

Mesmo morrendo de fome Alana não sabia o que escolher, então aceitou a sugestão da senhora, a sua especialidade "salada mista japonesa". Rodson nem estava com fome, mas não perdeu a oportunidade de brincar.

- Tem peixe cru?

- Não. Respondeu a senhora. Non trabalhamos com carne.

- Hum, vou comer grão de bico então.

Um senhor estava sentado em uma mesa distante, apenas lendo um jornal. Além da velha, seus filhos ajudavam a tocar o negócio.

O esposo dela havia morrido na guerra.

Rodson pegou um exemplar do jornal que estava na mesa ao lado, essa estava vaga.

- Nossa, disse Rodson perplexo.

O prato de Alana chegou e ela nem deu bola para Rodson e sua cara de espanto ao ler o jornal.

Ela só ficou petrificada quando ouviu um nome:

- Crowlford! Rodson disse sem querer, lendo alto.

- O que foi que você disse?

- O que?

Ele percebeu que Alana estava ficando pálida.

- Estou lendo esse jornal, que doideira...

Alana tomou o jornal.

- Crowlford! Esse era o nome!

- O que tem?

- Nada. Ela já sonhara com esse nome

- Foi a inglesa, não?

Era um dos filhos da senhora, que limpava a mesa ao lado.

Rodson respondeu.

im, foi brutalmente assassinada. Sabe quem era?

O rapaz desconversou: - Prefiro não falar dessa cidade. O que está acontecendo? Alana queria saber, muito!

- Parece que foram desses aspirantes a astrônomos, que vão pra lá, no observatório. O namorado sumiu, e a tal da Jackeline Crowford foi encontrada estripada. Não falo mais nada.

E o rapaz se afastou.

- A matéria é pouco esclarecedora, disse Alana soltando o jornal, que havia tirado de Rodson.

- Ah, disse ele. – Isso não vai atrapalhar nossas férias.

- Não mesmo! E, dito isso, ela afastou o prato.

- Você comeu?

- Comi sim, vamos procurar um lugar para dormir, parece que vem tempestade.- Ela tem “razon”, filho. “Non” sabem como as chuvas são por aqui.

- Então pagaram e saíram em direção ao veículo.

13 HORAS ATRAS

Alana se encarava no espelho, sentada na cama. Não estava se admirando, apenas contemplava o olhar daquela estranha. Logo estaria feito. Enfim fugiria dali.

Já tinha a chave do carro do pai nas mãos. Balançava sem parar. Rodson era destemido. Podia até não ser 'o cara', mas tinha coragem para executar o plano.

Ela gostava dele? Sim, muito!

Ela o amava? Definitivamente, não. Mas isso não importava. Fugiria com ele. Estava ansiosa para isso.

Amava os pais, mas sabia que não pertencia a aquele lugar.

Talvez encontrasse algo lá. Talvez fosse pura decepção.

Ela realmente não sabia.

Ele chegou. Ela pegou a mochila e desceu, seu pai estava viajando, e a mãe tomava Valium e dormia amanhã inteira. Logo o ronco do motor explodiu. Ainda tinha volta, mas ela não voltaria.

- Pronto?

- Sim, disse Alana depois de um longo suspiro.

- Dama Esmeralda, aqui vamos nós!

Data : 01/01/2010

Título : Doce

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Você pode ver? A imensidão que oculta o marasmo?

Doce

Você pode ver?

A imensidão que oculta o marasmo?

Á frente a sua geração

Em frente a tudo estamos nós

A órbita do nosso planeta lilás

Que um dia voltará ao seu próprio pó.

E nosso céu é sempre bonito

Audacioso, mesmo quando é cinza.

Assim é bem melhor.
A vida é um doce podre
Mas ainda assim ela é saborosa
Contagiante
Vibrante
Emocionante
Eu quero viver!

Data : 01/01/2008

Título : Dopamina

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Dentro de um labirinto mental O declínio da consciência

Dopamina

Dentro de um labirinto mental
O declínio da consciência
Sem perspectiva
Ou em um sonho, amigos
Um equívoco dos sentidos

Tenho que dizer apenas
Que são meus convidados hoje
Assim disse a voz
No fundo do corredor
Do qual não se via nem o início
Nem o fim
Apenas um feixe de luz branca no centro

Data : 01/01/2011

Título : Ela

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Ela cospe nos poemas mais insanos Ela tem os olhos da cegonha

Ela

Ela cospe nos poemas mais insanos

Ela tem os olhos da cegonha

Profana pelo crime que comete

Quando todas comem, ela cai

Ela faz o diabo de refém

E nada ele tem para o seu requém

Ela zomba da cinta liga que veste, e veste sua ironia

E algema o silêncio

Numa histeria coletiva

Poemas não a tocam

Ela apenas se limita a pensar

Ano : 2020

Título : Epílogo de "A colina de fogo"

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: A colina de fogo, Epílogo

A colina de fogo

Epílogo

Meu nome não interessa, tão pouco a história da minha vida. E, de qualquer forma não disponho de muito tempo, quero ser breve e objetivo. "Quero", nem

sei se quero tão pouco sei por que, mas vou narrar os três últimos dias que passei em liberdade. Eu ia dizer vivo!

Aliás, vou contar tudo, tudo quanto o tempo me permitir, tudo o que ocasionou esses três dias. Hoje deve fazer uns trinta anos. Estou velho!

Mas ainda respiro e pulsa o meu coração e, provavelmente vai continuar pulsando até às oito horas da manhã, quando vou ser firmemente preso numa maca, onde receberei 5 gramas de pentotal sódico, via intravenosa, que irá encharcar o meu córtex cerebral, fodendo com as células responsáveis pela consciência, e eu entrarei em coma.

Em seguida receberei 50 mililitros de brometo pancruônico, e meu diafragma deixará de funcionar. A essa altura é muito provável que eu já esteja morto. Mas, para garantir minha execução, serão injetados mais 50 mililitros de cloreto de potássio que enfim fará o meu coração, que agora pulsa freneticamente, parar.

Eu não escrevo isso para justificar nenhum dos meus atos, tão pouco destino esse texto a alguém. Escrevo porque nunca durmo a noite. Eu poderia dormir por mil anos, mas desde sempre foi assim, estou tão cansado que não consigo relaxar e só tenho sono quando induzido.

Nessa cela solitária, escura e imunda, não há nada mais para fazer o tempo passar mais rápido.

Mesmo que fosse tudo diferente, mesmo com uma anistia, eu optaria por estar onde estou. Anseio o amanhecer mais do que em todas as noites de loucuras, luxúria e bizarrices que começaram na minha puberdade e terminaram há pouco mais de três meses, quando fui capturado. Mas como disse antes, do meu passado remoto nada falarei, narro agora apenas algumas das inúmeras circunstâncias que me trouxeram até aqui. Não pretendo traçar uma temática para essa narrativa, mas se fosse faze-lo seria "melancolia".

Meu pedido para a última refeição foi uma garrafa de vodca, é de se presumir que o pedido foi negado. Porém, com muita pena de mim, o responsável me concedeu três doses, ou seja, um copo cheio, que eu bebo muito devagar enquanto escrevo isso.

Começou com um grande engano dos meus sentidos.

Há muito tempo tenho vivido uma vida errática, mesmo antes de ter lido aquilo. Poderia ter usado o meu dinheiro para ter feito sei lá o que. Mas fui adentrando num labirinto. Um labirinto é o jeito mais fácil de passar do lado A para o D, sem passar pelo B e o C.

O x da questão é que nem todos chegam ao ponto D.

Essa metáfora boba é pra encurtar o assunto. Ou você acha a saída, ou fica perdido para sempre no meio. Não há como voltar por onde veio. Porque, embora relativo, o tempo não vai recuar para mim.

Dentro de um labirinto você gira, gira, gira e acaba sempre no mesmo ponto.

Da minha família não tenho nada a dizer.

Minhas atitudes afastaram-me dela, como me afastaram de tudo que é bom, honesto, belo e digno

de ser lembrado, pelo menos de uma maneira agradável, por assim dizer.

Já estou enrolando demais, mas que me seja permitido justificar isso. Quando você sabe exatamente a hora, o lugar e a maneira que vai morrer, você não tem mais nada a dissimular. Mas, como prometido não vou sobrecarregar esse texto com minhas lembranças nostálgicas.

Eu estava sendo caçado, literalmente, vivo ou morto eu tinha que ser encontrado. As coisas eram ainda bem piores do que eu posso tentar descrever. Não era só a polícia que me perseguia. Imagine que num dos maiores países do mundo eu não tinha mais nem um canto para me esconder.

A polícia se me capturasse jogaria merda no ventilador, expondo minha prisão na mídia. Me torturariam da maneira mais cruel possível, e depois de julgado eu passaria a vida inteira na cadeia, o que é muito, mas muito pior que a morte.

Mas se aqueles caras da seita me pegassem a coisa ia ser pessoal. Nem consigo imaginar o que fariam comigo, mas levando em consideração o que eu já vi, seria um castigo bem pior, tanto que eu nem consigo imaginar, e meu sangue congela quando penso no que fariam comigo, e de certa forma agradeço por estar aqui e sinto um alívio, uma paz indescritível ao pensar no doce repouso no tumulto.

A correria era frenética, eu não dormia há dias,

Estava em Los Angeles há seis anos, porque fui obrigado a deixar aquele lugar. Los Angeles porque supostamente estaria o exemplar oficial do livro, um manuscrito. Aquele que Henrique Gabriel acredita possuir. É falso.

Eu assassinei a minha esposa (isso não foi um crime), e tive que sair do país e a "cerimônia", a grande obsessão do velho Gabriel desde sempre. Todos os sacrifícios que fizemos em vão. Hoje eu sei que foram em vão. Eu não sou o escolhido, demorei para entender. Muito menos aquele velho louco. O homem, ou a mulher que se contata com o mestre pode estar em qualquer lugar do mundo. Eu pensei no México, passei meses por lá, mas agora entendi o capítulo IX do livro. "O predestinado será atraído a colina". ou seja, quem quer que fosse, esse alguém iria para Dama Esmeralda, e seria alvo do Gabriel. Mas ele é apenas um fanático, e todos os fanáticos são ignorantes.

Soube que Roger Mattos foi assassinado. Soube porque ele foi muito famoso pelas bandas podres de L.A, ou seja, a "Hollywood pornô". A reportagem do site dizia que se tratava de um acerto de contas. Eu bem sabia que tinha sido Gabriel.

Lobo, o grande Lobo também deveria estar morto. E olha que ele nem pertencia ao clã. Ele era um maníaco, louco, viciado em matar, mas sempre quebrava nossos galhos.

Pobre do lobo. Acabou pirando nos subúrbios de Dama Esmeralda e se não tivesse se envolvido com a seita do livro, ainda dominaria o bairro dos Alagados.

Ele era astuto como o diabo, se tratando do seu ofício ele era bem inteligente. Não entendo como foi morto por um velho cagão que só sabia encomendar assassinatos. E o desgraçado ainda me mandou uma foto, triste!

Ele pensou que eu voltaria para lá em 1989. Se bem que eu acompanhei tudo que rolou por lá em tempo real, e olha que naquela época não existia internet. Dei um jeito de acompanhar o caos de 1989 sem sair dos EUA. Poderia ter voltado

e ter feito aquilo que eu acreditava e, de certo modo ainda acredito. O mestre deixa claro que nossas vidas não estão escritas. O destino está nos acontecimentos e no carma de cada um. No entanto há um predestinado, aquele que o senhor Tempo ou Mácula) escolheu. Eu não sou ele, e nem vou morrer na terra prometida. Devo morrer aqui, daqui a algumas horas. Se eu acredito em tudo isso? Sim, porque eu já vi o que esse livro é capaz de fazer.

E agora vou contar a história toda que eu sei. Ou seja, quase nada.

Desde 1989 até esses últimos meses, quando vim parar aqui e sentenciado a 67 penas de morte, inclusive. Essas leis, são mesmo uma puta comédia...

SOBRE O LIVRO (MACULA)

O Manual do Senhor Tempo, foi escrito por um xamã bruxo, profeta e líder de uma seita que cultuava a dúvida. ficou conhecido como Mácula, por aparecer assim nos sonhos de milhares de leitores. Devia ser seu pseudônimo, ou o seu alter-ego. Não tinha nada a ver com religião, seus súditos não acreditavam em deus, nem no diabo, mas no bem e no mal. Tudo está explícito na natureza. Embora todo o cosmos tenha milhões de planetas habitados por seres distintos, na terra a única fonte de saber era " A grande colina".

Escrito por volta do século III antes de cristo, milhões de pessoas em todos esses milhares de anos tentaram entender as palavras do livro. Os xamãs acreditavam nos seus poderes mágicos, e mesmo sem ler, cultuavam-no, como um deus ou um diabo.

A principal regra do livro, a "discrição", sempre foi cumprida por todas as tribos e sociedades secretas relacionadas a ele. E é isso o que mais me impressiona. Um livro que inspirou 90% das personalidades importantes da história humana, que inspirou a bíblia. Esse livro ficou obsoleto, guardado em várias sociedades secretas em todas as partes do planeta.

O livro original foi escrito em sumeriano, uma língua extinta, um dos primeiros idiomas da história da civilização humana.

Foi traduzido, para o Aramaico, escandinavo, Latim, francês, japonês, português e inglês. É cronologicamente impossível dizer quem os traduziu. Sabe-se que foram povos distintos em épocas distintas. Do original, o livro cita que a colina que incendiaria, estaria localizada em uma cidade secreta em que se falava uma, (ou mais) das línguas em que o livro foi traduzido.

Apenas os que lessem o livro herdariam a terra e as fronteiras do universo e teriam poderes. Mas somente um ser, "o escolhido" seria capaz de absolutamente tudo. Inclusive voar, transformar-se em outros animais e ter a sabedoria suprema do Mácula compartilhada. Seria o seu sucessor.

Muitas das figuras mais famosas da história, como reis, líderes políticos, filósofos, mas principalmente artistas; Escritores, pintores, músicos eram adeptos da sabedoria e acreditavam na grande colina de fogo, o pico mais alto da terra que incendiaria quando todos os livros existentes fossem reunidos, e o Escolhido chegasse ao topo dela. Mas uma coisa independe da outra. Se os

livros fossem reunidos antes do escolhido estar ciente de tudo, todos morreriam queimados.

Muitos dos textos, músicas e citações mais famosas foram inspiradas, ou retiradas do livro.

1902830847291-847.90247207492407 pessoas acreditaram ser o escolhido, mas nem mesmo Vlad, o Empalador, que inspirou Drácula, nem ele acreditou tanto como Gabriel. Esse assassino sádico e cego em suas convicções.

Um capítulo sobre assassinatos tornou o livro o maior genocida da história, por ser mal interpretado.

Idiotas como eu entendiam que o sacrifício humano aproximava o torturador do Mestre.

Quanto mais dor a oferenda sentisse, mais sagrado o torturador seria.

Muitos serial killers famosos se basearam nisso.

Durante milhares de anos, milhares de seitas extintas esperaram o momento, como o cristianismo (que foi baseado no livro, como outras religiões) a chegada do messias, aquele que o Mácula escolheu.

O mito surgiu em diversas sociedades e a mais famosa é o cristianismo. Um judeu morto pelos judeus e não pelos romanos. Tudo teve alguma influência do grande manual. Este não tem nada a ver com religião, tudo isso faz parte dos símbolos e signos que escrevem a história da humanidade. Só que muitos desses vieram do livro: "O manual do senhor tempo". Pouco se sabe sobre esse ser e seus primeiros súditos. Ele é mácula nos sonhos, a mancha que deixa por onde passa. A teoria mais aceita é que ele veio de outra galáxia, por um buraco negro, assumiu uma forma humana e viveu como um humano. A tese diz que ele veio de um lugar milhões de anos mais evoluído que a terra e que precisava trazer sabedoria aos que tivessem capacidade de raciocinar. E escolheu um que viria do futuro para ser seu sucessor:

O velho paradoxo do avô. O(a) predestinado(a). A primeira regra foi seguida por todos: Discrição.

Ninguém entendeu que só o escolhido entenderia o livro direto, literalmente. E se tivessem entendido saberiam que o predestinado teria contato com o Mestre desde a infância. Ao contrário de nós que fomos apresentados a obra por outro seguidor, o escolhido seria levado a ler o livro pelo próprio Senhor Tempo. Já Gabriel e seus antecessores acreditaram que, quanto mais matassem, mais próximo estariam do contato.

Muitos se tornaram esquizofrênicos, outros já eram e pioram depois de ler.

Mas o mero ignorante que narra esse texto acredita que o tempo que tanto se esperava chegou. O predestinado está entre nós. Por que?

"Dama Esmeralda", a terra prometida (Analogia que muitos religiosos fizeram, a babilônia por exemplo).

A colina que incendiará, com certeza é a grande colina inexplorada de Dama Esmeralda. E como diz o livro, o escolhido será guiado pelo mestre até lá. Nossa seita, ou clã, ou seja, lá o que for, é a verdadeira.

Ele talvez nem saiba que é quem é, o escolhido..

Nada mais do conteúdo do livro citarei, isso é violar as regras como muitos fizeram, inclusive eu. A primeira regra: Discrição.

Quero narrar a maneira que eu comecei a adorar esse tal livro.

O "SERIAL KILLER"

" Esse cara é perigoso, ele acredita no que fala". Essas foram ditas pelo lobo, logo quando nos conhecemos no inverno de 1982. Ele se referia a Henrique Gabriel, um milionário influente na polícia e na política de Dama Esmeralda, secretamente.

Sábio lobo!

O nosso clã era constituído por um pequeno número de pessoas: Roger Mattos, -que ganhava muito bem com pornografia na época-, Danieli Silveira, uma pornstar, o dono do jornal na época(não lembro o nome dele), muitos intelectuais amigos de Gabriel, Eu, e um grupo de adolescentes perturbados, sendo um deles o coveiro do cemitério da colina, conhecido como "Corpse", por se maquiar e se vestir daquele jeito, e por ouvir aquelas músicas.

Os adolescentes eram a chave. As garotas góticas, os caras de briga, quase todos eram só crianças brincando, que serviriam de sacrifício para Gabriel. Mas alguns eram especiais, os que realmente acreditavam no livro: O irmão mais velho do corpse, Sandro, sua namorada Valentine, Jéssica, um suicida em potencial, que fabricava bombas caseiras, conhecido como "Mongo". O mais doido de todos: aquele que foi responsável por toda aquela matança do ano passado e a criação do mito de um serial killer patológico, o "Corpse". Ele supostamente nunca tinha matado ninguém, mas mesmo assim o irmão de Sandro foi o responsável por quebrar várias regras. Dizem que Corpse está até hoje num sanatório, mas ninguém sabe ao certo o seu paradeiro, são só especulações. Ele estava tentando converter um garoto á seita para sacrificá-lo. O pai desse garoto se chamava Joares e foi assassinado, ao que me parece pelo próprio filho, que em seguida se suicidou. Eu contratei o lobo para acabar com o Joares, por uma encrenca pessoal, mas quando o lobo chegou lá me ligou desapontado. Alguém já tinha feito o serviço, repito, seu próprio filho, se não me engano chamado "Alester".

Embora muitos acreditassem que Corpse havia matado o menino por causa de um disco de vinil, ficou provado que Alester se suicidou após matar o pai.

Nada disso interessa muito, mas apenas me veio na cabeça e estou escrevendo tudo conforme eu vou lembrando. Embora eu não estivesse lá, tenho acompanhado tudo que ocorre em Dama Esmeralda graças a um contato. Um americano que estava tentando violar as leis. Queria expor Dama Esmeralda e o grande livro ao mundo. Ele não acreditava em nada disso e tinha empregados que estavam na cidade em março e abril do ano de 1989. Eu deveria estar lá, mas isso foi impossível.

Quando tudo terminou eu tive que fazer a minha parte, eliminando o cara que me manteve informado. Eu salvei a seita, mas acabei com a minha vida. Tenho

dupla cidadania, pois meu pai era americano. Portanto fui julgado como um cidadão norte-americano. Por que, e por que?

Fui sentenciado porque o meu informante era nada menos que o filho do governador do estado da Califórnia.

Mas, normalmente um julgamento não é tão rápido e até que enfim vou parar de sofrer. Seria bem fácil me executar há 26 anos, mas ficar todo esse tempo preso sabendo que só sairá daqui morto é um castigo bem cruel. faz a morte ser uma benção, uma esperança, a única meta da vida de um presidiário que enfrenta o corredor da morte.

Mas isso não vem ao caso, tenho que contar sobre os assassinatos que causaram toda a merda.

Gabriel estava de olho em uma garota inglesa que tinha em 1988 visitado a cidade para ver o céu noturno, um observatório informal de astronomia. Foi então que surgiu a surpresa, uma versão do livro em inglês. A garota voltou no ano seguinte acompanhada dos pais, o namorado e as duas irmãs caçulas, sendo uma delas uma menininha de dois anos. Mais tarde houveram boatos de que esta era esquizofrênica e que a outra irmã estava por trás de um esquema revolucionário para solucionar a morte da irmã e os assassinatos que procederam depois.

Não sei muito sobre isso, mas sei que foi tudo em vão. O tal livro não foi encontrado e Gabriel continua procurando. Está escrito que quem reunir todos os livros ao original, escrito em sumeriano receberá do mestre imunidade, mesmo que todos os outros queimem, caso o escolhido não apareça. Mas Gabriel não só pensa ser o predestinado como quer reunir os livros por puro egocentrismo. Ele é completamente insano, em seus sonhos dizia ver o Mestre. É normal sonhar com algo que você pensa o tempo todo.

A questão é que Gabriel aproveitou a ocasião para fazer sacrifícios. À princípio seria só a inglesa e o namorado (até hoje desaparecido). Mas nem mesmo ele imaginava a brutalidade dos crimes hediondos.

A notícia era clara. Havia um serial killer a solta. No maior estilo Russo ou norte americano. Acontece que Gabriel encomendou só duas mortes, se tivesse contratado o lobo, seria só isso. Mas a pessoa que ele contratou não era um assassino de aluguel, era um louco, um psicopata cruel e implacável que estava adormecido até matar pela primeira vez. Depois não conseguiu parar e a coisa ficou bem, mas bem feia mesmo!

Em menos de uma semana a polícia tinha mais seis crimes hediondos para solucionar. E certamente eram os crimes mais bárbaros que alguém pudesse imaginar. Todas as vítimas eram estripadas e tinham algum órgão extraído, a cabeça, as genitais, o coração. Eram seis jovens mulheres sem nenhuma relação umas com as outras e apenas duas delas eram turistas, a inglesa Anne Crawford e uma italiana.

Na mesma noite em que esta foi morta, Corpse foi flagrado violando um túmulo no cemitério da colina, onde era coveiro e zelador noturno. Seu tipo exótico e as referências satânicas fizeram tudo cair sobre ele.

Ele era só um maluco necrófilo e um potencial homicida. Mas tinha álibis suficientes. Em todas as noites em que os crimes ocorreram, ele estava no

cemitério, que ficava a uns trinta quilômetros do bairro "Os Alagados", por exemplo, onde a primeira vítima foi encontrada. Mas a polícia tinha que prender alguém. Ficou duas semanas preso e nesse tempo surgiram outras duas vítimas. Corpse realmente acreditava no livro. Mesmo que em sua mente distorcida a coisa fosse diferente, ele não entendia nada, achava que tinha a ver com o diabo e as músicas que ele escutava. Mas ele foi leal a nós e Gabriel o tirou da cadeia. Corpse tinha em uma reunião sugerido o assassino, mas nunca revelaria seu nome. Tudo bem para eles, nem queriam saber a princípio. Mas deveriam imaginar que, vindo do Corpse, esse sujeito que Gabriel contratou mesmo sem conhecer, certamente era um pirado.

Em plena temporada, com mais de um milhão de pessoas a cidade se transformou numa cúpula. Ninguém entraria ou sairia de lá até que os crimes fossem solucionados. Imaginem o caos. Virou uma guerra. Policiais matando pobres inocentes nos bairros pobres, centenas de suspeitos encarcerados, uma esmagadora multidão de gente de todas as partes do país e do mundo se rebelando. 1989, o ano em que a cidade paraíso, pacífica e de beleza exorbitante se tornou um campo de guerra. As autoridades, a polícia e a mídia tentavam apaziguar o povo. E muitos turistas não estavam nem aí, queriam mesmo era se divertir. Os traficantes e as prostitutas se fartaram. A cidade mais bela do mundo parecia uma Londres de 1888, com um estripador muito mais cruel que o famoso Jack!

Como me disse o informante que eu matei e por isso daqui a pouco vou morrer também.

Não se preocupavam, eram pessoas ricas e umas crianças, acima de qualquer suspeita. E tinham o Corpse que morreria por isso, se necessário.

Sandro tinha tirado a namorada dele, por assim dizer. Os irmãos se odiavam, brigavam sempre. Sandro tinha inveja do irmão "anormal", porque ele recebia um auxílio do governo por ser considerado inválido depois de fraturar a coluna num acidente de moto. E ainda tinha o salário de cozeiro e tocava numa banda. Enquanto Sandro dava duro na oficina do Gordo, ganhando pouco e vendo o irmão vadiar o dia todo e se divertir no cemitério a noite, emprego em que ele não fazia nada. Pouquíssimas pessoas eram enterradas ali, apenas antigos moradores da região. Os mortos de Dama Esmeralda, no geral, eram levados e sepultados no cemitério Maria de Jesus, inaugurado a pouco tempo, justamente pela decadência do "cemitério da colina". Portanto corpse estava realizado, tinha um cemitério só pra ele.

Os irmãos brigavam sempre que se viam, ou seja, frequentemente, pois compartilhavam das mesmas amizades. Em uma noite, no calor do momento Corpse matou o irmão mais velho a facadas e foi mandado para um hospício.

Nada a ver com a seita, a cidade estava mesmo bizarra, com um serial killer á solta, os tradicionais crimes passionais, ou familiares, a criminalidade se aproveitando disso para crescer. Mas estava tudo bem para nós, éramos "sagrados". Eu aqui e eles lá me caçando. Idiotas!

Danieli Silveira teve uma filha e a batizou com o mesmo nome, e ela também faz, ou fazia filmes eróticos e também se tornou amante do Roger Mattos.

Mesmo que sem intenção, a mãe traçou o destino da filha que também entrou para pornografia. Com a fama da mãe ela foi muito mais procurada, ficou muito

mais famosa e rica, coisa que sua mãe nunca conseguiu devido ao vício em heroína.

Acham tudo isso muito confuso?

Tenham calma, seja lá quem estiver lendo, pois vai ficar muito mais. Mas eu garanto que no final tudo será esclarecido e bem explicado.

E eu vejo uma luz tímida entrando na minha cela. Acho que chegou a hora. Acho que enfim meu fim chegou. Acabei de tomar meu último gole de álcool. Foi de longe o mais confortante de todos.

Data : 01/01/2020

Título : Escatológico

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: Sou nervoso...

ESCATOLÓGICO (“A colina de fogo”)

Capítulo 6

DAMA ESMERALDA, 1983

O fedor me acorda. Estou tão suado que poderia morrer afogado! O ventilador no teto rachado, gira, gira, gira, como a minha cabeça. naquela maldita rotação. Parece que vai cair a qualquer momento, junto com o teto. Levanto devagar, isso sempre acontece comigo. A amnésia, um médico disse que eu sou psicótico, tenho surtos inconscientes dos quais eu não me lembro depois. Ele me receitou uma droga. Li a bula, um dos efeitos colaterais era perda de memória, de concentração e psicose. Bem anacrônico para o meu problema. Estou num quarto, uma fornalha, busco ar e água. O banheiro é grotesco, mal consigo passar pela porta e olha que eu peso 70 quilos. Os ratos e as baratas não se intimidam com a minha presença. Afinal o quarto é deles, pelo jeito há muito tempo. A privada não tem tampa, isso é deplorável, alguém fez um serviço bem sujo ali. Fico grato pela janelinha. As lajotas da parede estão quebradas no chão, que é de piso bruto. Pelo menos tem um chuveiro, a água borbulha, e ele nem é elétrico. Durante o banho tento lembrar como vim parar aqui. Só tenho uma resposta: Eu não me lembro de porra nenhuma. Certifico-me de que estou num quarto de hotel, o sabonete bem gasto é a prova. Não há toalha. Eu me visto molhado mesmo. Preciso de um Clonazepam. Lembrei que tenho um no bolso esquerdo da calça. Vou seguindo pelo o labirinto, encontro um pedaço de papel junto ao comprimido. É o número de um celular, no verso "trabalho", a letra com certeza é minha. Isso é ótimo porque não tenho grana. Há dois, ou três, ou, sei lá; cinco dias, eu estava puro dinheiro. São só fragmentos de lembranças, desnecessárias. Sei muito bem onde eu gastei a grana.

O saloom Home.

O vidro fume, com um papel de parede publicitário camufla o paraíso dos velhos durante o dia. Mas é a noite que o negócio bomba, os velhos já estão no quinto sono, sonhando com a jogatina posterior, quando a casa começa a funcionar. Vou lá com frequência para beber, jogar cartas a pouquíssimo dinheiro e perder todas as moedas nas máquinas caça niqueis.

Com sorte alguma prostituta faz um programa fiado para você, se estiver suficientemente (bêbado, idiota, excitado) para aceitar a oferta, com certeza pagará com juro. Me deu vontade de entrar blefando e apostar com algum velho, mas se eu perdesse, ia me encrencar com a casa, nada bom isso.

Desci as escadas, o lugar fede mesmo. Mulheres cozinhando ensopados em seus painéis gigantes, crianças de fralda por todo o lado. Todos os quartos iguais. Os televisores sintonizados no mesmo canal. Passo pela recepção. Ninguém. Não sei se paguei a diária e nem quero saber, deixo a chave do muquifo e desapareço, sei que eu sou burro, só que nem tanto. Gostaria que um asteroide do tamanho do sol caísse sobre a terra nesse momento, ou que o maldito sol não me assasse a virilha e as axilas. A sensação térmica deve ser de uns 45 graus. Procuro um telefone público, ando sete quadras até achar um orelhão que funcione. Não estou acostumado a ver a cidade de dia. É completamente diferente. O olhar das pessoas, muito apressadas, seus olhares, no geral, não são pretensiosos e peçonhentos como os dos tipos que vagam a noite.

São olhos de quem sofre, sofre muito.

Bem que eu tentei, mas estava mesmo em desvantagem. Atravessei a rua ao som de buzinas e gritos do tipo "Quer morrer doido, sai da rua otário". Mas a velha chegou antes de mim. Pelos meus cálculos - levando em conta o tempo que ela demorou para discar o número -, eu vou ficar um tempão aqui no sol. Que vidão!

O tempo passa e a velha desocupa o orelhão.

- Senhora, desculpe, mas estou sem trocado, terias uma moeda para mim telefonar? A senhora foi muito educada e me doou mais do que eu precisava e merecia. Se ela soubesse que esse telefonema é o cronômetro da vida de alguém. Como diria o meu pai, "você nunca pode acreditar que conhece alguém. Achar que conhece a ti mesmo já é uma baita tolice." Nunca liguei para o que ele dizia até a noite em que ele foi assassinado pela minha mãe a golpes de machadinha.

Disco o número.

- Demorou hein, Norman. (nem fiquei confuso, tenho vários pseudônimos, os velhos conhecidos me chamam de lobo, já o meu nome verdadeiro, às vezes eu nem lembro).

- Fala aí... - eu estou tentando descobrir se o cara é cliente ou não. De fato é um desconhecido, para mim não faz a menor diferença. Não escolho clientes, nem vítimas, apenas faço o serviço.

- Anote o endereço... Sempre ando com uma caneta, na falta de outra arma...

- Ok, mas...Quem te falou de mim?O cara riu por longos segundos, comecei a ficar tenso, sou meio nervoso.

- Lobo, seu idiota, sou eu, lembra? Você ME AJUDOU COM O CORPO.

- Mas que corpo porra...

- Você tá com a cabeça fodida mesmo. É o Wagner, lembra agora? Matei a desgraçada da minha esposa e você me ajudou a consumir com o corpo. Ficamos alucinados e rodamos a noite toda atrás do amante dela, e você matou ele. Lembra o mexicano...

- Sei...olha, pare de rir como um retardado e me de os detalhes. Quem é a vítima?

- O nome dele é Joares, ele é amigo do amante da vadia, só falta ele. Eu mesmo mataria, mas tive que sair da cidade.

- Sair da cidade? E a minha grana?

- Hahahahaha, depois você me pede pra não rir. Cara eu já te paguei ontem, pelos dois, inclusive.

Tive um lapso de memória, a noite toda jogando e bebendo, com outros desgraçados miseráveis como eu, e no fim uma puta levou o resto.

- Certo, to ligado, sabe que eu não falto.

- Sei, você é o lobo!

Ele está sendo sarcástico, mas no fundo sabe que é verdade.

Vou precisar de uma carona e já avistei, é o tipo que eu gosto, Médico ou advogado recém formado saindo do seu carro novo que ele diz que comprou, mas ganhou do papi. Presente de formatura.

Está bem ao meu lado agora. Sou magro, muito magro, mas quando decido atacar é como se uma entidade baixasse em mim.

Hey. seu otário...

Acerto um baita soco no nariz dele, seguido de uma canetada na jugular, o caos foi total, toda aquela gritaria, nem sei se ele morreu, mas eu consegui bem mais do que uma carona.O carro é uma nave, chego rápido ao local. Bem reservado, interior.Um garotinho passa correndo por mim todo sujo de sangue. Posso ser o que for, mas não posso ver uma mulher ou uma criança triste. Tentei chamá-lo, gritei, fiquei realmente preocupado, mas ele simplesmente desapareceu. Não posso voltar pois tenho um trabalho a fazer. Mas fico pensando naquele garotinho, e o sangue. Se eu pego um filho da puta maltratando uma criança...Ele tinha vindo justamente da casa do tal Juares. Mas esse dispensa meu serviço. Está morto, há muito sangue, o sangue inundou o carpete. Confesso que fiquei triste por não encontrar ele vivo.Acho que sou mesmo um psicopata homicida. Acho que eu não faço só pelo dinheiro. Admiro um pouco mais o corpo. Preciso de uma bebida e umas caixas de Rivotril. Sou só um cara nervoso. Nervoso e escatológico.

Data : 17/08/2013

Título : Escrever

Sub Sub Categoria: Pensamentos

Descrição: ...

Um escritor é aquele que escreve livros, não necessariamente quem os publica.

Data : 01/01/2011

Título : Espelho

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Primeiro ouviu som, um zzz em ênfase como um alto temporal

Espelho

Primeiro ouviu o som,

Um zzz, em ênfase como um alto temporal,

Subiu, subiu o tom

Era de timbres mecânicos e fanhos como uma praga de cem gafanhotos

Estava na anônima dos mesmos olhos fechados

Vi de preto e de perto

Eram amarelos aqueles olhos

Não, agora eram cinza

Como o dia que esqueci

Como o espelho em que me vi quebrado!

Data : 01/01/2010

Título : Espiral

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: As coisas vão se repetindo num espiral de fumaça Tudo gira e gira e cada dia é o ultimo

Espiral

As coisas vão se repetindo num espiral de fumaça
Tudo gira e gira e cada dia é o ultimo
O primeiro, a dimensão não alcançada
Eles continuam pensando entender

E eu continuo nômade, indefinido, misterioso
Rotulado, se bem que bem
O resultado virá de Sol em Sol
Chuva em chuva
Na rebeldia da noite apática que cumprimenta o veloz vento

Do meu berço já não vejo nada
Vou ao relento sem entender
O que todos pensam saber

Data : 01/01/2011

Título : Estrela

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Quando todos os planetas assistiam Petrificados e conformados

Estrela

Quando todos os planetas assistiam
Petrificados e conformados
O réquiem do sol na Terra
Uma estrela indigerível
Congelava contorcida entre a multidão
Impiedosamente punida

Data : 20/08/2013

Título : Eu sei

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Estou faminto; Estou curioso, mas a chuva ácida voltou;

Não queria

Estou faminto;
Estou curioso, mas a chuva ácida voltou;
Ela se prende ao seu ego, ela só precisa de ostentação;
E se eu me sinto;
Verde furioso, nas estepes numa alvorada;
E se eu grito que não vou;
E se eu omito o que sou;

E se eu como o que o oráculo vomitou;
Aceito o que o acaso me designou, e a cada esquina que brada;
Por um novo recomeço, por um próprio fim, que seja para o ácido gástrico, que
esteja na película, na tua retina;
Que seja para o mar, que seja pra mim;
Que saiba que eu sei inundado, sujo de spray;
Amordaçado, mas não pela lei;
A existência, a tua presença, a tua saliva;
A minha ânsia de te querer, apenas porque você sabe também;
E voltaremos para casa, saturados de informação inútil;
E antes que a nossa nave chegue, ainda contemplaremos o vale;
A sombra púrpura do adormecer do sol;
Uma última lembrança;
Eu sei que você sabe;
Eu sei, mas...
Poder dissipar-se e ser uma chuva que desmorona no seu pomar;
E o fruto que apodrecerá na Malásia, enquanto rimos de nada;
Por nada;
E a loucura num abismo tão coesivo, nos hospícios criados pelo medo;
O medo do desconhecido, o medo dos estranhos;
Estranhos como nós;
Essa é uma opinião, não ligo para a sua;
Não ligo mais;
Seu Cabelo está louco, minha ironia não é mais segura;
Eu sou denso, denso demais para você mergulhar;
Em meus pensamentos, que não estão aqui, nem aí na sua obtenção;
Eu não queria saber, mas eu sei;
De todos os bois que dormem nos ônibus, e nas suas colmeias;
Para acordar numa manhã dormente, e voltar a puxar a carroça;
E o carroceiro, e o que bebe o sangue deste;
O que era pra ser poesia:
È tudo mentira;
Não há nada, nada viverá;
Um planeta, um grão de areia, uma galáxia, uma rima;
Um segredo;

Eu sei mais não...
Que eu não sei nada.

Data : 01/01/2010

Título : Evolução

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Estamos em guerra, não me refiro a ditadura norte americana

Evolução

Estamos em guerra.
Não me refiro à ditadura norte americana,
Guerra santa, Omã, traficantes contra escravos do governo
Treinados para matar,
Ou conspirações neofreudianas, chips MST ou porcaria nenhuma.

Cada um de nós, desde o primeiro ato, a primeira respiração,
O deck violento do primeiro contato com essa atmosfera nuclear,
Após sair do casulo dentro de nossas progenitoras
Nascemos em meio a podres mentirosos e estupradores infantis.
Mas isso é banal, porque no fim desde os filmes da humanidade,
O mundo é uma guerra sangrenta de interesses pessoais.

E o objetivo dessa guerra não é dinheiro ou terra
Como todos pensam,
Mas é mérito, aplausos.
Todos querem aplausos.
Isso é uma guerra.

Data : 01/01/2010

Título : Fantasmas

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Quando a erma e sombria noite gélida Triunfa sobre o dia astênico e nublado...

Fantasmas

Quando a erma e sombria noite gélida
Triunfa sobre o dia astênico e nublado,
A casa dos monstros entra em sinfonia histórica sob o escuro e denso
Céu ondulado.

A dança ilícita das folhas, mesclada a incongruente facção do vento
Geram um sublime pavor das coisas tolas
Mas que afogam efetivamente
A vítima do tormento.

O grito de dor árduo do espírito major pedindo subsídio ao súdito,
Comprova que a noite louca é maior que o dia calmo, sublime e lúcido.
Tudo acaba bem
Quando nasce o dia de inverno.

Mas ofegante e constante
Porém saber que voltará a anoitecer
E entender que o pavor é eterno.

Data : 24/06/2016

Título : Freakshow

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: Eu estava na praça XV, bebendo vodca barata com outros dois fracassados como eu, quando a vi pela primeira vez.

Freakshow

Eu estava na praça XV bebendo vodca barata com outros dois fracassados como eu, quando a vi pela primeira vez.

A princípio pensei que ela, (a coisa) queria algumas moedas, como os milhares de vagabundos inúteis que vagam pela cidade extorquindo as pessoas. E quem dera fosse o caso...

Parou diante de mim me encarando de uma maneira intimidadora, quase agressiva. Mudou repentinamente de expressão como se realmente me conhecesse.

- Júcifer! Proclamou ela lacônica, com aquele sorriso ambíguo que confundia e dividia quem o contemplasse.

Ela era de longe a cigana mais excêntrica que eu já tinha visto. me encarava com seus olhos amarelos penetrantes e exógenos.

Tinha voz de fumante e a sua aparência era exatamente como a das bruxas dos contos infantis. Sua pele parecia papelão molhado e o nariz pontudo, fino e comprido, com uma verruga bem na ponta e uma selva de cravos nas extremidades.

Vestia uma saia que ia até o calcanhar, uma blusa tricotada e sandálias havaianas.

Tinha uns 50 colares no pescoço, alguns de ossos.

Suas mãos pareciam luvas de borracha, não fosse pelas unhas compridas e mal pintadas de vermelho. Tinha anéis em todos os dedos. Era praticamente impossível não reparar nela.

- Meu jucinho, eu sabia que tu voltava macho. Só não pensei que voltaria tão moço. Ela tocou o meu rosto, senti um mau presságio, mas com toda a educação que me cabia, afastei sua mão suja e fedendo a fumo de corda, e repelindo-a, delicadamente falei:

- A senhora está me confundindo, não a conheço.

Seus olhos amarelos eram como opioides, por alguns segundos senti aqueles olhos arregalados, como duas esferas brilhantes em uma massa de modelar. Eram invasivos, fiquei quase inconsciente. Desviei os olhos para os meus companheiros de vagabundagem, um dormia no chão com os pés apoiados no banco e o outro estava desmaiado parecendo um boneco inflável sem ar.

- Como assim Júcifer, eu sei que você deve estar estranhando, mas é isso macho, eu envelheci.

" E como", pensei.

Devia ter uns noventa anos e tinha um forte sotaque nordestino.

Minha educação me fez falar-lhe mais uma vez.

- Olha dona, há um engano aqui. Primeiro o meu nome não é Júcifer, e eu não a conheço.

Ela tomou a garrafa do cara desmaiado, que dormia com ela nos braços, como se estivesse ninando a bebida.

Olhou no fundo dos meus olhos, como um oráculo ocular, parecia saber o que eu estava pensando, eu era como uma moeda num campo de força.

Ela bebeu a vodca toda de um só gole.

- Tu é é muito do ingrato. Acha mesmo que vai escapar, só porque tá mais novo? Tu me jurou amor eterno. Depois que tu se meteu naquela briga e te enfiaram a faca no buxo, eu fiz de tudo pra te trazer de volta. Fui na magia negra, na branca, nuns oito terreiros, dois pais de santo. Fui até em igreja de crente. Até que encontrei o bruxo. Pai Luzia disse que te traia de volta por cinco mil.

Sua fala antes mansa, agora estava carregada de ódio. Eu não conseguia desviar o seu olhar, parecia me sondar independente do lugar que eu mirasse.

- Então eu vendi a casa, a nossa casinha meu amor. E VIREI UMA ANDARILHA, POIS O BRUXO DISSE QUE VOCE ESTARIA NUMA ILHA DO SUL. Mas agora tá bom, né painho, vamos pra casa.

- Você é louca, precisa de ajuda. E não adianta ir num terapeuta, porque você vai ter que tomar remédios tarja preta.

Ela abaixou a cabeça, deixando os cabelos sedosos cor de neve cobrir-lhe o rosto, apenas seus olhos apareciam.

Ela começou a fazer um "trabalho" ali mesmo. Eu sempre fui cético, mas quando o céu escureceu à medida que ela proferia palavras em um idioma desconhecido, fiquei estarecido. Como num eclipse solar, o dia virou noite e eu me senti...não sei explicar!

E então acordei aqui nessa jaula em algum lugar do Ceará. As pessoas não podem me alimentar. Sei lá o que eu sou, ou com o que me pareço. Mas pela cara dos visitantes ao me ver, acho que sou um "freakshow", ou horrorshow, ou como preferirem. Ela vem me visitar todos os dias e insiste que eu sou Jucifer, seu marido amarrado por toda a eternidade. Estou ficando louco, às vezes acho que pode ser verdade. Tenho ainda a esperança de conseguir a jaula do Otto, o gorila. Lá tem árvores e um lago artificial.

Data : 01/01/2011

Título : Garota

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Garota obscena Garota dissimulada

Garota

Garota obscena

Garota dissimulada

Garota de cena, esquartejada (aquela)

Garota pelada

Vacila no nada

Garota misteriosa

Garota deliberada

Garota astuta

Garota impressionada

Garota metida

Garota mimada

Garota à medida, do seu sacrifício

Garota que me subtrai

Que me contenta e que me trai

E que me aumenta, foge pelos trilhos onde fui amarrado

Garota serpente, num grau inconsciente de uma virtude

Implacável e atrapalhada

Garota, garota, garota!

Data : 01/01/2011

Título : Gota

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Matar o morto, avante tropa

Gota

Matar o morto

Avante tropa

O guerreiro opositor
Precisa servir primeiro
O golpe que anuncia
A nova época
Morrem as criaturas
E vão ressurgindo do passado
Gota de sangue a gota

Ano : 2013

Título : Grãos de areia

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: São mais belos que diamantes

Grãos de areia são mais belos que diamantes

O sol do oeste nos cegava, á medida que o carro deslizava suave, porém rapidíssimo por entre as dunas. Quem corre contra o mar, num inverno de 29 graus, tem que enfrentar as consequências. Eu procurava aqueles óculos escuros no porta luvas, tentando me concentrar apenas na viagem noturna que estava fluindo.. Agora estava feito, só esperar o resultado. Se preocupar não adianta, apenas agir! E o que eu podia fazer era só sentir o vento e respirar. O motorista, meu companheiro Frank, estava focado na estrada e em tragar o cigarro. Se eu não o conhecesse diria que os espasmos involuntários na sua face eram nervosismo. Mas era tourette. Tolice, afinal da no mesmo! O fato é que ele não era o tipo de cara que teme passar um tempo na cadeia - mais um tempo-, quero dizer. Quanto a mim, estava tentando não pensar. Precisava quebrar o silencio:

- Ei Frank, francamente, até que série você estudou?

Ele franziu o a testa, tinha gostado da pergunta.

- Até a quarta-série. Frank era lascivo.

-Bem, disse-lhe. Vocação, inteligência e escolaridade são coisas distintas.

Ele concordou, lançou o cigarro pela janela, antes de acrescentar:

- Nunca questionaram meu diploma, eu nunca perdi uma causa. Se não fosse o lance do assalto em Diablo ainda seria o melhor advogado do estado.

-Sei. Também sou advogado, são todos uns grandes mentirosos.

Ele me encarou crendo ser verdade.

- Não sou advogado, disse eu rindo. Apenas um grande mentiroso. E caímos em gargalhada quase convulsiva.

Sei no que ele pensava e eu pensava no mesmo. A grana, quando iríamos parar para dividir. Ele não confiava em mim, e eu, não confiava em ninguém. No entanto eu limitei-me a suspirar devido ao calor. E ele ainda comentou como sentiria falta do mar por um longo período, uma vida talvez.

Ainda ousei a começar:- Acha que eles já sabem...?

Frank estava tranquilo, tremeu três vezes a bochecha antes de responder:

- Não saberão de nada até chegarmos, então que descubram. A noite caía, estávamos no deserto, o desconhecido, aquele que ninguém sendo um pouco ponderado ou “decente” ousa mencionar em plena consciência. No meio dele estaria o refúgio. O paraíso, a cidade fantasma, nossa salvação, nossa esperança, nosso prazer, nosso Marilyn Monroe:Nothing Hill!

Havia certa tensão naquele carro, mas o vento repelia.O verde ia dando lugar a areia, enquanto o sol timidamente sumia no horizonte. Era difícil para mim lembrar daquelas últimas palavras e se tinham feito sentido, mas de qualquer maneira não queria mais saber. O passado presente anula as perspectivas do futuro.O velho Frank, precocemente velho era inatingível. Era como se o dinheiro não importasse, mas era somente por ele que ele respirava. A temperatura havia caído bruscamente, quando já passada uma hora desde a costa estávamos cansados e sonolentos, só queríamos parar um pouco para abastecer. Abastecer-nos, pois o carro tinha álcool suficiente, quase um tanque cheio. Passava das 8 horas. Um abutre me fitou pousado em uma placa ainda em pé, mas se desmanchando pela ferrugem. Finalmente. Dava pra ler: “Posto Andrômeda do oeste, Última parada da terra á 30km”.

Aquilo tudo era emocionante, aquela ave me dizia:” Vão... Sigam, estarei atrás. Um de nós se fartará hoje. Eu só Sei que, especificamente aquele tipo de abutre apreciava carne humana. Talvez por não ter outra opção.

Os penhascos vermelhos anunciavam a desolação. Podia se ver Vênus como nunca, estava tímido, mas convidativo, quase me senti lá. Só faltavam aqueles quilômetros e talvez repousar um pouco no posto. A noite anterior estava amortecida em minha mente, como se eu atrofiasse aquela lembrança, como um trauma ou um sonho ruim. Despertava para a realidade enfim e era boa.

De súbito Frank me trouxe de volta á tona.

- Acho melhor não mexermos no dinheiro ate chegar lá. Olhou-me com uma ânsia quase voraz, mas tinha certa calma enrustida em qualquer gesto seu. Frank não era muito metódico ou articulado, mas era um homem de momento, uma raposa pronta a atacar. Aliás, tudo em nele era de raposa, seu olhar brilhante e libertino, sua fisionomia em si, aqueles cabelos dourados, seu jeito de andar. Seus espasmos que o faziam rosnar. E aqueles dentes amarelos e

pontiagudos. Um carnicheiro, sem dúvidas, mas um carnicheiro com gosto para carne fresca.

Instintivamente respondi:

- Meu amigo acho que esse é o momento de írmos às formalidades, nossa parceria não acaba, vamos reinar no paraíso, mas digamos que no deserto é cada um por si. Ele sorriu sempre depravado.

-Como quiser, sabe-se se lá de Andrômeda, ou da sua arma.

Eu me defendi:

- Já teria feito meu caro.

- E eu também, disse ele, mostrando os dentes.

“Sei disso seu desgraçado”.

Segurei a arma sem ele perceber, fingindo apenas dobrar os braços, o cair da noite no deserto justificava o gesto. Certamente Frank não era bobo. Parou o carro. Ele pegou a mochila, uma nota de 100 saltou para fora. Estava estourando. Estourando de tanto dinheiro. Seus olhos chamejavam de cobiça, como os de um animal selvagem diante da presa. Eu não ligava para aquilo, queria apenas conforto, precisava daqueles papéis de merda para obter o meu sossego. Isso fazia de mim outro hipócrita, como qualquer pessoa. Nothing Hill! Seriam todas aquelas histórias verdadeiras? Como não arriscar. O que a perder, além da cabeça.

- Você reparou nos olhos dela? Seu tom era perverso, de satisfação absoluta.

Juntávamos as notas amassadas pelo carro, ambos prontos para o conflito, o abutre esperando...

Aquilo soou indigesto.

- Não, é claro que eu não a encarei.

Ele cheirou uma nota anulando seu comentário e o meu.

“Miserável”, ao menos se eu não estivesse no controle, não havia controle.

- Mais um segundo e você nos mandaria para o inferno junto com ela.

- Não creio que ela esteja no inferno Frank.

- Onde mais estaria uma traidora?

- Não sei, mas acho que o inferno é você dormir sem saber... Eu contava rapidamente enquanto falava.

Frank pareceu entender, mas não.

- Sim, dormir sem saber se vai acordar, esse é o verdadeiro inferno, disse.

-Não Frank , a questão é não saber por que reação você vai acordar, caso acorde.

Frank não tinha imaginação, mas nossa parceria fora rentável. “Pronto, 50 mil para cada um.”

Pus a grana na minha bolsa, daria pra passar a vida no paraíso com tal quantia, em outro lugar um mês no máximo.

- De onde eu vim, uma parceria só vale com um aperto de mãos. Ele estendeu a mão trêmula.

- Isso é hipocrisia, mas vá, eu falei.

Ele realmente apertou. E seguimos sob uma piscina pulcra, cobrindo o deserto, banhando a escuridão. Até que fazia jus aos mitos. Por que o desgraçado tinha que me lembrar dos olhos dela! Quatro horas sem parar, o ponteiro não baixava de 190. Recusei-me a dirigir, ficaria vulnerável. Frank parecia não se preocupar tanto com isso. Não sou do tipo ameaçador eu acho. Não falamos nada, cada um disperso em seus devaneios.

“Ela tinha sorrido para mim, que noite!” Se ele soubesse. Mas alguns homens só querem ver dinheiro. Outros querem ver o circo pegando fogo. Outros só querem paz. O que ela queria? As três coisas talvez, acho que ao menos teve a resposta! Que traiçoeiro, que covarde, que crápula eu era. Por que Nothing Hill? Que bobagem. Que merda que eu era! Olho por olho. Tudo seria verdade? As promessas de um lugar bom para envelhecer, sem miséria, sem policiais, sem leis. E aquela coisa, aquilo que só havia Lá e que daria sentido á vida, o que era? Um objeto, talvez. De fato éramos muito idiotas de acreditar nessas superstições, afinal ninguém voltou de Lá para expor o tal paraíso. Mas e viver nesse mundo como ele está. Olho por olho. Nothing Hill nem existe, pensei eu em voz alta.

- Anda seu desgraçado sortudo, chegamos. disse Frank.

O posto era muito diferente do que eu imaginava. Na verdade ele parecia não ter sido construído, mas trazido pronto para o meio do deserto. Não era diferente dos postos de caminhões que encontramos nas rodovias, não fosse pela sua localização.

- Droga, mas o que guardam aqui? A luz branca me deixava tonto.

- Não estou interessado em muito mais que a loja, disse Frank. Havia alguns homens bebendo em volta de um caminhão.

- Quanto tempo eu dormi?

- O suficiente, eu espero.

“Posto Andrômeda do oeste”.

Na loja havia uma mulher magra e ruiva com olheiras profundas e um aspecto um tanto abatido. Estava realmente frustrada em estar ali, só não pude á principio saber se esse "ali" era o deserto ou o planeta. Frank não tardou a atirar seus comentários que eu chamava de “cantadas desafinadas”. Nem ouvi o que, mas ela não pareceu gostar. Frank foi ao banheiro e eu peguei três garrafas de uísque e algumas cervejas. Um homem gordo e calvo me encarou despreziosamente enquanto abastecia o carro. Quando fui pagar, a garota falou desinteressada num tom entorpecido:

-Se pretende ficar bêbado eu sugiro que compre isso. E sacou debaixo do balcão um líquido vermelho sangue.

-Não, disse eu, estranhamente simpático. Eu quero ainda viver.

Ela sorriu.

-Não vendemos isso aqui, é na verdade artigo de luxo, se Artur me pega eu estou morta.

O líquido brilhava dentro da garrafa sem rótulo.

-Ok, se é assim vamos ver. O que é?

Analisei melhor o seu rosto, ela tinha uma cicatriz de faca, ou algo assim na perto da boca.

-Digamos que seja uma tequila especial do deserto.

Impressionou-me a simpatia dela. Pensei que seria mal atendido, mas logo entendi que estava no caminho.

- Já estive em Nothing Hill?

A garota debochou de mim e rindo perversamente:

- Adooooo!

- Quer dizer que as historias...

- Sim são verdadeiras, em grande parte.

- O papo de que ninguém volta de lá...

- O que? Essa eu não ouvi. Cara será que podemos dividir essa roxa aí?

-O que?

Ela olhou para a garrafa sedenta.

-A tequila...

-Claro, eu e meu amigo estamos indo pra Nothing...

Frank entrou nesse momento e atrás dele o homem gordo.

-Então vão se aventurar! Disse esse enfim

. Frank abriu uma cerveja tirando uma nota do bolso.

- È, ouvimos histórias. Somos curiosos por natureza.

-Não liguem para o que ouviram, não é nada perto do que vão ver. O gordo foi para o balcão e abraçou a garota, que era uns 30 anos mais jovem.

-Vejo que conseguiram uma tequila muito peculiar. Frank me olhou sem entender a situação. A garota tentou se explicar, mas o careca estava realmente indignado.

- Olha cara, disse Frank. Seja o que foi que o meu amigo fez, sentimos muito. Não queremos problemas. Não conhecemos a região e seus costumes. Pela primeira vez Frank se mostrou astuto para mim.

-Não, está tudo bem. Problemas, quem quer problemas?

“Desagradado zombeteiro”

Ele se abaixou e eu, instintivamente saquei a arma.

A cena congela...

-Calmo amigo, disse. Está nervosinho, foges de quem?

-Isso não importa, disse Frank, passa a grana.

“O que”? Enganara-me ou outra vez a respeito de Frank. A garota me encarava sem medo algum, como se eu fosse seu salvador, o imaculado, onipotente...

-Tem ideia de quem estão roubando?

Ele estava assustadoramente tranquilo. Os homens do caminhão tinham ido embora.

-Não estamos roubando, disse eu. Quanto custa essa merda?

-A ofende chamando-a assim. Definitivamente ele não falava da garota ali presente.

-Eu só ia pegar uns copos. E colocou dois em cima do balcão. Frank ainda não tinha entendido.

-Fique quietinho aí... Serviu duas doses. Tomou num só gole e caiu bruto ao chão. Eu disparei no braço do careca.

-Que merda é essa?

- Calma, amor. Todos desmaiam no primeiro gole, ele tomou um copo cheio de uma só vez. Ela serviu-se de um gole e bebeu. Ainda estava de pé. A garota se transformou de repente.

- Essa garrafa era minha.

Caminhou até mim e sacou a arma descarregando no homem ferido atrás do balcão.

-Essa é pela a minha mãe, disse.

- Essa é pelo tio Sam, essa é pelas surras, e essa é pela Ala... Hesitou por um instante, vendo que falara demais. Vamos ela tirou a garrafa da minha mão.

-Para onde?

-Para onde?

Levamos Frank até o carro, eu não quis perguntar nada e ela também não. Fugimos na estrada única no meio do deserto baixo de Andrômeda. Próxima parada “Nothing Hill”. Nunca mais vi o Frank ou a garota, nunca saberei o segredo dela, e meu passado nunca será revelado. Mas eu vi os olhos dela.

Num bar em Nothing hill

- Sabem, disse um sujeito muito engraçado que praticamente morava no bar:

- Esse lugar é a morte, sabiam disso?

Todos riram exceto eu, esperei ele prosseguir, ele já estava travado de bêbado.

- Pensem, estamos no meio do nada, essa cidade é um grão de areia nesse deserto, ou alguém lembra o caminho de volta, aposto que nem sabem como vieram parar aqui. Outro cara, uns vinte anos mais novo grita: "Seu velho louco, aqui é o paraíso, temos uísque barato, muitas putas, não há policiais, não pagamos impostos, não gastamos nosso dinheiro com outra coisa, apenas

diversão. E o que dizer do por do sol? Nunca vi um tão lindo na minha vida, desde que a guerra acabou e as mulheres tomaram o poder essa cidade virou um paraíso particular."

- Isso, disse o velho, Aqui ninguém entra e ninguém sai daqui, estamos presos, por isso bebemos dia e noite, pra esquecer que estamos isolados do mundo por não suportar as pessoas. Eu vejo a sombra da morte no olhar de cada um de vocês

Eu me manifestei:

- Concordo em partes, só acho que as pessoas que não nos suportam, somos indomáveis, lobos selvagens sedentos pelo delírio e pelo desconhecido. Eu não me contento, nada me agrada, só beber, e assistir as melhores stripers do mundo e passar a noite com uma.

"Ou duas", gritou um garoto caolho que ouvia o papo da outra mesa. E todos riram.

A verdade era que eu passaria a noite sozinho. Eu ia dizer, a vida inteira!

-Você é novo aqui rapazinho, não queira ficar como nós, suma daqui, disse o velho para mim.

- Eu sou um de vocês, disse eu, você esta certo, esse lugar é a morte, ou seja, o que eu sempre busquei na vida. Só então notamos um sujeito muito magro com cara de nenhum amigo, ele se levantou e disse quase sussurrando :“vai se converter”. Acenou para a garçonete e fez um gesto que eu não entendi. Ela voltou com um vidro cheio de um liquido vermelho, não pude identificar o que tinha dentro.

-Que merda é essa perguntei.

O velho me olhou de uma forma totalmente insana, percebi que o meu olhar também era assim, tipo “o louco”.

A garçonete se debruçou sobre a mesa e me fitou do mesmo jeito, aquele olhar, aquele meu olhar que diz, por favor, me matem não suporto mais conviver com isso, com essa loucura, esse delírio, essa falta de coesão. Matem-me!

-Beba, disse o velho, são os olhos do desconhecido, as respostas que você tanto busca, já que opta por ficar você merece saber a verdade.

Olhei para o vidro com mais atenção e estremei! Uma sensação de pavor absoluto se apoderou do meu ser. Dois olhos humanos, ainda muito vivos boiavam naquele liquido estranho de cor avermelhada, mas que definitivamente não era sangue. Tentei me conter, mas disfarçar o nervosismo nunca foi um forte. Eram os olhos de uma mulher sem duvida, e penetravam nos meus como um riso cruel e revelador que me dizia: você está fodido cara. Pude sentir a faca em meus olhos. “beba, beba, beba, beba”, começou o velho, seguido do caolho, e logo o bar inteiro. Não suportava mais aquilo.

- Calem a boca, quebrei uma garrafa e aponte para o velho. Não vou beber essa merda seus assassinos miseráveis!

A garçonete me encarou outra vez, agora de uma forma irresistível, deitou na mesa, derrubando os copos de bebida, me puxou pela camisa e me beijou por mais de cinco minutos. Um beijo inacreditável, que língua! Fui a saturno com

aquele beijo. Ela limpou a saliva da minha boca delicadamente e me olhou de uma forma tão inocente que faria qualquer coisa por ela.

“Beba meu amor beba”. Eu bebi num só gole. De repente as coisas tomaram formas absurdas, e ela se transformou em uma Naja com a mesma língua e veio pra cima de mim pronta pra me atacar, me esquivei só que cada uma daquelas pessoas assumiram formas desumanas, um cervo, um abutre, um lobo. Todos vinham na minha direção como se eu fosse a única presa a aparecer por ali em cem anos. Mas eu estava sereno, não tinha mais medo, como se todas as minhas aflições não passassem de uma leve pontada no estômago, que eu podia suportar. Notei então que o velho louco não havia mudado ainda tinha o mesmo semblante, estava até menos feio que antes.

-O que eu bebi?

- Você bebeu os olhos de Alana, uma Iracema xamã, a pessoa mais sabia e visionária que já existiu. Ela foi um mártir crucificado pela ignorância e a inveja dos da tribo, ninguém suportava suas profecias que sempre se realizavam. Então, um dia a população se revelou com ira, a ira da inveja que os cegou, e fizeram o mesmo com Alana. Colocaram seus olhos em conserva na exclusiva tequila roJa, 78 por cento álcool. Agora, o que você vê é o que ela via, ou seja as coisas em seu estado natural, sua essência, como elas realmente são. Agora tudo está esclarecido, você pode ver as pessoas por dentro.

- É um orgasmo de liberdade isso é inacreditável! Gritei, e era incrível mesmo.

Antes de o velho sacar a faca eu agarrei o seu pescoço. “Desgraçado não vai roubar os olhos de Alana, não dessa vez”. Era pra você beber só um gole, você secou o vidro, não é justo, vamos precisar dos seus olhos agora, esse líquido mantinha-nos vivos, disse a garçonete, e logo eu fui contido por todos que estavam naquele bar.

“Beba uísque meu amor, beba, beba, beba e beba, vai doer menos”. E dizendo isso ela me deu outro beijo daqueles.

Não vi mais nada, desde então.

Data : 01/01/2011

Título : Guerra

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Ecos da ultima legião viva Do meio de vocês

Guerra

Ecos da ultima legião viva

Do meio de vocês
Surgiu o enigma,
As grades não os deterão
Ortodoxos em rebelião
Presos em sua opressão
Suas mentes manipuladas cantam televisão

Pra quem vive na guerra
Não há um intervalo de paz
Pra quem vive na guerra
Não há um intervalo de paz

Servos alquimistas
Subordinados cientistas
Evasivas doenças, rebeldia punida
Dor do intragável
Ovelhas fardadas
Luto do aristocrata
Repressão
Cinderela estuprada
Nos cômodos do palácio

Abra as cortinas
Eu sou verme rei
O cego que percebe
O fogo da guerra

Decapitando suas imagens
Comendo seus rins
Abra as cortinas
Não pare, garoto

Isso é uma guerra
Isso é uma guerra
A paz ainda é profecia!

Data : 24/12/2012

Título : Humildemente

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Desculpem-me deuses e demônios inventados perdidos no tempo fictício, emergindo das águas do imcompreensível, fábulas medíocres, poesia, mentiras, cobiça, teatro e escravidão...

Desculpem-me deuses e demônios inventados perdidos no tempo fictício, emergindo das águas do imcompreensível, fábulas medíocres, poesia, mentiras, cobiça, teatro e escravidão...

Desculpem-me senhores tão cultos e céticos que descartam evidências....

Desculpem-me sádicos sanguinários que gozam com a miséria alheia, que humilham, que pisam, deboçam e ostentam sua "superioridade"...

Desculpem-me filósofos mortos, os poetas clichês, os artistas de rua, os cães sarnentos, os insetos, os parasitas, os covardes e os fracos...

Desculpe-me terra, saturno e as estrelas mortas que zombam de nós...

As flores titanum nos mais sombrios bosques, onde o verde reflete a simplicidade e a transparência virtuosa da paz...

Desculpem-me dias perdidos ou enferrujados pelo tédio que me acompanha cada segundo que eu respiro...

Desculpa estômago, úlcera e dor de cabeça...

Desculpe, mas eu sou o meu próprio câncer...

Desculpem-me músicos de rua, escritores anônimos, loucos perdidos numa sociedade fria, injusta e miserável, em todos os sentidos, por todos os ângulos...

Desculpem-me malditos senhores do mundo, os mentirosos, os cruéis, os egoístas, os pastores que encenam, evangélicos fantoches, cabeças vazias, ditadores e esquerdistas, falsos heróis empoeirados, rasgados...

Desculpem lindas meninas...

Desculpem falsos amigos...

A verdade do mundo é que é tudo mentira...

Desculpe revolta, ódio e a tristeza...

Perdão felicidade!

Perdão amor...

Perdão água, fogo, ar, terra e aço...

Perdão elefantes por não subir numa montanha esperar, esperar e esperar como vocês limitam a sentir...

Perdão pelos cacos, os restos, o lixo, o luxo e a desafinação...

Desculpem-me bêbados iluminados do bar imaginário, a noite é sempre de vocês...

Perdão, mas na realidade não me arrependo de nada e nem sinto vergonha, estou em paz comigo mesmo e assim continuarei até o fim...

Perdão só por educação e humildemente falando, nem sinto culpa, culpa é religião...

Perdão dor...

Mas nesse exato instante, eu não estou sentindo nada!

Data : 01/01/2010

Título : Imperfeito

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Começou com um grande engano Eu não tinha como evitar

Imperfeito

Começou com um grande engano

Eu não tinha como evitar

Porque estava um cego letárgico

Com um pé no balsamo

Mas eufórico pela traição dos meus instintos

O que poderia ser mais idiota

Para um ser racional

Do que criar perspectivas sobre um plano

Que se desenrola paralelo a qualquer vontade

O imperfeito,

O Futuro!

Data : 01/01/2008

Título : Incansável

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Ela caminha pelo vale do Rei Pensamento Partirá de novo ao amanhecer

Incansável

Ela caminha pelo vale do Rei Pensamento

Partirá de novo ao amanhecer

E não sentirá frio

E não terá medo de nada

Só de voltar

O que faria essa?

Troque a peça

Fale com alguém

Ela quer se esquentar

Mas não sente frio

Segue o coelho alquimista

Para esvaziar as angustias

O resto vomita

Mas não sente medo disso

Nem de nada

Só de congelar

Ela inibe o fogo

E soberana, paira na noite

Ela caminha e caminha

E não está sozinha
Me vê e rosna
Não quer uma prosa
Não sente medo de ouvir
Apenas de falar
Não sente medo do medo
Apenas de acordar cedo

Ela se guia na noite vazia
Grita, cantando ao hino
Não sente medo disso
Nem de nada
Que não seja parar
E como eu queria!

Data : 01/01/2009

Título : Inércia

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Ao alvorecer eu parto a pé Até ozônio

Inércia

Ao alvorecer eu parto a pé
Até ozônio
E pego o trem do nunca
Não tenho nada e estou sozinho
Graças a Deus que estou absolutamente sozinho e livre

Vocês, pessoas que ainda acreditam em mim
Deixo minha empatia e a minha admiração
E sei que os verei

Mas não podem me mudar
Nem qualquer outro que ofereça
Uma sincera amizade e longas conversas

Nem você com todo o seu amor de mãe
E que é a mais pura e a mais linda criatura
E a quem eu sou devoto
Nem vocês meninas com seus comentários inspiradores e seus carinhos
Nem o dia mais quente
Na cinza dispersa no amanhecer

Meu ar é opressivo demais para vocês
Preciso de movimento e da minha carta de euforia
Estarei bem
Como eu estaria mais conformado
E como não poderia estar ansioso para um orgasmo de paz e liberdade
Como eu estarei bem longe de tudo
De cada trecho dessa estrada

Data : 01/01/2009

Título : Infância

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Eu andava sendo um bom menino Disperso de confusões do Planeta

Infância

Eu andava sendo um bom menino
Disperso de confusões do Planeta
Apenas centrado em mim, sem preocupações

Sem as longas e lentas conversações sobre assuntos que antes me excitavam
Apenas ressurgia em mim

Mas uma noite
Porque fui sair?
Numa dessas noites perdidas no incompreensível do tempo
Eu me equivoquei e fiz coisas erradas
Eu matei um homem só pra saber
Como era fácil

Do seu sangue fiz meu esboço
Que traduz esse carma
Não me arrependo
Mas receio nunca mais ver o sol do oeste
Numa tarde de inverno

Minha sentença não foi a morte
Acho muito pior

Uma cítara pra mim solar
Nas loucas noites de solidão

Data : 01/01/2009

Título : Inverno Eterno

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: A soma de todas as faltas As sementes de aniquilação...

Inverno Eterno

A soma de todas as faltas
As sementes de aniquilação

Jogadas à terra e regadas com o sangue do inimigo

Procurando alegria

Nas dependências do núcleo do ego

Apenas isso o acolhe

Em meio ao temporal

Inverno eterno

Data : 01/01/2011

Título : Irmão

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Quem ousa falar da solidão de quem não tem um irmão

Irmão

Quem ousa falar da solidão de quem não tem um irmão

Retém o brilho cego

Ofuscado pela multidão

Serpenteia teu plano

Embora em vão

Nos lacrimejantes elos

No teu palácio

Eu vos amo

E vos odeio então

Mas sois vosso irmão

Data : 01/01/2011

Título : Já Mortas

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: A Lua uiva no céu e chora por nós

Já Mortas

A lua uiva no céu

E chora por nós

Mas sua lágrima é seca

Como o riso sarcástico das estrelas

Já mortas

Data : 27/08/2013

Título : Livros escritos em guardanapos

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Disse um cara que não estava lá: O passado são cinzas

LIVROS ESCRITOS EM GUARDANAPOS

Disse um cara que não estava lá:

O passado são cinzas

O presente é preto e branco

E o futuro...

As cores dirão!

Nas cores submarinas

Tinta esferográfica num guardanapo
Vazando com a chuva de outro amanhecer
E tuas palavras umedecidas, e teus lacrimejantes olhos
E tua embriagada, gaga lucidez

E as mãos leves que toquei, beijei os pés dela
A morte sorriu e você assistiu
E um gole por mim e um outro para ela

Não era ela, nunca será!
Não é essa também, não vai ser ninguém;

Vamos falar sobre outra época
Outro tipo de eutanásia, daquele colírio que descoloriu meus olhos
Para a...
A fantasia
Que acaricia mãos calejadas

Sentimentalismo barato;
Os idiotas escrevem aquilo que sentem
E os demais
Que inventem, vivam seus efeitos, comam meus defeitos

Afinei essas cordas em “re” para vibrarem mais como abalos sísmicos que não
precisam mais de harmonia do que eu
Por que eu precisaria?
Só duas cores, só duas oitavas, se minha voz alcançasse...
Amanhã outro timbre, outra cor...

Dentro desse violão mora uma aranha
Você não pode ouvir, mas infrassons podem explodir o seu cérebro

Ninguém explica e nem se contenta
Então inventa, absorve toda essa informação inútil
Sem tocar, vendo superficialmente.

Tingindo as cores e chamando isso de abstrato

Pegue essa arte;

Os quadros não pintados

Os filmes Cult não produzidos

As canções esquecidas como um lapso qualquer

Irrelevante...ignorante, repelente, contagiante...

O que quiser ser, "puder..."

Os livros rasgados, os não escritos, ou em guardanapos

Isso não merece uma folha decente, uma árvore remanescente.

Use-a

Explore-a

Mas você não sabe!

Você não vê!

Espero sozinho!

E amo demais a minha solidão para dividi-la!

Bla, bla, bla

Eu não sei, nem ninguém

Que cor tem amanhã.

Data : 01/01/2020

Título : Macho Alpha

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: ...

Macho Alpha

Valdir era macho. Um macho de verdade, á moda antiga. Conservador, provinciano, destemido e acima de tudo intrépido. Um autêntico macho alpha. Do tipo que fala pouco e ouve menos ainda. Aos 56 anos tinha a vitalidade e a força de qualquer atleta na faixa dos 20. As mãos calejadas, a face rústica, os braços e o peito cabeludos, personalidade forte e um temperamento mutável. As pessoas que falam pouco tendem a ser as mais perigosas, no geral.

Muito mais que respeitado, era temido na cidade, devido ao histórico de violência.

Não tinha amigos, só companheiros de bar, e como todo o macho que se preste, tinha uma fêmea submissa que era sempre substituída por outra. O seu temperamento instável, ora sereno, ora escroto, faziam elas o abandonar. Solange até que estava durando, três anos. Ele não saberia responder quantos filhos tinha feito, mas a essa altura da vida decidiu não fazer mais nenhum. Tinha no mínimo 11, mas só assumiu um. Trabalhava com construção civil. Sua força e disposição impressionava os pedreiros mais jovens. Bebia mais do que qualquer um na cidade e quase nunca ficava bêbado. Mas quando ficava...

Começava a beber de manhã. Misturava pinga na térmica de café que Solange sempre preparava antes de ele acordar para trabalhar. Depois de um árduo dia de suor, ele ia direto para o "casarão", uma espelunca que se perdia entre os bares quase incontáveis da avenida X.

Depois de um dia de trabalho pesado ele precisava relaxar. Saía da obra no final do dia e ia direto para bar. "Nada mais justo, oras..."

Todos sabiam que ele era um pontecial homicida, embora, (pelo o que falam), nunca chegou a matar alguém. Certa noite numa discussão estrangulou um cara que estava "tocando o terror" no bar. Quase o matou, quase!

Larissa a dona do casarão tinha dois filhos do Valdir, este estrategicamente encontrou uma maneira de não assumir a responsabilidade. Conseguiu provar que tinha problemas mentais.

Valdir e Larisa tinham tido uma caso num passado remoto. A dona do casarão temia o ex marido, cliente do seu puteiro.

A rotina do Valdir era a seguinte: Acordar, comer um pão com mortadela, ir para o trabalho, ficar no casarão até umas dez horas (quando não ficava bêbado), ir para casa, bater na mulher e desmaiar.

Exceto no sábado, quando ia pescar na represa, voltando domingo a noite, às vezes carregado por amigos também embriagados. Mas Solange não reclamava. Ela nunca reclamava.

Valdir não era um homem ciumento. Sabia que Solange não o trairia. Cidades minúsculas são assim, todos sabem da vida de todos. Se ela o traísse, logo seria descoberta e assassinada pelo Valdir, com a aprovação de todos. A cidade era assim, retrógada, como países da África, onde as mulheres são objetos masculinos e as traidoras são linchadas.

Embora não tivesse amigos, só companheiros de bebedeira, muitos adoravam e até se espelhavam no velho valdir.

Naquela noite de domingo, ele não estava tão embriagado e, passando por uma floricultura, decidiu fazer um agrado a mulher. Comprou um buquê de rosas vermelhas e saiu carregando. Quando se aproximou do seu lar, ficou muito, digamos "curioso", nunca medroso, diga-se de passagem.

Uma viatura estava estacionada na frente da sua casa. O homem tentou lembrar do que poderia ter feito. Talvez fosse uma ex, pondo ele na justiça por não pagar pensão. Ele sabia que isso dava cadeia e muita encrenca. Como um macho, ele entrou em casa pronto para tudo, menos para o que presenciou.

No seu quarto, na sua cama, Solange gemia em cima de um policial que só vestia o coturno, a farda estava jogada no chão.

Solange pensava que, como de costume, o marido só chegaria depois das dez da noite.

Insistivamente o velho traído puxou a peixeira que tinha na cintura e foi para cima do policial que era bem treinado e bom de reflexos. Escapou da facada e numa manobra rápida puxou a pistola e acertou um tiro na cabeça do velho valente.

No outro dia saiu na capa de um jornal local a manchete: "HOMEM EMBRIAGADO TENTA MATAR A ESPOSA E SE SUICIDA E SE SUICÍDA."

" O pedreiro Valdir Arantes da Silva, num surto violento chegou em casa as 19:30 da noite de ontem, domingo (...)."

No seu velório com pouquíssimas pessoas, a maioria companheiros de bar. Uma mulher sofria de verdade. A dona do casarão. Já a viúva Solange jogou um lindo e perfumado buquê de rosas vermelhas. Presente do marido.

É, realmente, Valdir era macho e tinha morrido como "sujeito homem", como dizem... Um macho de verdade, machista, valentão e briguento. Mas não era páreo para um covarde de merda protegido por uma farda.

Data : 01/01/2011

Título : Mais Ainda

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: A mão que segura a rosa Aperta até parecer sangue

Mais Um

A mão que segura a rosa

Aperta até parecer sangue

Os espinhos entram na pele

O vaso cai no chão

Oh, Senhor, você está tão longe

Até me esqueci

Que deveria ter acreditado

Quando meus princípios acabam

Posso sentir o aroma do olfato esquentado pelo sol

E desse pequeno quarto

Minha privacidade foi estuprada

E andando no vale do estupro

Eu sou mais um

Ano : 2020

Título : Mais uma noite qualquer

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: O diário de um lobo

Uma noite qualquer

DAMA ESMERALDA, 1988

Nervoso. Sou um cara nervoso, tenho que admitir. Isso já me causou problemas demais. E quando você tem um problema, esse tipo de problema, ninguém te estende a mão. É preciso conhecer o inferno muito bem para reconhecer o paraíso. Mas quando você objetar, sabe, não andar na linha, O inferno é uma cúpula, e a única maneira de sair de lá é explodindo.

As pessoas criam seus inferninhos particulares, domésticos. São objetivas, elas pensam mais do que sentem. E para quem pensa, tudo é uma anedota pra você ter cólicas de tanto rir.

Já para aqueles que sentem, a vida é uma tragédia. Se você consegue assumir o controle, a vida é tragicômica. Suportável. Mas tudo isso é tese, porque quem conhece o inferno se adapta, se queima, acaba até achando divertido. Um palhaço pondo fogo no circo.

Inferno é ter que acordar sem saber a razão.

O aço grita renitente. O carbono exala na fumaça tóxica. Uma nuvem de cinzas sobre o solo incandescente. Os flocos de cinza, o calor desumano vai refrescando a memória.

Eu não tenho memória! O que, Aonde? Como eu quando? Sempre acordo assim. O fogo continua árduo.

Alguma coisa explodiu. E pelo jeito a coisa foi bem feia. Tento montar o quebra cabeça. Não consigo lembrar nada antes disso. Você se perde no tempo e o tempo se perde no incompreensível. Eu devia ser um cara esperto num passado muito remoto. Mas como eu disse, sou nervoso e a ansiedade fode com o seu cérebro. Junto com o álcool, os calmantes e posteriormente o sangue.

Esse é o meu trabalho. E sou muito bem remunerado.

Quando se faz um bom serviço, deve exigir um pagamento digno. Não cometo falhas, não deixo rastros, me chamam de lobo, uma vez

um cara me chamou de lobinho. Ele acabou virando carne de primeira para os sobrinhos do lobo. Os cães de rua por aqui não gostam de humanos e eles me obedecem porque eu sempre trago o banquete. Só que eu estou cansado, velho precocemente e muito, muito cansado. Poderia dormir um milhão de anos, se eu tivesse sono.

Vivo na linha tênue entre a loucura total e a serenidade que me mantém vivo (eu só não sei por que razão). E também me mantém longe da polícia. Até os mais corruptos trocariam propina por mérito. O mérito de prender o cara mais procurado do estado.

É claro que eles sabem onde eu estou, mas não a hora que estou. Não tenho medo, é ódio! Não sou o culpado pela negligência dos pais nem da desobediência dos filhos.

Quando chegam até mim eu faço o meu serviço. Remorso? Nenhum. Ninguém é inocente, não com todos os dentes na boca.

Se alguém nesse buraco me paga para matar "fulano", é porque "fulano" fez mal a esse alguém. Não posso julgar e não tenho nada a ver com isso, sou só um profissional.

Eu não dou as cartas, nem mesmo jogo cartas, e no xadrez sou o cavalo. E esse cenário apocalíptico, fui eu?

Eu não me lembro.

Só sei que eu tinha um dia livre, só me lembro de ter encontrado um velho conhecido, o D. Ele estava aposentado. Filhos, família, etc...

Estávamos bebendo e conversando tranquilamente.

Aconteceu que um desses playboys de merda metidos a bandidos só porque conhecem um traficante. Mas o traficante não os protege. E traficantes não são assassinos de aluguel.

Odeio essa escória. Pra mim é sempre um prazer furar um deles.

Mas eu estava de folga e o D estava aposentado, queríamos paz. Mas eles tinham que complicar. Um deles, com cara de coreano, apontou uma arma pra mim.

- Você estava olhando pra minha garota. Ninguém tinha olhado para aquela vadia, que aliás estava louca pra ver sangue. E eles sabiam disso, estavam em três e queriam brigar mesmo, só queriam brigar, e fizeram a parte deles.

Senti uma coronhada, senti o sangue escorrendo, fiquei meio tonto.

- Responde seu merda, disse ele, apontando a arma para minha cabeça.

Os outros dois eram grandalhões, vai ver era por isso que o japa andava armado, para compensar alguma coisa.

Tudo foi muito rápido 4 ou 5 segundos. O D quebrou a garrafa na cara de um deles e partiu pra cima do "olho puxado", arrancando a arma dele. Mas ele já estava com os intestinos pra fora. Não sou muito fã de armas de fogo. Elas emperram, a munição acaba e você pode se matar. Por isso tenho sempre a "peixeira" de um metro, afiadíssima sempre comigo.

Já era a minha noite de folga.

Já era a aposentadoria do D.

Agora lembrei de tudo...

D entrou no clima (estava abstinência, isso sim). Ele matou todos e colocou fogo no bar. Pelo jeito fui o único sobrevivente. Lembrei disso, mas logo vou esquecer.

A propósito, sou nervoso.

Garçom do bar invisível: Uma dose tequila, três ampolas de morfina e três Clonazepam. Preciso me acalmar, já disse que eu sou nervoso.

Certamente, minhas desventuras dariam um bom livro. E daí, quem sabe, até um propósito para a minha vida. Vida de merda, mundo miserável.

Eu bem que gostaria de entrar numa onda dessas psicologias baratas e me fazer de vítima. Afinal, minha infância não foi nada colorida. Mas, eu não sou uma vítima, e não pretendo ser. E, também não posso mudar aquilo que eu sou. Ou, poderia mudar. As possibilidades são infinitas, certo? Não! Não para mim. Não agora. Minha memória foi presa em um sonho. Um pesadelo que prefiro anular. É bem mais fácil assim, por que eu iria optar por esse sofrimento?

Não faz sentido. Nada no universo faz sentido. É só o caos absoluto. A vida na terra começou com uma ameba. Eu não como vai terminar, nem quero saber, sei que vai, um dia....

Vou contar aquilo que eu sei de fato sobre Henrique Gabriel. Todos acham que ele é só um psicopata homicida., mas ele não é só isso.

Há muito tempo que o seu delírio o transformou nesse monstro. Conheceu o pior que a vida pode oferecer, mesmo sendo rico, herdeiro de uma fortuna astronômica. Seu pai matou a sua mãe a facadas, na frente dele, e em seguida se suicidou. Gabriel tinha uns probleminhas. Largue uma fortuna na mão de um aspirante a maníaco, espere o resultado.

Depois disso, o pequeno Gabriel, que como eu disse, tinha lá seus parafusos soltos, ficou incontrollável. Mas ainda não tinha atingido o pico da demência, Ainda...

Foi aquele livro: "O manual do Senhor Tempo". Todos que leram piraram assim? Claro que não! Isso é balela. Livros não tem poderes sobrenaturais, nem nada de mágico. Mas pegue um louco e convença ele que ele pode ser deus. Vai ver no que dá.

Sim, Gabriel leu o livro aos 16 anos. Várias e várias vezes e se nomeou o "predestinado".

O que eu sei sobre o conteúdo do tal livro? Nada, só que é uma baboseira filosófica. O livro não é perigoso, mas Henrique Gabriel e os outros seguidores são.

A questão do perigo, (falando em perigo), nunca foi "o que", mas "quem". E tudo que ele absorveu virou um oceano de sangue. Sobrou para quem cruzou o caminho de Henrique Gabriel e não acreditou ou, não fingiu acreditar nele.

Se eles vão incendiar aquela cidade, como Nero fez com Roma, eu não sei. Mas, se a colina de fogo ainda vai dar o que falar. Não tenho dúvidas.

Quero pular fora antes que eu me queime ainda mais.

Quem sou eu? Só o lobo, me chamam assim. O resto é balela.

Data : 24/06/2016

Título : Meu pior amigo

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Lembro-me do nosso primeiro contato, eu tudo sabia de ti:

MEU PIOR AMIGO

Lembro-me do nosso primeiro contato, eu tudo sabia de ti;

Sabia que tu não prestavas, eu te via em meu pai, e de suas mãos te recebi pela primeira vez, boa sensação, de leve o relaxamento com a sensatez, inofensiva também...

E você em mim não era um mal, mas uma piada, daquelas sem graça, que só os bem idiotas entendem...

Mas vi que tu eras amigo dos ilustres poetas e filósofos, dos quais muitos foram quase isso, em vão, devido á ocasião que tu lhes deste;

E sucumbi em tristeza, uma melancolia química do cérebro

Que a ciência mal pode tentar explicar...

E esse meu mal, e nada mais, foi o que me atraiu a ti.

Assim vendo os matizes obsoletos da lua, o vento soar como música.

As pessoas parecendo simples pela rua, o réquiem a voar em breves devaneios, sem fingir.

E ao me excitar, sem mais receio de nada, afluíste em mim, meu pior amigo, a efervescência filosófica, dormente como meus lábios, entorpecentes como as belas garotas de saia a desfilar diante do mar infinito, banhado por um lençol de estrelas que eu via, você me afluíste a poesia.

As garotas, o que dizer, podia apenas cantar, beijar, dançar, rolar até um amanhecer seco, mas a princípio tu eras obsoleto e nunca opressor...

E nossos amigos em comum eram tantos, os poetas, os filósofos, os músicos, o rock'n roll, as belas garotas de coturno, a confusa nostalgia do meu pai, o velho Miranda e as madrugadas de poesia e xadrez!

Você era um mal, sempre soube, mas um mal necessário. Ainda era um palhaço, mas não fazia de mim no início, e era propício sair duma cúpula gótica de tristeza e solidão e ver o mundo, sonhar com esferas e planetas, entorpecido em imaginação.

Pensei que eu fosse teu manipulador, falso amigo. Quanta infâmia viria de minha parte conduzido por ti.

Você me levou em poucos anos a lugares que nunca pensei chegar,
A estrada, as paisagens noturnas do Sul, o incandescente entardecer do nosso litoral, o amor mentiroso do Norte, até a degradação no Nordeste.

Poderia ter ido a todos esses lugares sem ti, meu amigo.

Mas contigo viajei, de corpo, inclusive.

Corri o mundo, aprendi coisas, as pessoas não eram difíceis.

Tu libertavas de mim demônios e monstros que só deveriam ser libertos em maus sonhos...

E eu nem percebia, pior amigo, que tu me conduziás, e que era um teatro tragicômico a nossa alegria e eu era, não teu escravo, mas teu empregado, digamos. E você o meu.

Amizade estranha, nada mais foi como antes, eu virei palhaço como tu, e você me afastou das pessoas de vez, matou nossos amigos em comum e agora tua companhia me tornara um ignorante, perturbado, revoltado, melancólico, agressivo, escroto, perigoso(mais para mim, porém). Mentiroso inescrupuloso, mentiras que nunca precisei contar, versos feios que nunca senti recitar, músicas feias que até esqueci de tocar. E por trás disso, apenas eu era uma criança incomunicável.

Meu mal não estava extinto, mas triplicado e decidi morrer.

Virei o palhaço da rodoviária, fui chutado, desgraçado, humilhado, sempre contigo ao meu lado, oh amigo...

É hora de morrer, tu me dizes!

Mas não, não!

É muito justo morrer por um amigo, mas não, não, não! Você não é meu amigo, quero acreditar, e, no entanto, é! Não sei mais. Me perco nesse paradoxo.

Você está por toda parte, é uma doença incurável que eu não posso esquecer. preciso conviver.

Mas, se tu fores meu inimigo, me matará, pois estarei na sarjeta, sarnento apenas contigo. Amigo, quero ser teu amigo, assim eu te deixo pra lá, não vou mais brigar contigo, não mais. Não é isso que os amigos fazem. Se afastam, mas não se esquecem um do outro?

Acho que vai ser assim então.

Então, fico longe de ti pra sempre, e o pra sempre é só o hoje, o agora!

Não te quero mais como companhia, no entanto te entendo perfeitamente agora, produto de destruição! Tu nem existe, amigos vão embora, então, tanto faz essa metáfora idiota. Vai estar sempre perto, mas nunca em contato comigo.

Eu aqui, você aí, MEU PIOR AMIGO!

Data : 01/01/2009

Título : Mídia

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Bem vindo ao lado negro do meio dia Onde tudo queima e esfria

Mídia

Bem vindo ao lado negro do meio dia

Onde tudo queima e esfria

Você vê as luzes na porta

Os muros e os portões

Passando pelo que não são

E depois de tudo

Ainda você vê

Você mesmo na TV.

Data : 01/01/2011

Título : Morta em Mim

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Ela flutua sobre meu ermo Ofuscando o meu brilho

Morta em Mim

Ela flutua sobre meu ermo

Ofuscando o meu brilho

Nua atua o ser perverso

A tua sagrada luxúria

Todo o pavor e toda a dor

Em seu coração cortado

Corte vertical

Cego e ilimitado

Um cortejo, um humilde beijo

Em minha volta está ela

Morta em mim

Viva em sofrimento

Data : 01/01/2010

Título : Morto

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: O morto descreve sua sentença Ele sabe de todas as rotas, sabe escapar

Morto

O morto descreve sua sentença
Ele sabe de todas as rotas, sabe escapar
Não tem um selo, mas é fácil notar
Que o morto quer matar a morte ou gozar
Sair e sair
Perder ou reescrever sua versão
Apenas um instante o separa
Dos anos de eterna incompreensão

Data : 01/01/2011

Título : Nem

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Nem você, céu Como toda a sua doçura e peso

Nem

Nem você, céu
Como toda a sua doçura e peso
Das várias matizes do amanhecer

Nem o silêncio que grita
Nos vales onde o sol encontra a cachoeira
Divinos são os que bebem da tua água sagrada

Nem vocês livros e discos, nem você ausência total de luz
Nem você família, com todo seu carinho e afeto
Nem vocês garotas, com seus beijos e loucuras

Nem o pálido luar
Entre o templo do anticristo
Nem a estrada com todas as suas sinuosas curvas

Nem você vai me parar
E lá me vou
À esquerda!

Data : 01/01/2011

Título : Nômade

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Como o vento sul Que sacrifica mil almas

Nômade

Como o vento sul
Que sacrifica mil almas

Como a espada de um gume
Que queima no sereno

Como diamante
Atolado na lama

Como o burro
Que nunca se engana

Nômade, protetor das cinco trombetas
Nômade, se camufla no deserto, a espreita

Nômade, ser da areia e do mistério
Nômade, sua mente nunca será revelada

Data : 25/10/2012

Título : Nostalgia

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Eu estava sentado num boteco á esquerda de qualquer lugar bebendo vinho tinto seco, apenas vivo e até que bem tranquilo, ...

Nostalgia

Eu estava sentado num boteco á esquerda de qualquer lugar bebendo vinho tinto seco, apenas vivo e até que bem tranquilo, quando senti um vazio impreenchível.

Ah que saudades do tempo do bar do Ary! Eu era feliz e não sabia.

Meu pai era sócio do Ary, mas não se importava que o nome fosse taberna Ary Lopez.

Todas aquelas conversas sobre o mundo, história, filosofia, política e os assuntos banais, principalmente, sempre são os melhores.

As piadas, daquelas que te dão cólica. Aquelas que te fazem rir feito um retardado sempre que você lembra.

As histórias absurdas dos bêbados que começavam a chegar as seis, depois do trabalho e só iam pra casa quando expulsos.

As fábulas cotidianas do Orlando.

O som do velho violão de náilon. Aquele quebrado com fita crepe em volta.

A dona Virginia tocando os bêbados encrenqueiros com uma vassoura.

As brigas que sempre acabam com mais uma rodada.

As palavras do meu velho pai.

O xadrez com o Miranda.

A minha mãe indo atrás de mim e da minha mana pra gente ir jantar, com a advertência de sempre: Não voltem mais naquele pardieiro.

Bons tempos. Sempre voam!

E você só vive esses instantes de felicidade porque sabe que eles nunca voltam.

Toma mais um gole de coragem líquida e fica com uma lembrança e saboreia o passado.

Agora sábios sujos se calaram, o meu pai se foi, o Orlando eu vejo às vezes com seu carro de reciclagem e um sorriso forçado, quase falso.

O velho Ary a dona Virginia se separaram.

Hoje o lugar é só uma construção abandonada, onde viciados se resumem a insetos sem alma.

Na parede ainda em pé, o desenho de uma canoa a deriva, engolida por uma rachadura.

Um entardecer alaranjado, um pássaro gozando no horizonte cego.

O fedor de urina e de merda

Os vidros no chão, a espera do fim de toda a matéria.

Não sobrou mesmo muita coisa da taberna

Mas as baratas nem se importam.

Data : 01/01/2011

Título : Novo Dia

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Sorria, eu te matei Como o sol mata o verme torrado na calçada

Novo Dia

Sorria, eu te matei

Como o sol mata o verme torrado na calçada

Chorando de alegria

Como o eco das sombras vulcânicas

No ápice do declínio da lava

Como a esperança estuprada

Agora você também
Sua sombra à esquerda
Chora seu perdão implorar

Sorria
Um novo dia
Pra você anoiteceu

Ano : 2012

Título : Num bar em Nothing hill

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: Sabem", disse um sujeito muito engraçado que praticamente morava no bar:

Num bar em Nothing hill

"Sabem", disse um sujeito muito engraçado que praticamente morava no bar:

"Esse lugar é a morte, sabiam disso?" Todos riram exceto eu, esperei ele prosseguir, ele já estava travado de bêbado."Pensem.Estamos no meio do nada, essa cidade é um grão de areia nesse deserto, ou alguém lembra o caminho de volta, aposto que nem sabem como vieram parar aqui."

Outro cara, uns vinte anos mais novo gritou: "Seu velho louco, aqui é o paraíso, temos uísque barato, muitas putas, não há policiais, não pagamos impostos, não gastamos nosso dinheiro com outra coisa, apenas diversão. E o que dizer do por do sol? Nunca vi um tão lindo na minha vida, desde que a guerra acabou e as mulheres tomaram o poder essa cidade virou um paraíso particular."

"Isso", disse o velho, Aqui ninguém entra e ninguém sai daqui, estamos presos, por isso bebemos dia e noite, pra esquecer que estamos isolados do mundo por não suportar as pessoas. Eu vejo a sombra da morte no olhar de cada um de vocês"

Eu me manifestei:

"Concordo em partes, só acho que as pessoas que não nos suportam, somos indomáveis, lobos selvagens sedentos pelo delírio e pelo desconhecido. Eu não

me contento nada me agrada, só beber, e assistir as melhores stripers do mundo e passar a noite com uma". “

"Ou com duas", gritou um garoto caolho que ouvia o papo da outra mesa. E todos riram.

"Você é novo aqui rapazinho, não queira ficar como nós, suma daqui", disse o velho para mim.

"Eu sou um de vocês", disse eu. "E você está certo, esse lugar é a morte, ou seja, o que eu sempre busquei na vida. Estamos presos como uma moeda num campo magnético. Nada faz sentido no universo, é tudo só o caos."

Só então notamos um sujeito muito magro com cara de nenhum amigo, ele se levantou e disse quase sussurrando: "Vai se converter".

Acenou para a garçonete e fez um gesto que eu não entendi; Ela voltou com um vidro cheio de um líquido vermelho, não pude identificar o que tinha dentro.

"Que merda é essa", perguntei. O velho me olhou de uma forma totalmente insana, percebi que o meu olhar também era assim, tipo "o louco". A garçonete se debruçou sobre a mesa e me fitou do mesmo jeito, aquele olhar, aquele meu olhar que diz, por favor, me matem não suporto mais conviver com isso, com essa loucura, esse delírio, essa falta de coesão. Matem-me!

"Beba", disse o velho, são os olhos do desconhecido, as respostas que você tanto busca, já que opta por ficar você merece saber a verdade. Olhei para o vidro com mais atenção e estremeci! Uma sensação de pavor absoluto se apoderou do meu ser. Dois olhos humanos, ainda muito vivos boiavam naquele líquido estranho de cor avermelhada, mas que definitivamente não era sangue. Tentei me conter, mas disfarçar o nervosismo nunca foi um forte. Eram os olhos de uma mulher sem dúvida, e penetravam nos meus como um riso cruel e revelador que me dizia: "Você está frito cara."

Pude sentir a faca em meus olhos. "beba, beba, beba, beba", começou o velho, seguido do caolho, e logo o bar inteiro. Não suportava mais aquilo.

"Calem a boca", quebrei uma garrafa e apontei para o velho. "Não vou beber essa merda seus assassinos miseráveis!"

A garçonete me encarou outra vez, agora de uma forma irresistível, deitou na mesa, derrubando os copos de bebida, me puxou pela camisa e me beijou por mais de cinco minutos. Um beijo inacreditável, que língua! Fui a saturno com aquele beijo. Ela limpou a saliva da minha boca delicadamente e me olhou de uma forma tão inocente que faria qualquer coisa por ela. "Beba meu amor beba".

Eu bebi num só gole.

De repente, as coisas tomaram formas absurdas, e ela se transformou em uma Naja com a mesma língua e veio pra cima de mim, pronta pra me atacar, me esquivei, só que cada uma daquelas pessoas assumiram formas desumanas, um cervo, um abutre, um lobo. Todos vinham na minha direção como se eu fosse a única presa a aparecer por ali em mil anos. Mas eu estava sereno, não tinha mais medo, como se todas as minhas aflições não passassem de uma leve pontada no estômago que eu podia suportar. Notei então que o velho louco não havia mudado ainda tinha o mesmo semblante, estava até menos feio que antes.

"O que eu bebi?" perguntei a ele.

"Você bebeu os olhos de Alana, uma Iracema xamã, a pessoa mais sabia e visionária que já existiu. Ela foi um mártir crucificado pela ignorância e a inveja dos da tribo, ninguém suportava suas profecias que sempre se realizavam. Então um dia a população se revelou com ira, a ira da inveja que os cegou, e fizeram o mesmo com Alana. Colocaram seus olhos em conserva na exclusiva tequila rosa, 78 por cento álcool .Agora o que você vê é o que ela via, ou seja as coisas em seu estado natural, sua essência, como elas realmente são.Agora tudo está esclarecido, você pode ver as pessoas por dentro."

"É um orgasmo de liberdade isso é inacreditável!"-gritei, e era incrível mesmo. Antes de o velho sacar a faca eu agarrei o seu pescoço.

"Desgraçado não vai roubar os olhos de Alana, não dessa vez".

"Era pra você beber só um gole, você secou o vidro, não é justo, vamos precisar dos seus olhos agora, esse líquido mantinha-nos vivos," disse a garçonete, e logo eu fui contido por todos que estavam naquele bar.

"Beba uísque meu amor, beba, beba, beba e beba, vai doer menos". E dizendo isso ela me deu outro beijo daqueles.

Não enxergo nada, desde então!

Data : 01/01/2010

Título : O Albatroz

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Falar atroz, falhar quem teme Baixar a voz, quando alguém geme...

O albatroz

Falar atroz, falhar quem teme
Baixar a voz, quando alguém geme
Falar em rima, ouvir falar
Falar cantado, não se orgulhar

Quem acha a mina, não se rebaixa
Quem sobrepõe não se afasta
E eleva a voz, quando alguém grita
E manifesta, mas não se agita

E quem se orgulha, de falar nada
Nunca entenda, e nunca tarda
Ignora a voz, de quem não trama
Se o albatroz ainda geme
E gesticula sua liberdade
Tão posterior, em insanidade
Do homem que, não tem direito
Abre a porta, uma estranha nuvem surge
Entre as nuvens do céu, grita, sobre uma apática tempestade.

Ano : 2013

Título : O contato

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: No ano de 1981, o programa científico SET (sigla em inglês), recebeu um sinal de um rádio transmissor com a frequência de 31 mhz.

O Contato

No ano de 1981, o programa científico SET (sigla em inglês), recebeu um sinal de um rádio transmissor com a frequência de 31 mhz.

O SET foi criado para capturar sinais emitidos do cosmos, ou seja: vida inteligente. O sinal foi um ruído, quase inaudível e inaudito. Veio da órbita de um planeta da galáxia Centauros A e durou apenas 39 segundos. Centauros A pode passar despercebida, mas vindo de perto há algo muito peculiar a acontecer. Quando os astrônomos olharam para essa galáxia, utilizando imagens de rádio, revelaram uma espiral escondida por baixo. Isso é bem estranho e intrigou os cientistas o fato do sinal captado com um rádio telescópio.

Centauros A é a única galáxia já descoberta com braços espirais. Acredita-se que ela absorveu uma galáxia há milhões de anos. Fusões desse tipo não costumam deixar espirais intactos, por isso os astrônomos não têm nem ideia do que acontece lá. Tudo no cosmos é intangível para os humanos, um ruído, uma vibração com muita interferência vinda do espaço e de uma galáxia tão distante poderia ser o maior salto científico da história da humanidade. Mas o mais intrigante e desafiador foi a baixa frequência sonora, com um receptor de 50 canais a mensagem nem chegaria. Acredita-se que há um campo gravitacional tão intenso há 2.000 anos luz da órbita desse planeta que tentou contato com a

Terra. Um buraco negro que durante milhões de anos engoliu estrelas cem mil vezes maiores que a terra, um lugar no espaço tempo capaz de distorcer o tempo. Essas foram apenas as hipóteses, o real estava naquele sinal incompreensível.

Não era só a vibração, o som era perturbador, tanto que muitos astrônomos passaram mal ao ouvi-lo. Dizem que alguns até enlouqueceram. Era alguma mensagem em um idioma desconhecido, supostamente passava coordenadas em Código Morse. Essa teoria foi a mais aceita, era só mais um mistério, seria impossível decifrar algo naquela frequência, cheia de interferências.

Então omitiu-se informações e o fato foi caindo no esquecimento, resumido a teorias conspiratórias. Contatos interestelares eram míticos.

Até que no ano de 1999, no mês de novembro, quando todo mundo só pensava na virada do milênio, profecias e mais profecias sobre o fim do mundo, surgiu um homem que disse ser "uma peça sem formato que se encaixe na sociedade humana."

Quem era esse homem? Mais um oportunista atrás de publicidade, um louco saturado de informação? Arthur Kosviokisak alegava se comunicar com seres interplanetários. Obviamente ele foi ridicularizado. Afinal que espécie tão mais evoluída que nós, usaria um equipamento tão comum quanto um rádio receptor?

O russo Arthur Kosviokisak, que já se tornara uma celebridade, disse que as mensagens que ele recebia não vinham de rádio, ou qualquer outro equipamento, e que nenhum ser humano tinha a capacidade de ouvir. "Eles querem contato conosco, aquele som foi o máximo que eles conseguiram. O negócio é muito mais complexo do que vocês podem supor".

Mas Arthur, sempre ponderado e sereno extasiou o mundo ao mostrar as suas habilidades. A comunicação silenciosa com outros animais, como os elefantes, os tigres e as aranhas. Logo ele foi massacrado pela credence das pessoas, que atribuíam o seu "dom" a algo sobrenatural. Muitos o consideravam um bruxo, quando paralisou dois tigres diante das câmeras de uma emissora norte americana.

Mas a ciência tinha a resposta que gerava outra dúvida. E não é assim que a coisa funciona? Esses animais emitem e ouvem sons abaixo de 20 mhz, ondas sonoras que os humanos não conseguem escutar. Os infrassons. Por exemplo, os elefantes não tem premonições. Eles não preveem tsunamis ou abalos sísmicos na terra. Eles ouvem. Até onde aonde se sabe, (o que é muito pouco), os sons infrassônicos são um dos mistérios mais intrigantes para a física. Sons de baixa frequência causam um desconforto psicológico imperceptível nas pessoas. Tanto que são usados em filmes de terror. São ondas sonoras quase hipnóticas. Já os efeitos dos sons infrassônicos são desconhecidos. Não escutamos, mas sentimos a vibração. Alguns físicos acreditam que essas vibrações abaixo de 20 ou 15 mhz tem um poder inimaginável. Como o de destruir edifícios e monumentos e explodir os órgãos internos de alguém sem tocar.

Tudo certo, mistério resolvido, mas a ciência resolve uma questão criando mais 10 dúvidas. Quem é esse homem que consegue emitir e ouvir infrassons? Numa entrevista, Arthur disse que sempre ouviu vozes que tentavam dizer algo a ele. Quando criança, aos 9 anos ele afirma ter recebido um aviso de que um meteoro

cairia na terra extinguindo seus habitantes. Só aos 15 anos, estudando os astros - sua paixão - ele entendeu.

No espaço tempo tudo é relativo. Portanto essa mensagem foi enviada há milhões de anos luz chegando na terra no final do século XX. Os seres que habitavam a Terra na época em que a mensagem foi enviada, eram os dinossauros.

A virada do milênio estava chegando, tudo prestes a explodir. A NASA então se manifestou. Ele estava passando dos limites. Andava dizendo que a missão Apolo 12 foi uma farsa. O homem nunca foi à Lua. Muita gente acredita nisso, mas Arthur destemido atacava sem parar, alegando que isso fazia parte da guerra fria, e que a mesma ainda não tinha acabado. A NASA por fim desafiou o russo a decifrar o código de Centauros A.

Como gratificação, ela receberia um milhão de dólares.

Arthur odiava os EUA, não queria dinheiro, e muito menos provar nada pra ninguém. Ele sabia que algo desconhecido, uma força, essa magnitude, ele só sentia! Seis bilhões de pessoas estavam na expectativa, e os comunistas se fartaram com a oportunidade de atacar os EUA educada e pacificamente.

O homem - ou seja lá o que for - de dezenove anos, decifraria um código ainda nem compreendido?

"Isso será um grande passo para a evolução humana, podemos estar diante do sentido da vida", disse uma repórter japonesa.

No Brasil, a maioria das pessoas acreditavam que ele não era boa coisa.

"Ele é "pisco", tem parte com o capeta", falava uma senhora em um programa matinal para donas de casa.

Outros achavam que ele era uma fraude. Um produto da própria mídia.

"Estamos prestes a presenciar o bug do milênio". Foram as últimas palavras de Arthur, antes de embarcar no Boeing 11011, reservado para o voo particular.

O homem saiu de Rostov como um mártir, cercado por repórteres e curiosos. Em Moscou o avião o esperava, apenas o piloto, o copiloto e dois funcionários da companhia.

O voo Moscou-Seattle atrasou tanto que passadas doze horas do embarque, nada do avião chegar ao destino.

Simplesmente desapareceu...

Navios, aviões, mergulhadores não mediam esforços para descobrir o paradeiro da aeronave. Havia caído, mas aonde? Um último sinal recebido foi uma mensagem confusa e com muita interferência. A voz do piloto era de terror absoluto, podia-se sentir o pânico! As únicas frases foram "Estamos Sendo sugados, posição, estamos sumindo, campo magnético..."

#####

Há milhões de anos luz da terra, Arthur enviou uma mensagem. Disse que estava em casa e que tudo fazia sentido agora.

A mensagem de 1981 fora enviada pelo seu pai, que só queria avisar que houve uma distorção temporal e o seu filho acabara nascendo na Terra. Só queria encontrá-lo.

Os planetas, tais como as estrelas, migram em milhares de anos, bilhões de anos terrestres.

A mensagem chegará na terra daqui a uns 23 milhões de anos.

Se ainda existir vida nesse planeta na borda da Via Láctea. Se existir matéria por aqui, quem ouvirá?

Data : 01/01/2011

Título : O Dia da Noite

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Canção de uma bactéria Sempre um açoite

O Dia da Noite

Canção de uma bactéria

Sempre um açoite

Uma decida ao inferno

Ao Sul

Continua descendo

Histórico e sagaz

Fiel ao dia da noite

Crianças de ouro tingido

Um doce estragado

A estratégia subliminar da esperança

Para só convertê-los

A cada grão de energia

Em criaturas zumbis

Que habitam a noite que zomba
Deles e dos outros
Contemplam dessa noite
Que jaz no dia
Da próxima noite

Data : 27/10/2012

Título : O grande globo da morte

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Certa noite eu olhei pro céu estrelado As estrelas não pareciam estrelas

O grande globo da morte

Certa noite eu olhei pro céu estrelado

As estrelas não pareciam estrelas

Estavam mortas

Eram cruces brilhantes no espaço sideral

Eram centenas delas, nem pude contar

Um cemitéio luminoso

Um cometa passou

fiz um pedido

eu queria estar naquele cemitério, ser parte dele

Ser radiante como ele

Queria morar com a minha família de monstros em alguma galáxia distante

Longe desse mundo de aspirações sórdidas e de hipocrisia

E de inveja, ah a inveja

como posso não sentir inveja de ninguém

Essa é a prova que eu não sou daqui

Eu não queria morrer

Queria apenas voltar pra casa

Pessoas legais me cercam, poucas delas

O suficiente deles

E o restante, é só o restante

Não ligo pra eles, eles acham que sabem de mim, da minha vida

Mas eles não sabem

Eu não quero que eles saibam, eles não merecem saber

Eu quero que eles se explodam

Mas as cruzeiros foram sumindo, e sumindo e sumindo

E o dia nasceu.

Data : 01/01/2020

Título : O jardim

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: A colina de fogo, capítulo 10

O JARDIM

A colina de fogo, capítulo 10

Era uma vez uma cidade, ás margens de uma rodovia. Não tinha nenhum atrativo em especial. A cidade era minúscula, mas bem projetada e com um cemitério que se estendia até uma floresta.

Apesar de ser uma vila tão pequena, essa cidade recebia milhares de visitantes, que transitavam pela rodovia e por algum motivo decidiam parar, para descansar, para comer, ou para se proteger das tempestades frequentes na área.

Essa cidade tinha apenas um hotel, um posto de gasolina, duas lanchonetes, um restaurante, uma igreja, uma delegacia, um hospital, uma loja de produtos naturais, o tal cemitério, e algumas lojinhas na única avenida da cidade. E também havia um lago misterioso e sombrio. Ninguém sabia a sua profundidade, mas muitas pessoas tinham morrido nele.

A cidade seria a mais pacata e insonsa do planeta, se não fosse os tipos que paravam por ali. Eram todos os tipos mesmo. Viajantes, vendedores, adolescentes rebeldes, prisioneiros em fuga, todos passavam no máximo duas noites na cidade.

Essas pessoas muitas vezes não tinham escolha a não ser passar a noite ali.

Isso devido a sua localização, centenas de quilômetros de qualquer lugar. Por isso o posto de gasolina dali era uma parada quase obrigatória para os viajantes.

Mas todos os que passavam por aquela rota tinham um único destino: "Dama esmeralda". Os moradores dessa cidade na auto estrada tinham muito medo de Dama esmeralda, pois todos que saíram dali rumo a chapada nunca mais voltaram.

O nome da cidade junto a rodovia era "Damiesm". Acho que não é necessário contar a origem do nome.

A cidade era comparada pelos moradores com uma rodoviária. Carros vinham e iam embora.

E ninguém imaginava o segredo que Damiesm guardava. A cidade era esquecida pelos viajantes, e era um ótimo lugar para quem quer ser esquecido.

Mas um homem, não um homem qualquer, tinha uma razão muito específica para parar em Damiesm. Esse homem vivia assombrado pelo o seu passado. Não tinha mulher, nem filhos e nem amigos, ele não tinha ninguém e não tinha nada. Mas tinha uma missão e precisava fazer ou os seu fantasmas o consumiriam. E se viesse a morrer, ele iria saber que não foi capaz de fazer aquilo que tinha que ser feito.

De subitão chamou a atenção dos frentistas do posto, a placa do carro era de Dama esmeralda. O carro foi deixado no posto e o homem seguiu a pé pela cidade deserta. 23:50 da noite e a cidade já dormia. Não havia nenhuma alma viva na avenida, além do homem obstinado.

O "Dark Lake" ganhou esse nome devido ao grande número de estrangeiros mortos nas águas escuras e de quilômetros de profundidade. A grande maioria deles estava indo para Dama esmeralda e ao parar na cidade Damiesm, com uma temperatura de média de 27 graus no verão, não resistiam ao saber do lago, e mesmo advertidos decidiam entrar. Mas acontece que nem os melhores nadadores e mergulhadores saíam vivos das águas negras e frias do profundo lago. Todas as tentativas de proibir banhistas deram errado. O prefeito, portanto apenas pôs uma placa: Lago da morte, entre e não saia, e o desenho de uma caveira abaixo. Mas havia um magnetismo, que levava a um credo sobrenatural.

O que mais intrigava todos era o fato dos corpos não emergirem, simplesmente desaparecendo na escuridão. Tal como o triângulo das bermudas, ou a área 51, esse era um mistério ainda sem explicação científica, talvez pela falta de interesse de estudiosos, já que Damiesm era uma cidade oculta.

Mas era exatamente essa razão do homem estar ali caminhando pelas ruas desertas, no frio extremo do inverno da região. Apenas as luzes dos postes e das vitrines das lojas iluminadas, desnecessariamente, já que ninguém andava por ali à noite. Os manequins eram assustadores com seus olhos esbugalhados, pareciam vivos, como em algum filme de terror dos anos 80.

Nem mesmo as duas viaturas da policia rondavam. Os policiais dormiam na delegacia. Sabiam que nada acontecia ali, há muitos anos.

Todos haviam esquecido os incidentes, exceto esse homem desventurado que buscava não só respostas.

O caminho para o lago era uma estrada de chão que estava barrenta, devido á chuva que já havia cessado. Era um verdadeiro lamaçal.

Ele percebeu que estava sendo seguido pela mata selvagem cortada pela estrada. O homem não estava armado, no entanto não temia nada nem ninguém na vasta escuridão. Na verdade aquela noite estava até clara, a lua quase cheia iluminava o caminho do homem.

Quem quer que o estivesse seguindo pelo mato, não fazia nenhuma questão de não ser notado. O homem estava tão ligado que era capaz de se defender de qualquer tipo de ataque. Menos, é claro de um tiro a longa distância, ou pior, pelas costas.

O silêncio implacável era por horas interrompidas pelo som da mata e suas criaturas noturnas.

O tal homem estava cheio de lama dos pés a cabeça, coisa que era bem irrelevante para ele.

Mas era aquele som impertinente que deveria perturbar o solitário, mas não perturbava.

Ele estava obstinado, obcecado com a ideia de enfim, depois de 21 anos executar o plano que passara planejando todo esse tempo.

Se alguém da cidade o visse, ele seria linchado brutalmente. Então por que não ligava para quem o seguia?

Chegando as margens do lago havia uma natureza exuberante, árvores gigantescas e barracas que eram deixadas ali pelos adolescentes que costumavam acampar a beira do lago, nas noites de lua cheia. Eram os góticos que tinham o lago como sagrado e acreditavam nas histórias surreais sobre ele.

Naquela noite, porém estava tudo deserto, o lago não muito largo estava prateado, espelhando a lua e o lençol de estrelas que faziam do céu dali um espetáculo noturno.

Dama esmeralda ficava a 470 quilômetros dali, e a cidade de Damiesm era o lugar mais próximo da chapada "Zoo", um lugar pouco explorado uma serra de limites verticais inimagináveis. Apenas o clima era diferente. Era uma região de temperaturas muito altas, exceto a cidade de Dama esmeralda, no alto da chapada.

Mesmo com temperaturas elevadas, as águas do dark lake eram muito geladas.

Ele parou na beira do lago e pode ver a sua imagem refletida mesclada a lua prateada.

Também via o rosto dela, o mesmo rosto que ele via há 21 anos, a mesma beleza que ele contemplava.

Pronto para entrar no lago foi retido por um grito agudo.

- Não! Não faça isso.

Virou-se e viu um menino na faixa dos 11 anos, extremamente pálido, com olhos negros que refletiam a luz da lua no lago, tornando-se prata.

- Por que não? Perguntou o homem.

O menino praticamente não piscava, e manteve-se imóvel a frente do homem desesperado e ansioso para entrar na água.

- Ela não vai voltar, disse o menino. Nenhum deles vai, estão todos no jardim.

- Menino devia estar em casa, seu pai deve estar muito preocupado, anda logo, vá para ele.

- Você não entende, meus pais estão lá, no jardim.

Um estranho e agônico arrepio quase congelou os ossos do homem.

- Tem uma coisa no fundo desse lago que eu preciso recuperar.

O garoto continuava imóvel, um verdadeiro cadáver. O homem perturbado não tinha dúvidas de que estava alucinando.

Então o pequeno disse quase sussurrando.:

- O lago não tem fundo, ela está no jardim e não vai sair de lá nunca mais.

- Do que você está falando garoto, você deve ir para casa e pedir para os seus pais te levarem a um bom psiquiatra. Que logicamente não existe aqui.

- Somente eu posso sair do jardim, porque fui o primeiro a cair lá. Em 1915 eu me afoguei nesse lago, encontrando o jardim, o segredo de Dama esmeralda, a outra dimensão.

- O que você sabe sobre ela, garoto?

A "criança" permanecia sem se mover, uma estátua de prata incandescente imaculada no meio das trevas.

- Não sei da sua vida, mas ela está lá. Ela leu o livro, disso eu sei.

O homem se agitou e gritou agressivamente:

- O que você sabe sobre aquele livro, como você pode saber, nem deve ler com a sua idade...

- Eu teria 1011 anos, mas o tempo não existe mais para mim. Você está atrás de respostas, voltou depois de tanto tempo, acha que eles esqueceram, mas não... Nunca vão esquecer, como não se esqueceram da minha irmãzinha.

- Do que você está falando, garoto?

A voz calma, quase um sussurro do "menino" se transformou em um som desumano.

- Pare de me chamar de garoto, será que você não percebe velho. Eu sou mais velho que você, pelo menos seria se ainda existisse o tempo para mim ou para qualquer um do jardim. Ela caiu, caiu no lago, eu era responsável por ela. Você não consegue perceber... Sua esposa entrou para nadar, a minha irmã caiu... E eu fui considerado culpado, assim como você, mas você a matou a afogou no lago de propósito, de raiva, por pura vingança.

Ele sabia tanto sobre sua vida que o homem não tinha como duvidar que estivesse diante de alguma coisa qualquer, não sabia o que, mas não era apenas um garoto pálido, e não estava vivo.

- Eu só queria entrar para tentar achar seus restos mortais.

- Não minta, respondeu o "garoto". Você sabe que não há nada para encontrar, o lago não tem fundo e você está aqui porque ela está te chamando, tem sonhado com ela?

O homem estava desarmado.

- Ela aparece para mim, não só em meus sonhos, ela me chama e preciso entrar.

A minha esposa doou ela, deu para adoção, só porque ela tinha problemas.

- Sim era esquizofrênica...

- Ela era inteligente demais. Depois disso, minha outra filha Jaqueline atribuiu a culpa a mim também e me abandonou. Uma filha morreu nas mãos de um monstro, a outra foi dada para um casal que nunca encontrei, e a outra se rebelou contra mim. Tudo culpa da minha mulher, tive que matá-la.

- Homem, não é ela que está te chamando, é o mestre. Quer que você leia o livro, quer salvá-lo.

O homem voltou à direção do lago e ia se lançar às águas.

- Faça o que quiser, mas se entrar, seu corpo nunca será encontrado. Você vai para o caos, como o que antecede a criação do universo. Não vai achar ela, nem respostas, nem morrerá, vai ficar o resto dos tempos submerso na escuridão, como todos os que entraram nesse lago sem ler o livro.

Ou sonhe com sua filha e deixe ela te levar até a verdade.

E o menino entrou no lago e desapareceu.

O homem sacou o livro preto, iluminado pela lua, ascendeu a lanterna do celular e leu o livro todo, até quase amanhecer.

Percebeu alguém vindo em sua direção.

- Você! Exclamou o velho que se aproximava.

- Seus assassinos. Dizendo isso puxou uma arma.

Antes de ele atirar, o homem obstinado viu o rosto dela, refletido na água, num gramado, sobre um céu límpido, árvores frutíferas, crianças brincando felizes.

- Pai, venha comigo agora.

De súbito o céu foi escurecendo e o rosto da linda menina começou a ficar desfigurado, ela começou a arrancar o córtex cerebral, enquanto dizia com uma voz demoníaca:

- Seu lugar não é aqui, você também não vai para colina. Você, Roger Mattos e o “demônio” vão para Mácula...

E tudo se tornou escuridão e silêncio.

Ano : 2020

Título : O preço do silêncio

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: A colina de fogo, capítulo 4

O preço do silêncio

Dama esmeralda, 1989

Aconteceu em março, quando a cidade de Dama Esmeralda, na chapada Zoo recebia mais de um milhão de turistas que vinham de todas as partes do mundo para ver a incrível temporada de outono. O paraíso ecológico com limites nunca explorados. Dama Esmeralda era só uma vila muito bem projetada em 1943. A pequena vila foi emancipada. No início, a população se resumia aos nativos e os exploradores, que descobriram uma chapada exorbitante, com incalculáveis espécies de animais, dos mais raros do planeta. Além dos que só se encontravam ali.

Temendo a natureza selvagem e nunca explorada, acabaram descobrindo uma estrada absolutamente vertical. Chegando ao topo eles se surpreenderam com a vila, uma tribo na verdade. Sem muitos conflitos, os exploradores começaram a migrar para lá. Alguns para estudar o território virgem da floresta chapada zoo, biólogos, antropólogos, físicos, e amantes das estrelas, que tinham a oportunidade de ver, provavelmente o maior observatório astronômico do planeta. Nem sabiam que era mais que isso. Estavam observando o espaço do lugar mais alto da terra. Depois vieram os alemães e os italianos, fugindo da II guerra. O lugar era absolutamente invisível por sua localização. Apenas pelos satélites podia se ver a chapada, de área incalculável. Outros foram hipnotizados pelas belezas, mistérios e o clima instável de 19 graus no outono. Nessa época do ano, o lugar atraía cada vez mais visitantes que se arriscavam a subir a chapada de difícil acesso. Os nativos não queriam que a cidade fosse descoberta, mas logo os que se apaixonaram pelo "paraíso", começaram a migrar para lá. Então a cidade cresceu, ganhando publicidade em todo o mundo. Os novos habitantes viram o potencial turístico do lugar. Dama Esmeralda começou a crescer e crescer, pouco em tamanho, mas muito em população. Assim como as temporadas de verão do litoral, a temporada de outono atraía milhões de pessoas, amantes da natureza selvagem da chapada e a agradável e pacífica cidade. O futuro de Dama Esmeralda era promissor. Logo, Norte americanos descobriram o paraíso. A cidade se transformou num pólo turístico com a construção de mais duas estradas. Uma ligava a chapada ao 'mundo', e a outra ligava a cidade ao parque ecológico recém criado. Cachoeiras, lagos, trilhas, cavernas subaquáticas, entre outras maravilhas. Apenas 15% da área foi explorada, mas foi o suficiente para a criação do maior parque ecológico do mundo. Muitos corajosos foram além dos limites conhecidos. Esses nunca mais voltaram. As tempestades de folhas eram um dos maiores atrativos da cidade. Um espetáculo da natureza. As folhas que caíam, flutuavam no ar com o vento forte. Proporcionando algo como um campo gravitacional disperso no espaço tempo, as flores das mais variadas cores tornavam o cenário surreal, e o som do vento era uma melodia suave, mas implacável. A cidade recebia turistas também no verão e na primavera, mas eram pouquíssimos, se comparados ao outono. O negócio ali girava em torno dos amantes do céu cinzento, melancolicamente belo, as árvores gigantes de milhares de anos e clima peculiar do lugar, nem frio nem quente, agradável. As agências de turismo eram cada vez mais numerosas. Isso, somado as belas praças como a praça central, rodeada de restaurantes, bares, boates e o "mirante da colina" que era o lugar mais alto da chapada mais alta do mundo. Muitas lenda folclóricas sobre a colina, onde nunca o animal homem pisou. Na verdade toda a região era cheia de lendas e histórias míticas, sobre monstros e bruxas que moravam nos cantos mais remotos da floresta.

Hotéis, chalés e pousadas cresciam cada vez mais. Desde abrigos baratos até hotéis de luxo, com vistas impressionantes. Mas o inverno não era agradável, nem mesmo para os amantes do frio. Tempestades extremamente agressivas. A chuva que perdurava por toda a estação. Em 1989, o ano que toda a matança começou, Dama Esmeralda tinha 150 mil habitantes fixos, e a densidade demográfica crescia incontrolavelmente. A tão temida publicidade foi inevitável e a cidade relativamente pequena era um formigueiro que no outono recebia mais de um milhão de pessoas. Espaço pra todos até que tinha, justo a aglomeração na cidade que trazia os americanos (principalmente) e europeus atrás de farra, aventura e luxúria. Zonas rurais se formavam e bairros afastados do centro, viraram um ponto propício para o tráfico de drogas. Isso era omitido, como os eventos de 1989 também foram. A violência em Dama Esmeralda era um mito até essa data. A cidade em si era um mito. "A cidade fantasma". Muitos acreditavam que ela fosse um lugar a parte da terra, ou uma outra dimensão, e que quem ia para lá nunca voltava. Embora estivesse se tornando "sutilmente" uma Amsterdam para os bagunceiros, a esmagadora maioria dos turistas era constituído por pessoas que só queriam a natureza. Casais, famílias, grupos da terceira idade e excursões de jovens estudantes e curiosos. Fazendo uma analogia, a cidade era um grão de areia no deserto. Um ponto imperceptível do espaço no meio de uma floresta de limites, (repito), ainda incalculáveis e inexplorados. Havia um desafio: Um alemão muito, mas muito rico oferecia 500 mil dólares para quem atravessasse a mata e chegasse ao topo da colina. Muitos tentaram, ninguém nunca voltou. Ninguém sabia o que havia lá, ou nos outros 75% da floresta.

Devido a mistura de etnias, a cidade tinha quatro idiomas, Inglês, português, espanhol e francês e o governo investia em cultura e segurança para que o povo soubesse receber bem os turistas internacionais, entretendo e bem servindo eles. Era o início de mais um outono em Dama Esmeralda. A cidade fervia, donos de restaurantes, hotéis, pousadas, guias turísticos, hippies, vendedores, artistas de rua e os moradores loucos por farra e multidão, amavam a temporada, que significava dinheiro e diversão. Mas nem todos gostavam do outono em Dama Esmeralda. A maioria das pessoas que moravam na cidade fingiram esquecer aquela tragédia. Mas o ano de 1989 sempre será lembrado pelos fatídicos acontecimentos que há muito tempo não eram mais comentados, mas muito menos esquecidos. Na mesma rua no bairro Cristal, (bairro tranquilo de classe média), moravam Sandro e seu irmão mais novo conhecido como "Corpse", irmãos orfãos de pai e de mãe. Os dois se detestavam. Corpse era um tipo doidão apático e possivelmente perigoso.

Seu nome verdadeiro só o Sandro sabia.

Corpse era fã de metal extremo, um genero musical que estava em ascensão na época. Principalmente o black metal, com letras que faziam apologia ao satanismo, assassinato e suicídio.

Corpse sonhou e lutou a vida inteira pelo emprego de coveiro no cemitério da colina. Por fim, aos 17 anos ele conseguiu, devido a morte do velho Ary, que cuidava do cemitério há 40 anos. Corpse também tinha uma banda com o "gordo", Poucos sabiam seu nome também. A banda se resumia a guitarra muito pesada e mal tocada por Corpse, e a bateria agressiva do Gordo. Completando a poluição sonora, as letras eram "cantadas", ou melhor: Gritadas por ambos. O pai do Gordo tinha uma oficina e ele trabalhava com ele e Sandro. O Gordo e o

Sandro eram os únicos maiores de idade, Sandro com 21 e o Gordo com 19 anos. O Gordo tinha uma mini chácara num beco perto da estrada que ligava a cidade a floresta e dava festas para o pequeno grupo de amigos. Festas regadas a bebidas e drogas.

Valentine era linda, chegava a ser magnética. Diziam que ela era movida a energia atômica devido ao seu temperamento explosivo. Tinha namorado Corpse na sétima série, mas logo ela creseu e ficou farta das bebedeiras, brigas, atos infantis e até das suas unhas pintadas de preto. Depois de muitos esforços, Sandro, que era apaixonado por ela, conseguiu conquistá-la, mostrando-se mais maduro que o irmão que era tétrico e infantil. Isso aumentou a discórdia entre os irmãos.

Mongo era vizinho de Valentine, "e era mesmo um mongo". Na infância era o cara mais inteligente da escola e seu q.i era de 135, um gênio! Seus pais eram professores e conseguiram criar uma criança que realmente gostava de ir a escola e estudar qualquer coisa. Mas o mongo cresceu e depois de conhecer o Gordo, o Corpse, a maconha, a cocaína, o crack e o slipknot, se transformou no Mongo e só. Ele escrevia as letras para a banda, pois falava inglês, mesmo que enferrujado com o tempo.

Jéssica nunca saía com a turma, embora fosse amiga da Valentine. Ela já tinha transado com todos os caras da cidade, incluindo o Mongo, embora ela negasse isso. Foi Corpse quem apresentou o livro, emprestado de um conhecido. Embora odiasse as pessoas e fosse extremamente tímido, quando se vestia daquele jeito excêntrico e tomava uns goles, ele ficava bem sociável. Sandro e Valentine foram a um encontro e ficaram bastante impressionados. Eles e o Mongo foram os únicos que leram realmente o livro. Mas o Mongo foi quem levou muito mais a sério a ideia. As palavras simplesmente davam sentido anacrônico a tudo que ele odiava, e explicava seus ideais mal formulados. Em pouco tempo estavam todos envolvidos na seita, Mongo começou a estudar as origens do manual e tentava decodificar cada sílaba do texto. A cidade estava pacata, mas prestes a explodir com o outono chegando. Enquanto milhões de pessoas do mundo inteiro desejavam morar ali, esse grupinho só sonhava em sumir de Dama Esmeralda. Com excessão do Corpse, que estava realizado pelo resto da vida com o emprego. Este era muito amigo de um garoto chamado Alester que se espelhava nele. Nas sextas feiras iam todos para a chácara do Gordo. Mas aquela sexta-feira de março de 1989 não acabaria alegre. O ano de 1989 mudaria a história não só daquelas pessoas, não só da cidade, seria uma mancha no tempo da civilização humana. Uma mancha que teria que ser limpa para não atrapalhar a temporada. Como de costume Gordo e o Corpse ensaiavam na garagem do Gordo, quando foram surpreendidos por Sandro, Valentine, e até a Jessica. Chegaram com bebidas e maconha para curtir o final de semana na chácara. Mas o Gordo não queria ir naquele dia, foi, mas acabou sendo persuadido pelos amigos. Sandro, numa ceninha disse que tinha comprado a bebida e a maconha e impôs uma condição: Corpse não iria, caso o contrário ele não iria, nem o álcool e nem a maconha. Valentine o conveceu de que a atitude dele era infantil e Sandro acabou aceitando. Mas o Gordo e o Corpse tinham um compromisso com os caras "grandões" da seita e o primeiro era responsável por avisar o grupo. O Gordo mal tinha lido o livro e não estava nem aí, no entanto era o mais velho e por isso o mais "chegado" aos líderes da seita. Mas ele omitiu a informação dos outros e contrariou as leis do "livro". Foi aí que Corpse lembrou-

se e optou por não ir para farra, mas sim ir ao encontro do clã e depois ir ao cemitério, onde aliás deveria estar trabalhando. Tudo bem para o gordo. Já os outros, se soubessem do compromisso iriam imediatamente. Mas o Corpse odiava todos e queria mais é que fossem sacrificados, por isso disse que não iria a chácara, o que alegrou muito o seu irmão e sua ex-namorada. Assim, bem simples. O grupo foi para a xácara e Corpse encontrou um bando de pseudo intelectuais metidos a góticos que também faziam parte da sociedade secreta. E foram encontrar o velho Henrique Gabriel, quem eles acreditavam ser o escolhido.

Mas como foi dito antes, naquela noite começou tudo. Assim, bem rápido, tanto como começou quanto como acabou. Rápido, mas marcante.

#####

HOSPITAL PSIQUIÁTRICO MENINO DEUS, DIAS ATUAIS

Ele era visto ali como uma criatura desumana. Nas outras alas nem acreditavam na sua existência.

"Puro folclore" diziam alguns". Outros, principalmnete os esquizofrênicos, achavam que ele era um fantasma.

Porém o homem causava medo em alguns, mas a maioria nem ligava, como se ele nem existisse.

Ninguém sabia porque estava ali.

A história mais aceita era a de que ele tinha matado um menino e o seu pai num ato satânico, um ritual.

Achavam que era só isso.

Na verdade ele foi encontrado com um livro estranho, que a polícia descartou. Não tinham provas, mas a comunidade do bairro queria justiça.

E o que a polícia fez?

Incriminou o cara mais excêntrico da cidade.

Ele foi diagnosticado como um sociopata com início de esquizofrenia, por isso, sua pena seria passar um ano no hospício e voltaria para casa, junto a família, fazendo tratamento ambulatorial.

Só que ninguém foi buscá-lo e os anos passaram. Ele surtava e pedia pelo "livro", agredia os enfermeiros e os guardas. Fizeram lobotomia por muitos anos, depois de "castrado" só tomava anti-psicóticos.

Passava os dias observando o mundo por uma janela suja. Era o paciente mais antigo da casa. Desde 1989, quando o hospital tinha apenas um ano.

Esteva sempre agachado, tapando o rosto com seus longos cabelos negros e enebados.

Uma psicóloga descobriu que pintar as unhas e maquiar-se o entretia.

#####

Já tinham almoçado. alguns foram para o quarto deitar nos colchões sujos e se cobrir com cobertores duros como tábua. Outros vagavam pelos corredores, sem fazer absolutamente nada. Apenas esperando as próximas refeições e a noite. Era a rotina, nunca mudava, denovo, denovo e denovo, deveria ser o lemas dos sanatórios. Os pacientes tinham apenas duas atividades recreativas. Uns jogavam baralho na sala da tv, que era a outra atividade.

Ele estava, como de costume num canto da sala de "recreação", quando algo na tv chamou a sua atenção.

Passava uma matéria sobre um serial killer que estava aterrorizando Dama Esmeralda. Agia exatamente como os eventos de 1989.

"Aumenta", pediu ele levantando e se direcionando a tv.

Primeiro ninguém entendeu, mas ele começou a surtar.

"Aumenta, aumenta, o volume, aumenta..."

Gritava histéricamente.

" Rápido o haldol".

"Nunca mais tinha surtado, está mais louco do que nunca", disse uma enfermeira.

A injeção foi aplicada, antes de dormir ele sussurrou algo que ninguém ouviu, "Gordo, mongoo..."

Ano : 2020

Título : O produtor

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: A colina de fogo, capítulo 16.

O PRODUTOR

(A colina de fogo, capítulo 12)

CIDADE DE... CAPITAL DE...DIAS ATUAIS

Especialmente naquela manhã, Roger Mattos murchava as flores pelas quais passava. Já era 14:30 e ele ainda não tinha almoçado. No seu celular, tinha umas 200 mensagens não lidas. Ele bem sabia que eram da ex-esposa, cobrando pensão atrasada dos filhos." Como? pensava ele, como eu fui chegar a esse estado", Há trinta anos atrás, Roger era muito rico. Começou com uma brincadeira com os amigos, filmar transas com prostitutas. Mas Roger, que era um vagabundo inútil e vivia de bicos, enxergou uma luz no fim do túnel. Começou

a "caçar" garotas bonitas e gostosas e fazer filmes pornográficos. E ele constatou que tinha talento para isso. Produziu dezenas de filmes muito vendidos e cultuados por um tipo específico de fãs. O diferencial em seus filmes era a idade das garotas e o apetite sexual delas. A maioria dos filmes pornô da época eram insonsos, com mulheres que explicitamente não gostavam daquilo, faziam só por dinheiro. Já nos filmes de Roger, as suas atrizes eram realmente ninfomaníacas. No início dos anos 80, seus filmes começaram a ganhar a atenção de muitos produtores que lhe ofereceram contratos caríssimos para que ele dirigisse filmes. Roger, num ato considerado estúpido pelos envolvidos, recusou-se a fazer filmes para os outros. Já conseguia sobreviver com seus vídeos, mas nunca imaginava o que viria. Conheceu Wagner, um milionário viciado em pornografia que seguia uma doutrina secreta de membros anônimos que cultuavam um livro de origem desconhecida. Wagner disse que havia poucos deles na terra e precisava reuni-los para o " Grande sacrifício". Ele morava na mística cidade de Dama esmeralda, mas Wagner apenas comentou a ocasião e nem mesmo supôs que Roger participasse, seu interesse era investir no trabalho do jovem produtor e diretor porno.

Logo os filmes de Roger ganharam o mundo, com o patrocínio rico e sua criatividade, criaram a Telebsina Sex, que viria a se tornar a maior produtora e distribuidora de filmes pornográficos do mundo. E mais, sob o selo de Roger Mattos, que idealizava, produzia e dirigia todos os filmes, já não era difícil encontrar garotas novinhas, pois o cachê havia aumentado, e como...

Mas foi um nome o responsável pela verdadeira ascensão da produtora: Danieli Silveira, ou simplesmente Dany. Ela era de uma beleza indiscutível e incontestável, e mais, parecia ter 15 anos. Por muitas vezes Roger foi investigado sob a acusação de envolver menores de idade em seus filmes, mas nunca foi comprovado, e ele realmente não fazia isso. Apesar das atrizes parecerem adolescentes, todas tinham entre 18 e 25 anos de idade. Tudo ia bem, mas os filmes encenados por Dany eram muito mais vendidos e ela passou a ser a primeira atriz contratada pela produtora. Ganhava um salário fixo, além dos caches. A telebsina Sex bombou e no final dos anos 80 era uma máquina de fazer dinheiro. Os filmes ganharam o mundo e Roger e Dany se tornaram famosos e muito ricos.

Festas de réveillon em iates nas Bahamas, viagens para Paris, filmes premiados por críticos, Um sucesso repentino e rentável. Parecia surreal.

Principalmente o que aconteceu no outono de 1989.

Roger preferia esquecer isso, embora não conseguisse, aprendera a conviver com isso. E na realidade o que o atormentava era a sua decadência. Preso em 1993, saiu da cadeia nos dias atuais e viu um mundo totalmente diferente. Uma coisa criada pelos militares na década de 70, agora ganhava o mundo e exterminava pouco a pouco o cinema, e havia exterminado definitivamente os filmes eróticos, como eram vendidos.

Ele estava desolado, perdera tudo, o dinheiro, a fama os contatos com atrizes de Rostov, na época de ascensão, somente ele fazia filmes com as russas. Suas atrizes já estavam velhas, Wagner o havia abandonado. A única coisa que ele tinha era o seu carro que estava confiscado há 20 anos. E seu apartamento, que inclusive iria perder para a ex mulher. Pensou em se matar, mas seu ego não permitia isso.

Quase explodiu o porteiro com um olhar digno de um assassino em potencial. Esse olhava para Roger com um certo sarcasmo.

Passou pela garagem e avistou um carro importado que ele não identificou, não sabia nada sobre carros, mal sabia conduzir um.

Era um carro amarelo. Oras, quem naquele condomínio fodido teria dinheiro para comprar um carro daqueles?

Roger não se conteve e foi bisbilhotar, (eu ia dizer conferir).

Logo Roger flagrou quem estava ali já com o motor ligado. Carro importado, rebaixado, com película escura nos vidros, ele fez questão de baixar o vidro, o homem dentro dele fez questão de baixar o vidro.

Era o puma, (apelido adequado) um mecânico que a telebisna sex transformou em pornstar.

Antes que Roger fizesse qualquer comentário, puma proferiu:

- E aí patrão, está pobre, mas come bem.

Fechou o vidro e saiu.

Roger sabia do que ele estava falando.

" Que diabos estas redes sociais, e quanto ao sexo, porra", pensava ele enquanto subia as escadas bufando. já tinha sacado tudo.

Abriu a porta destrancada do apartamento, encarou as molduras e pôsteres dos filmes premiados, inclusive o óscar dos filmes eróticos de melhor filme, uma estatueta de ouro que ele pretendia vender.

Na capa de um filme estava Daniele Silveira, a Dany. Pode jurar que era a mesma garota que estava jogada no sofá, vestindo apenas uma camiseta do sex pistols.

Era muito magra, seios pequenos e duros, bunda perfeita e um rosto de bebê, igual ao da sua mãe homônima. Puro egocentrismo colocar o próprio nome na filha.

A jovem também estava numa merda desde que a mãe morrera.

Uma merda da cor dos seus hipnóticos olhos verdes, que contrastavam com o cabelo escuro e a pele mais branca que gelo.

- O que faz aqui sua traidora maldita?

Ela ficou indiferente, mexendo no notebook.

- Responde! Disse Roger num tom agressivo.

Ela falou sem tirar os olhos do notebook, sempre fazia isso, era indiferente e leviana com as pessoas, igualzinho a mãe, a maior atriz pornô do mundo.

- Você não deveria estar preso? Disse ela com a voz carregada de sarcasmo.

Eu paguei pelo que eu fiz, a vadia da sua mãe também merecia ter pago.

Pela primeira vez ela o encarou como se o repugnasse, como repugnava uma barata.

- Minha mãe pagou.

-Saia do meu apartamento sua puta.

-Esse apartamento pertence a Danieli silveira que na condição de morta deixou ele para outra Danieli silveira, que no caso sou eu.

- Eu comprei esse apartamento e eu não sou seu pai, e você ainda seguiu a carreira da vadia da tua mãe, mas hoje em dia isso não dá lucro sua puta.

- Puta não, atriz e blogueira.

- Mas que bobagem! Olha, cai fora, eu estou fodido, acabou a produtora, acabou tudo!

- Por isso- disse Dany- que eu posto os meus vídeos nesse blog.

- Vá Danieli, eu não sou seu pai.

- Pai...

- Cai fora, garota...

Ela caiu em cima dele numa estante cheia de fitas cassete e dvds.

- Você precisa sair da minha vida.

Depois de todo o tempo na cadeia, Roger não tinha armas. Sentia-se responsável pela garota.

A chuva tinha passado e Roger estava no sofá olhando para o chão, quase não se movia, nem piscava. Seu único pensamento no momento era o de se matar. Estava dividido, pois ele tinha duas filhas, uma de 9 e outra de 13 e isso era um bom motivo para viver. Não pensava em Dama esmeralda, mas se perguntava sempre se deveria ter realmente feito os sacrifícios e continuar seguindo a doutrina de Henrique Gabriel e Wagner. Já tinha passado trinta anos. Não se arrependia de ter deixado Danieli na lama, até se orgulhava de ter salvo a menina, então com dois anos, nunca disse que era o pai dela, sempre foi muito sincero com a criança. Seu papai está no céu, junto com a mamãe, eu sou o tio Roger. Isso antes dos acontecimentos de 1989. Quando foi preso, a garota "Danieli 2" tomou o mesmo rumo da mãe. Se prostituindo, usando drogas e fazendo vídeos pornográficos.

Como, como ele iria ganhar dinheiro? Wagner o abandonara, Gabriel queria matá-lo, alegando que ele não foi comovido pelo livro, o que era verdade. Primeiro achou que era burro demais para entender, mas depois nem deu bola e seguiu a doutrina apenas pelo patrocínio de Wagner.

A vida de Roger estava em combustão e ele não podia fazer nada. Em absoluto: Nada!

Quando Gabriel contratou O lobo para matar a Dany este recusou, alegando que só matava homens que não prestam.

Mas ela foi assassinada, e ele sabia que Dany ,(a filha) estava sendo caçada, embora ela não soubesse.

Sem que ele percebesse, pois estava disperso em seus pensamentos agônicos, a jovem Danieli acordou, levantou e preparou o café.

Ela confundia Roger. Às vezes era só uma menina de 22 anos maltratada pela vida. Em outras vezes ela era um clone da mãe. Falsa, mentirosa, manipuladora

e assassina. Por que tanta preocupação com aqueles caras? Roger e Dany estavam na capital de um estado muito distante de Dama esmeralda.

Foi quando Dany navegando na integra leu uma notícia.

“Novo serial killer ataca dama esmeralda”. Roger ficou inquieto, Dany, ingênuo não percebeu a ligação, Roger sim.

Tudo que ele lera e ouvira era verdade. Um homem acusado de afogar a filha em um lago na cidade de Damiesm, a 300 quilômetros de Dama Esmeralda foi visto depois de duas décadas por um pescador. Ele entrou na água e sumiu.

Roger lembrava dessa história.

- Olha só papi, disse Dany lendo a matéria num site qualquer.

A polícia relaciona os crimes aos cometidos em 1989.

Nisso a porta foi arrombada por dois homens mascarados e fortemente armados.

- Os dois vem comigo, disse um deles.

Roger sacou a arma e começou a atirar com seu pequeno 22, contra as metralhadoras de mão dos invasores.

- Corra Dany, corra, gritou ele desesperado, mas ela já estava descendo as escadas do prédio. " Astuta e traíra igual a mãe, pensou Roger antes de morrer. Os homens desceram atrás da "semente maligna", como os integrantes do clã a apelidaram.

Mas Dany era muito esperta para ser pega assim. Sumiu no meio dos carros congestionados e a multidão do centro. Ela só vestia um sobretudo marrom que só pegou porque estava no chão ao lado dela, caso o contrário teria saído nua.

Com Roger morto, o segredo guardado há milhares de anos estava seguro.

Um dos homens atendeu o celular, era Henrique Gabriel.

- Mas que diabos, por que eu pago vocês seus inúteis, para que?

Vamos achá-la senhor, a cidade é grande, mas nem tanto.

Seu ignorante patife, filisteu, ela não vai ficar aí por muito tempo. E ela só tem um lugar para se refugiar: Dama Esmeralda. Vá e pegue ela, ou eu te mato com os olhos seu imbecil. E o seu parceiro também, entendeu?

- Sim senhor, entendi.

Data : 01/01/2009

Título : O Profeta

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: O simples fato de acordar, levantar e caminhar cada entardecer. Inalar algo, mesmo que não seja ar...

Profeta

O simples fato de acordar, levantar e caminhar cada entardecer.
Inalar algo, mesmo que não seja ar.
E falar, mesmo que sem ser ouvido. Já é ser um profeta.
E só os profetas enxergam o óbvio.
Os burros só vêem a razão e ela pertence a eles.

Eu quero tocar a terra da montanha vermelha.
Eu não absorvo arte mastigada.
Eu sou o cara do violão quebrado.

Eu quero o seu corpo, se não puder gozar do resto.
Eu quero ver a beleza no vácuo em chamas.
Eu, eu o cara do violão quebrado

Data : 01/01/2010

Título : O Que Será

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Perdi meu medo de aceitar Não tenho segredo algum

O que será

Perdi meu medo de aceitar
Não tenho segredo algum
Que possa contar

Mas sei lá

O que será

Ano : 2013

Título : O segredo dos iluminados do bar imaginário

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: - Quem é você agora?

O Segredo dos Iluminados do Bar Imaginário

- Quem é você agora?

- Sou alguém satisfeito comigo mesmo.

- Consigo enxergar isso. Mas, e aonde você vai essa noite? Algum lugar diferente, uma fuga rápida para ser esquecida amanhã, sem se envolver, sem constrangimentos. Algum programa ordinário, um papo cético, ou extravasar sem culpa por uma rua alagada, sabe que vai chover hoje? Quem você encontrará? Vai voltar antes do meio dia? Vai á algum lugar estranho, deserto e seus olhos se encherão de areia. O que vai vomitar depois, suas próprias palavras. Aonde vai dormir, com quem? Um eremita, um sapo morto, como vai se sentir quando o dia nascer? Talvez devesse ficar em casa com seu vinho, seus filmes e seus demônios, afinal já se acostumou com eles. Eles são a sua única companhia e de fato já não te perturbam. Você até cuida para que eles não sumam, te deixem sozinhos definitivamente. Por isso se sente bem, porque aprendeu a conviver com tudo que há de ruim e para você a morte é apenas o despertar, nada de novo, nada que você não tenha experimentado em vida tantas e tantas vezes.

- Ah, virou minha analista então?

- Psiquiatra René, eu sou a sua psiquiatra, lembra?

René riu uma gargalhada forçada e sarcástica, como se aquela piada fosse muito mais do que ele pudesse suportar naquela sexta feira de inverno, em que o sol parecia anulado, inerte, mas competente e passavam das quatro e meia.

Ela tinha um olhar cético, tinha inteligência naqueles olhos, eles perseguiam o olhar de René o tempo todo, analisando, quase que o desvendando. “Nunca, ele pensava, ela nunca vai saber o que eu guardo, esses pensamentos são meus, eu nunca me revelarei, mesmo sendo tão linda”.

- Eu vou te levar num lugar hoje, disse ele.

Ela riu ironicamente, já conhecia aquele sorriso, debochado, desafiador e lindo.

- Vai me levar para floresta, me estuprar e depois me fatiar?

- Eu não precisaria te estuprar.

Ela riu do mesmo jeito de antes, de sempre.

- Não, mas você faria isso por sadismo.

- Sabia que palavra sadismo vem de sado, do Marques de Sade.

- Sim - ela se empolgou- e masoquista vem de Maquiavel, outro escritor maldito. Foram poucos.

- Não, foram muitos, poucos textos se salvaram.

Ela lhe deu um beijo selvagem, cada um era diferente, melhor, mais intenso.

- Aonde você vai me levar, ela secando a boca com a camiseta preta. Ficava irresistível com aquela jaqueta jeans por cima.

O olhar de René encharca-se de empolgação.

- Tenho medo quando você me olha assim.

- Assim como? Sua pupila dilata, ele esta fervendo.

- Assim... Para, me assusta, é sério...

- Como estou te olhando?

- Como um louco.

- Eu sou louco.

- Sei lá então, mais que um louco comum, psicótico, histérico.

- São duas coisas diferentes, querida.

Ela sorriu novamente.

- Quem é a psiquiatra aqui, hein doidinho...

Ele a empurrou na cama, só levantariam a noite.

v

“Você a matou, matou todos eles!”

- Não! Ele acorda tonto e suado.

- Take it easy baby, foi só um sonho ruim.

- O pior de todos, e foi com você.

- Conta...

René ainda não tinha se recuperado do susto.

- Esquece.

- Esqueço.

- Vou tomar um banho, depois vamos naquele lugar.
- To animadíssima.
- Isso vai mudar.
- Eu duvido, disse ela bocejando.

Ele olhou pela janela do banheiro, uma noite agradável, instigante, sem nuvens no céu, todas as constelações se alinhando, a lua estava quase cheia. A noite seria dos lobos e René era um.

“O que ela pensa de mim?”

Ele sempre refletia sobre isso na hora do banho, já era banal. Ela era uma incógnita, e ele temia que ela descobrisse que ele nada tinha de especial para fazê-la amá-lo. Estava atordoado com isso. Ela era astuta como o diabo, analítica, metódica, às vezes parecia congelada. Ela o elogiava, falava que seus livros eram ótimos, mas sempre soava falso. “Não sabe se expressar?” Está é zombando de mim, quem iria gostar de “O plantador de algodão”, é um livro ridículo, que terror barato, que vergonha René, que vergonha! O vento de fora era frio, uma típica noite de inverno por ali, costumava nevar com frequência, nada como o frio para esquentar os corações.

- Hey...

O grito vem do quarto. Por que diabos ela nunca o chamava pelo nome? Sentia falta de ouvir “René”, se sentia um estranho perto dela, ela o tratava como um estranho. Poxa um ano já e ele não sabia nada sobre ela, só conta das caronas, das viagens intermináveis e dos outros estranhos que conheceu no caminho. Sem familiares, á deriva, não tinha ninguém. Mas por que nunca falava deles, do seu passado, alguma lembrança da sua infância. Talvez ela não existisse. Havia criado ela como todos os seus personagens, só que esse ele projetou. Devia deixar ela, mas como fazer se estava completamente envolvido. Ela era uma cola toxica, ele não conseguiria desgrudar, e quando ela decidiu fazer isso faria sem remorso, mas era tão inteligente, tão serena, uma paz celestial que chegava a sufocar. Um Oasis de tranquilidade, deserto misterioso. Nunca se alterava. E seus olhos negros, - às vezes nem dava para ver a pupila- Midríase. Seu cabelo, seu corpo, era tudo perfeito, mas ele não se sentia amado, só isso.

- Fala.
- Posso abrir esse vinho aqui?
- Deve, aproveita e abra duas, pegue um gelo pra nós.
- Ok.

O vinho nunca era o suficiente. Se bebesse três garrafas queria uma quarta, se bebesse quatro queria a quinta, sempre assim.

Com muita dificuldade ele desligou o chuveiro, a pior parte.

- Você não vai tomar banho?
- Eu já tomei, enquanto você sonhava com os seus demônios.

Imaginou aquele sorriso mordaz no rosto dela. Podia vê-la abrindo o vinho, tão despreocupada com aquele olhar impenetrável. Ele nota que o livro em cima da escrivaninha está aberto na página 189, “ela tinha lido outra vez,” não conseguiu

evitar um sorriso. “Quem sou eu, esse que caminha a noite na mata, ou aquele que está dormindo com a janela aberta, os dois eu criei.” Ela sempre citava essa parte, era como se o livro se resumisse a ela. “O plantador de algodão” de René Fever. Fechou o livro, que fracasso! Ela volta para quarto com dois copos, René toma de um só gole ela faz o mesmo.

- Pronto?

- Quer mesmo ir? Podemos curtir aqui...

- Você prometeu, agora eu quero ver esse tal lugar me impressionar, porque eu duvido.

René tenta imitar aquele sorriso, frustra-se, que palhaço!

- O risco é você me trocar por alguém lá. Alguém mais louco do que eu.

- Seu doidinho, sem chance disso acontecer.

Os dois saíram deixando a janela aberta. Com a força do vento o livro se abre na página 190: “Para o plantador de algodão, matar se tornou uma terapia, a floresta assegurava seu segredo, mas ele achou alguém que acabaria com o seu reinado de sangue, alguém tão cruel e com uma magnitude que o atraia para o núcleo do seu ego, onde ela o esmagaria.”

René tinha pegado dinheiro para uma garrafa de uísque e cigarros. Também trouxera o seu canivete multiuso, para o caso de algum maldito “raposa” tentar roubá-los ou importuná-los. Ele estava seguro e tranquilo e parecia que ela não tinha medo algum, confiava nele, ou era confiante demais, o que intrigava René que já estava levemente embriagado.

-Então é isso, disse ela. Vai me estripar no meio da mata, que previsível.

Ela não riu, René não entendeu sua afirmação, ela insultava a sua inteligência febril, estava realmente bêbada. Que fraca, só isso? Ainda tinha meio litro de uísque.

Seguiram pela trilha, o céu estava extasiante e clareava os galhos mais elevados. Não havia som algum além do grito da floresta, o som das suas criaturas noturnas e o som dos passos.

Por mais de uma hora caminharam até chegar a um galpão velho, aparentemente abandonado.

- Há, há, há, há, você ta me zoando, só pode estar. Tudo isso, a expectativa, o cansaço, para isso. Um monte de madeira podre e quatro telhas quebradas. Você é um idiota, dane-se você, eu vou embora.

Ele riu.

- Pode ir revoltadinha, mas está equivocada demais pro meu gosto, você nunca imaginaria o que tem lá dentro.

-Ta bom, tá bem, meu amor. Vamos ver o que tem de tão espetacular dentro dessa merda.

René estava aliviado. Pela primeira vez em um ano ela havia manifestado uma reação diferente, tinha saído da linha. E não era só pelo fato de estar bêbada, ela enfim estava se revelando, e era tão linda braba...

Entraram no galpão e nada tinha lá, além de aranhas, muitas delas. Ela olhou para René com uma espécie de zombaria, mesclada a raiva severa. Ele abriu uma tampa no chão de madeira, como uma passagem secreta, tinha uma escada.

- Cuidado, não tem luz no início.

Ela seguiu o namorado, a tampa se fechou fazendo um barulho estrondoso. Ali só a ausência total de luz. Desceram vagorosamente e logo um som se propagou. No início em baixo, aumentava à medida que desciam.

- Que lugar é esse, René?

Ele apertou a mão dela, estava emocionado demais para falar, Ele tinha entendido. Ela era fechada, reservada, só isso. No fundo ela o amava e amava seus livros. Uma lágrima foi inevitável. Desceram mais um pouco e o som agora era claro, como a luz que se desenhava cada degrau abaixo.

Era um som estranho, letárgico, lento e muito distorcido, como uma nuvem. Algo um tanto soturno, acordes de guitarra se misturavam a um teclado sintetizado, o baixo era um pouco pulsante, um pouco arrastado, e a bateria era bem barulhenta. René se sentiu em casa. Desceram os últimos degraus e se depararam com uma porta vermelha iluminada por uma luz neon.

- Chegamos.

Dentro havia uma espécie de bar, com luz negra. Pessoas muito esquisitas bebiam em sofás vermelhos, havia cinco deles. Fumavam e conversavam muito baixo, quase sussurrando, alguns dormiam outros apenas viajavam no som.

- Venha, vamos pegar uma bebida.

René era popular ali, o escritor antissocial também tinha amigos, loucos como ele, refugiados, excluídos pela sociedade, se chapando embaixo da terra. No fundo pareciam todos intelectuais liberais, músicos escritores ou meros vagabundos.

Os bêbados iluminados do bar imaginário.

Sentaram num sofá bem afastado dos outros. Garotas góticas se chupavam, alguns jogavam um jogo muito estranho de cartas, onde quem perdesse tinha que se cortar.

- Você gosta daqui, perguntou René.

- Mas não é tudo que você ostentava.

Ela estava muito bêbada.

René riu dessa vez exatamente como ela ria, e foi sem querer imitar. Ele chamou um conhecido. Um sujeito muito magro, com uma barba estilo "monge" e uns 14 piercings no rosto.

Ele estendeu a mão, entregando algo para René.

- Tome meu amor, e colocou na boca dela.

- Eu não tomo LSD, nem ecstasy, nem tenta.

- Não é nada que você conheça.

Ela olhou, menina desconfiada, era só uma menina, e ele a transformando num monstro. Ela o amava e isso era o importante para ele.

v

Abriu os olhos com dificuldade, estavam pesados e encharcados. Olhou a sua volta, apenas garrafas espalhas pelos cantos. A luz piscava vertiginosa. Mas o que...

Ninguém.

Subiu as escadas, abriu a tampa. Já era dia, um dia chuvoso, a neblina o impedia de enxergar seis palmos a frente.

Ele quer gritar o nome dela, mas não lembra. Não consegue lembrar o nome da garota que ama. Está com dor de cabeça, confuso, o coração começa a bater acelerado, a chuva é impiedosa. René segue o caminho de volta pela trilha, desliza no barro, está desesperado. Só então percebe que sua roupa está ensanguentada, a chuva lava o sangue que escorre lentamente.

O velho aparece no meio de um relâmpago, igualmente ensanguentado, os mesmos olhos de sempre, céticos e indecifráveis. Os olhos dela.

- Você tá bem?

Silêncio.

- Fala comigo!

O velho olha para as mãos sujas de sangue.

- Por quê?

Ele tem um flashback, um corpo mutilado no sofá.

Órgãos internos espalhados por todas as partes.

Põe a mão no bolso, o canivete ensanguentado.

“Não, não, não po-de s-e-r!

- Você a matou, matou todos eles. – os lábios eram do velho, mas a voz era dela.

Ele cai no chão e se lembra de tudo. Com o canivete estripando a namorada e todas aquelas pessoas.

Ele chora, palpita, agoniza.

- O que eu fiz?

- A pergunta é outra: “Quem é você agora”?

- Ah, você é minha analista então.

- Não, René. Sou sua psiquiatra, lembra?

- O que é isso?

- Olhe no espelho.

De repente está numa sala, o rosto no espelho lembra alguém.

É um jovem, magro, olhos negros, quase não distinguia a pupila.

“Quem é você?”, pergunta a mulher de olhar cético e indecifrável.

- René.

- Não, não é essa a resposta. Aonde você vai esta noite, algum lugar diferente, uma fuga rápida para ser esquecida amanhã, sem se envolver, sem constrangimentos...

- CHEGA! Ele começa a se debater e atira o espelho no chão.

- Quem é você?

- Eu sou André!

- Aonde você vai essa noite?

- Para casa com a minha mãe.

A consulta termina, e o garoto vai para casa, acompanhado pela mãe. A experiente psiquiatra continua firme, mas aparentemente emocionada.

- O que ele tem? -pergunta um paciente que espera atendimento, este visivelmente abalado.

A mulher respira fundo, vagarosamente.

-É um caso difícil, nunca vi um tão espantoso. Distúrbio de personalidade dissociativa. Pouco se sabe sobre esses transtornos, muito pouco se estudou.

- Então ele não sabe quem é?

- É um pouco mais complicado que isso. Ele cria pessoas, histórias, cenas. Como um escritor. Mas ele vive seus próprios personagens, todos eles. O que fiz hoje foi ousado e poderia ter acabado mal. Fiz todos se confrontarem até sobrar um só, o seu alter ego. A partir daí ele lembrou quem é por hora. Não por muito tempo.

- Ele vai ficar bem?

Receio que não, mas farei o possível.

Ano : 2014

Título : O semeador

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: O calor era insuportável. A mulher que arrumava a cozinha se chamava Tina e não conhecia outra vida além daquela.

O SEMEADOR

Fevereiro, 1975.

O calor era insuportável, a mulher que arrumava a cozinha se chamava Tina e não conhecia outra vida além daquela. Nem mesmo sabia o que acontecia no mundo, já que a televisão havia queimado há meses e Sales, seu esposo não tinha dinheiro para o conserto. Sem ouvir falar das notícias que não compreendia e sentindo falta das novelas, seu único entretenimento. A luz elétrica já estava ali há anos, mas a TV era uma novidade. Era.

A pequena casa de madeira azul tinha dois quartos, sala, cozinha, banheiro e um porão, que era o escritório do Sales. A janela da cozinha continha vidros coloridos e durante o dia a atmosfera era vibrante, até nauseante. Havia uma varanda e a casa quase desaparecia em meio ao devastado milharal. Tinham galinhas e uma vaca leiteira, basicamente sobreviviam graças a ela.

Tudo estava indo mal para qualquer um que vivesse da terra. Afinal os tempos eram difíceis no campo ou na cidade.

Os vizinhos mais próximos tinham um sítio um pouco maior, a cerca de trinta quilômetros dali. Tinham alguns tonéis de carvalho e fabricavam cachaça artesanal suficiente para demanda dos bares da cidade mais próxima.

Sales se gabava de ser um fazendeiro capaz de fazer qualquer coisa crescer da terra. Ele havia ido à cidade naquela manhã, ao banco. Precisava de um empréstimo para a sua nova ideia: um alambique. Queria concorrer com os vizinhos e conquistar o espaço.

“Você vai ver, ainda vou provar ao Ivo que aquela cachaça é uma porcaria. Nem mesmo garrafas de vidro ele usa, não sabe administrar aquela fazenda. O leite é ruim, o gado mal cuidado e todos aqueles barris caros para fermentar aquele lixo.” Sales fervia de ódio invejoso ao falar do irmão bem sucedido, agricultor do sul: “Se eu tivesse aquelas terras, por que ligaria para comunismo ou para essa bosta de pátria?” Tina apenas escutava, sem entender muito e sonhava com um homem bonito e bem vestido, como os que ela via na TV. Ah, a TV!

Todos os dias eram iguais, fazer o café, tratar os bichos e sentar-se à varanda tricotar e esperar Sales que nunca estava por perto, já que saía cedo para entregar o leite e o queijo que ela mesma produzia semanalmente. Ele voltava à noite completamente bêbado. Isso quase sempre.

Nunca tiveram filhos e essa sempre fora a grande frustração da coitada.

Sabia em seu íntimo que poderia ter casado com um homem menos grosso, mais atencioso e que acreditasse em algo, sobretudo no amor.

Naquela manhã tórrida, Tina terminava a louça quando ouviu um carro se aproximando. Definitivamente não era a caminhonete do marido.

O barulho era mais suave.

Já caminhava em direção à porta antes de baterem.

Ela secou o suor do rosto com o pano de pratos, mexeu levemente nos cabelos e abriu.

O que viu foi um homem de aparência muito peculiar: magro, alto, sem cabelos, com um nariz gigante e pretensiosos olhos azuis. Provavelmente na faixa dos 45. Vestia-se impecavelmente bem, embora em trajes inapropriados para o clima. Terno preto, sapatos de bico fino, chapéu e um broche de ouro na camisa. Tina já vira aquele símbolo em algum lugar, talvez na TV. “Sim, definitivamente na TV”, pensou ela.

O carro era preto e parecia ser importado.

A mulher teve uma experiência surreal ao vê-lo.

O estranho soltou a mala preta no chão e estendeu a mão à Tina que percebeu que o anel no dedo mínimo do homem tinha o mesmo símbolo do broche. Um círculo com um olho no centro.

- O que o olho pode fazer? -perguntou misteriosamente o estranho.

- O quê? - ela fingiu não ter reparado em nada.

- Nada, dona, que bela manhã de sol, hein!

Ele abriu um largo sorriso expondo um dente de ouro que quase cegou a mulher, que ficou pasma. “Aquele maldito calor e aquele homem parecendo tão confortável”, pensou.

- Oh, deixe-me apresentar, perdão. Emir. - disse o homem ao estender a mão para cumprimentá-la.

Ela hesitou em apertar a mão do visitante. Deu mais uma checada em tudo, olhou para o céu límpido, secou o suor no rosto, e disse num tom rude, sem rodeios:

- Olha, senhor, seja lá o que tem aí, não quero comprar.

Tina pôde ver seu próprio reflexo no dente de ouro polido. Estava nauseada, pensava que poderia estar enfim grávida, ou se era só o calor.

O homem tirou o chapéu, era careca.

- Dona... O que gostaria era de entrar para lhe explicar melhor a minha oferta.

A mulher arregalou os olhos e antes de bater a porta, gritou:

- Precisa vir pro fim do mundo para achar esse tipo de mulher? Vá embora, seu escroto!

- Mil desculpas, dona, creio que me interpretaste muito mal. É que está muito quente aqui fora e na verdade é com seu esposo que devo tratar disso, mas como não vi carro nenhum, presumi que ele não estava, logo pedi para entrar para esperá-lo.

Tina tornou a abrir a porta.

- Sales não está mesmo, do que se trata?

“Sales” sussurrou o estranho.

- O quê disse?

- Nada, dona...?

- Tina. - ela respondeu ao finalmente apertar a mão do sujeito. Esse deu uma boa e breve observada à sua volta como que analisando a propriedade.

- Bem, Tina, eu quero propor uma sociedade ao seu marido, algo que poderá transformar vocês em grandes agricultores, eu diria em outros campos. Bem, na realidade serão tudo o que quiserem ser.

Ele abriu a maleta e puxou um pequeno livro, entregando-o a Tina.

- Antes que olhe quero deixar claro que não sou um vendedor. - disse Emir.

- O que é exatamente então?

- Sou um semeador. - assumiu um tom de voz assustadoramente suave de dicção perfeita, mas era como se nem abrisse a boca para falar. - Planto vida nova para as espécies.

O livro tratava-se de um manual de botânica com ilustrações de plantas, ervas e árvores das mais variadas e estranhas. Tina folheou com certa curiosidade.

- Creio que reconhece algumas dessas plantas, senhora.

- Sim. - respondeu ela, sendo sincera. Ela sempre quis plantar árvores que descem bons frutos, mas o solo não era adequado.

- Bom - continuou ele - também observe essas árvores exóticas, como essa bela Bombax, ou essa Figueira-de-bengala. São raras. Repare nas liliopsidas quão magníficas são.

Apesar de estar confusa, a mulher se encantava com as fotos e a descrição das árvores.

Tina foi simpática ao devolver o manual.

- Desculpe senhor, mas nada cresce aqui e nem teríamos dinheiro...

O homem assumiu uma séria postura.

- O que eu disse que sou, Tina?

Ela se assustou por um instante.

- Um semeador. • disse ela.

- Sabe, aprendi algo nessa vida. Não levamos nada dela, o que importa é o que deixamos, mas às vezes não se pode deixar nada.

- De qualquer forma, na melhor das hipóteses, quanto tempo levaria para isso dar frutos? - ela orgulhou-se do seu sarcasmo.

- Todas essas árvores são irrelevantes, veja a última página. - disse o tal semeador.

Tina ficou pasma. A árvore era a paisagem mais impressionante que ela já havia visto. Tronco robusto de material fibroso. Elevava-se uns 15 metros do chão, seus galhos entrelaçados formavam algo semelhante a neurônios. Por cima,

folhas verdes como grama, como uma leve pelugem. Tinha o formato de um cogumelo.

- A árvore Sangue de Dragão, inflorescência longa, comprimento, glabra, bipinada, de flores numerosas em panícula terminal larga. Em rituais de vodu, parece atrair amor ou dinheiro.

- Não acreditamos nisso, senhor, muito obrigada.

- Senhora, essa árvore não é uma Sangue de Dragão em si. Apenas se parece com uma. Ela é uma coisa muito diferente.

- E quanto aos frutos?

- Os frutos são a luz do próprio cosmo. Quero dizer, tudo o que quiserem. Só ofereço uma única chance nesse Planeta. Ter em sua propriedade uma árvore que não existe em nenhum outro lugar da Terra. E tudo que vocês têm a fazer é plantá-la.

E dizendo isso ofereceu 2 sementes de um verde musgo, mas radiante.

- E não vai nos cobrar nada? - Tina perguntou desconfiada.

- Ora, senhora. O que eu lhe fiz para que me trate com tanta falta de respeito? Já disse. E nada tenho mais a dizer, apenas entrego a possibilidade de dinheiro, poder ou do amor. O desconhecido. Mostre o manual ao seu marido, agora tenho que ir.

Dizendo isso ele vestiu o chapéu e se dirigiu ao carro.

*

Ao chegar em casa bêbado, o fazendeiro Sales se negou a plantar.

- O que temos a perder, afinal, querido?

- O que temos a perder? Numa porra de uma ditadura. Podem nos matar. E se forem do governo? Esse tal sementeiro deve ser do exército, ou pior, um comunista. Quer acabar numa sala levando choques e sendo espancada?

Embora a mulher tentasse persuadi-lo Sales negou-se e muito embriagado foi à casa dos vizinhos fazer uma proposta.

Voltou em duas horas muito satisfeito.

- Ele caiu. Hahahahaha. O idiota trocou seus barris de carvalho por uma semente, que burro. • vangloriou-se o marido.

E então Sales virou um coronel da cachaça e o dinheiro começou a entrar.

- Até que esse homem tinha razão, essa árvore dá mesmo dinheiro. -dizia ele.

Mas numa noite voltando para casa, avistou uma luz verde tão forte que mais parecia uma aurora boreal.

Entrou na propriedade do vizinho e se deparou com a coisa mais maravilhosamente bela que nenhuma mente ousaria imaginar.

O casal de vizinhos dançava embaixo da árvore que parecia literalmente um OVNI.

O vizinho chegou até Sales. Todos os galhos pareciam circuitos elétricos.

A mulher que estava grávida gritou: "Chegou a hora!"

Um carro preto de luxo se aproximou. A euforia era contagiante.

O homem desceu, foi para baixo da árvore e abraçou o casal.

"Era ele", o anel, o símbolo. Sales reconheceu o símbolo, era o que aparecia misteriosamente na tela da televisão quando ela ficava sem transmissão. Um círculo formava a letra "O" e havia um olho dentro.

De repente algo sugou a árvore para o céu e tudo desapareceu em meia fração de segundo.

E a nave sumiu dentre as nebulosas.

*

Obviamente ao relatar a história para a mulher, Sales foi ridicularizado. Afinal estava bêbado.

Estava tudo bem e o melhor: tinham uma televisão nova. Mas Tina não estava grávida, como soubera, quem estava era a esposa do tal vizinho.

Sales estava desolado, atormentado com o que tinha visto. Virava mais uma garrafa junto ao celeiro quando ouviu os gritos da mulher.

- Venha ver, corra!

O jornalista parecia não acreditar naquilo que dizia:

"Um meteoro do tamanho do planeta Júpiter irá colidir com a Terra ainda esta noite..." O sinal foi cortado. A TV ficou fora do ar. Apenas o símbolo na tela: o "O" com o emblemático olho dentro.

Desesperada Tina se lembra da pergunta do homem: "O que o olho pode fazer?"

- VER..OVER! Era o sinal, uma mensagem subliminar via satélite. O sinal da destruição, o olho que tudo vê.

- Está louca mulher, do que está falando?

Tina riu sarcasticamente.

- Ele nos escolheu.

- Não entendo! - disse Sales aos prantos abraçando a esposa.

- Ele só queria salvar a nossa espécie, será que nem mesmo na hora de morrer você ENXERGA?

- O filho.

- Sim. - disse Tina ainda rindo de desespero - O FILHO!

Então a energia acabou e o fogo consumiu suas retinas.

Data : 01/01/2010

Título : O Velho Singular

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: A solidão não mata não, Mas deixa o ser afogado em seu próprio interior!

O Velho Singular

A solidão não mata não,

Mas deixa o ser afogado em seu próprio interior!

Dizia a velha frase de um velho senhor

Que viu sua mulher sofrer calada segurando a sua mão

Agonizou a doença até os últimos e ostensivos momentos, coitada!

Não teve culpa, nem quis, no entanto deixou o marido tornando-o um velho infeliz. Alguém “semimorto” sufocado em seus

Tormentos, em seu interior!

De repente houve uma pálida voz na monótona solidão: “de-me sua mão e sinta a ternura da minha paz!”

Mas não vê ninguém, nem a sua frente, nem ao lado, nem atrás.

Pensa consigo então: será um fantasma vagando pela escuridão?

Atordoado reflete um pouco, o que aconteceu...

E conclui: virou um “fantasma”, fantasma o grande amor meu!

Depois olha no espelho e o único rosto que vê é o seu...

Conformado, sussurra para si mesmo: Não, o fantasma sou eu!

Ano : 2020

Título : O vinil de black metal (A colina de fogo, capítulo 5)

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: Dama Esmeralda, 1983 Alester chegou em casa entre sete meia e oito da noite e como de costume encontrou Joares bêbado.

O vinil de black metal

Dama Esmeralda, 1983

Alester chegou em casa entre sete meia e oito da noite e como de costume encontrou Joares bêbado. Ele era bastante severo com o filho. Aposentado da fábrica de doces depois de 35 anos de rotina e muito trabalho. Além da aposentadoria, a fábrica também lhe rendera a diabetes. Mesmo assim bebia todos os dias, ou melhor, todas as noites, sentado na arezinha da casa de madeira de onde podia ver tudo o que acontecia na rua. Não que houvesse alguma coisa para se ver. Moravam num bairro muito afastado do centro, em uma área rural, onde todos se conheciam e a maioria eram parentes. Alester fora abandonado pela mãe, que não suportava mais as bebedeiras e as surras o marido. Ela levou consigo a menina de 7 anos e sumiu, deixando Alester aos cuidados do pai, que se tornava a cada dia mais insuportável.

O menino vivia pelas ruas na companhia do seu único amigo, conhecido apenas como "Corpse". Ambos eram fãs de heavy metal e trocavam camisetas e discos das suas bandas favoritas. Corpse era bem mais velho que Alester, que abandonou a escola e só pensava nas terras nórdicas da Europa, de onde vinham suas bandas favoritas.

Já Corpse estava realizado. Seu sonho sempre foi ser coveiro, e quando, depois de 50 anos na profissão o Velho Ary morreu, ele se tornou o coveiro oficial do cemitério da colina. Sempre levava Alester lá de noite para beber e fumar maconha. O limite entre o cemitério e a zona de acesso proibido era simplesmente inacessível. Era tentador para jovens obscuros como Corpse, mas ninguém nunca ousou ultrapassar os limites, a colina ainda era um território virgem, cheio de lendas e histórias ancestrais.

Joares estava sempre bêbado e não percebia a ausência do filho, e se percebesse não se importaria muito mesmo.

Corpse era amigo de um tal de mingo, e um grupinho metido a gótico que Alester se recusava a conhecer. Faziam parte de uma seita liderada por Roger Mattos, um produtor de filmes eróticos, e Wagner S.C, um rico fazendeiro que jurava ter recebido tudo que tinha graças a Satanás, intermediado pelo grande "mestre", ou do livro imaculado". Embora Corpse alegasse para Alester que ninguém na seita acreditava em Deus ou no demônio, e isso era só uma maneira de passarem despercebidos. Afinal adoradores do diabo não são novidade há milênios, o que eles adoravam era uma outra coisa, muito diferente. Corpse contava as façanhas dos membros da seita, e como o tal Wagner havia "retalhado" a esposa supostamente em sacrifício. Alester, então com 14 anos carregava muita mágoa no coração. Tinha vontade de entrar para a seita, mas tinha fobia social e só conseguia se expressar e interagir com Corpse, talvez por ele ser tão excêntrico que nem parecia humano.

Numa tarde Corpse foi até a casa do amigo.

Sem a maquiagem e escondendo as unhas pintadas de preto, para que Joares não visse. Joares detestava o Corpse. Na realidade detestava todos, e seu filho também odiava tudo e todos, menos Corpse. Alester era um rebelde com causa justa, um potencial "mini sociopata piromaníaco".

- Cara você tem que ouvir isso, disse Corpse entregando um disco de vinil com a capa toda preta apenas com o nome: The secrets of the Master and the devil's arts. Não tinha o nome da banda.

Vamos ouvir...

O som era um black metal, um subgênero do metal extremamente agressivo, e pesado. O black metal estava em ascensão na época, especialmente nas terras geladas do norte da Europa. Era bem conhecido no mundo do rock Corpse balançava a cabeças com seus cabelos longos e negros.

- Você não vai conseguir parar de ouvir, disse Corpse fazendo referências satânicas. As letras eram em um idioma que desconhecia, apesar do título do álbum estar escrito em inglês. As músicas divergiam do black metal tradicional. Começam calmas e baixas, como canções de ninar, depois explodiam em riffs pesados e gritos guturais.

- Qual o nome da banda? perguntou Alester.

- Não sei, respondeu Corpse concentrado no som. Alester pediu o disco emprestado.

- Eu empresto, mas se voltar com um risco, eu te mato.

Ele falava sério, Alester sabia disso.

- Vou cuidar dele. Onde conseguiu?

Corpse ficou imóvel com cara de lunático, mais do que de costume.

- O mestre me deu, proferiu ele sussurrando.

À noite Alester estava hipnotizado pelas músicas sombrias e melancólicas, ouviu o disco várias vezes, repetindo as músicas favoritas.

Tinha alguma coisa naquele disco que atraía o ouvinte, como uma mariposa pela chama.

Joares chegou bêbado com uma garrafa na mão, chutou a porta do quarto do filho.

- Abaixei o volume seu merda.

Começou a quebrar tudo, enquanto a música frenética rolava. Tentou desligar o aparelho e não conseguiu, então tacou contra a parede com muita força.

- Meu disco, suplicou Alester.

- Foda-se essa porcaria de disco, e quebrou em pedaços.

- Com a sua idade eu já trabalhava e comia as meninas. Olha pra você com esse cabelo comprido, parece um viado! Se for gay, eu juro que te mato. Juro por Deus que eu te mato!

Alester escutava calado com os olhos cheios de lágrimas, não queria chorar na frente do pai.

- E não quero mais aquele anormal aqui.

Lágrimas de ódio, desprezo, lágrimas de quem só conhecia o sofrimento encharcavam os olhos do menino.

- Você me escutou?

Alester não respondeu e por isso levou um forte tapa no ouvido.

- Sim, estou ouvindo.

Joares bebeu mais um gole da garrafa.

- E fique longe daquele carro, sei que anda saindo com ele quando eu não estou.

E saiu cambaleando pela casa até cair no carpete da sala.

Alester pegou o violão desafinado, (estava aprendendo a tocar). Possuído pelo disco começou a tocar uma das músicas olhando para o que tinha sobrado dele, o disco.

Não estava preocupado com o Corpse. Estava aleatório a tudo e todos.

Cantava forte, alto. Tocava com agressividade.

Cantava e chorava até o alvorecer.

De repente, num surto ele pegou uma faca de açougueiro da cozinha. O Joares ainda estava desmaiado.

Alester fez questão de acordar o pai. Estava sóbrio e tinha olhos serenos e inofensivos.

- Filho, o que estava fazendo acor...

Foi calado com uma facada na boca, seguidas de outras 40, pelo corpo todo, banhando menino com o sangue.

Ficou observando o pai retalhado ali no chão e se sentiu muito bem, como se tivesse feito alguma coisa útil na vida, como o próprio Joares dizia: "Quando que você fará alguma coisa útil nessa vida garoto?"

- Eu fiz, pai, sussurrou o garoto.

Depois saiu correndo, um homem magro e alto vinha em sua direção e tentou chamá-lo, mas Alester não ouvia mais nada. Foi até os trilhos, já estava na hora do trem passar. Deitou nos trilhos e esperou, não por muito tempo, o trem partiu ao meio.

Data : 01/01/2009

Título : Odeio

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Eu odeio o pacifista Eu odeio o destruidor

Odeio

Eu odeio o pacifista

Eu odeio o destruidor

Eu odeio o padre

Eu odeio o pastor

Eu odeio o bem

Eu odeio o mal

Eu odeio sentir

Eu odeio chorar

Eu odeio mentir

Eu odeio a sinceridade

Eu odeio nunca

Eu odeio sempre

Eu odeio o certo

Odeio gente

Odeio a riqueza

Odeio a esmola

Odeio me mexer

Odeio parar

Eu odeio cair

E eu odeio levantar

Eu odeio a clareza

Odeio dissimular

Odeio ignorância

Odeio teoria

Odeio o escuro e o que clareia

Odeio quem ama e odeio quem me odeia

Odeio a parede

Odeio o muro

Odeio o nada

Odeio o tudo

Odeio dormir

Odeio acordar
Odeio a vida
Odeio meu receio
Eu odeio pensar
Eu odeio
E odeio odiar!

Data : 01/01/2009

Título : Old Ville

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Ah, que bons tempos Gente caindo de tanto beber

Old Ville

Ah, que bons tempos
Gente caindo de tanto beber
Jovens com efervescência filosófica
Apostavam por mulheres e bebida

Mas suas mentes foram se limitando
E a poeira do deserto voltou
Em forma de cinza

O nome mudou para New Heaven
Mas os mexicanos preferem “La Concha”

Data : 01/01/2020

Título : Olhos de sangue

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: A colina de fogo, capítulo 17

OLHOS DE SANGUE (capítulo 17 de "A colina de fogo")

1983 DAMA ESMERALDA

3.00 da manhã, o telefone toca....

A mulher resmunga naquela fase do sono: "Durmo, acordo, durmo acordo.O toque do telefone soava como uma orquestra em lá maior , tocada por todos os demônios juntos. Ela cutuca o marido.

- O que foi? Responde ele, também resmungando.
- O telefone Wagner, vá atender. Já acordado ele diz para que ela atendesse.
- Vai você oras, afinal quem ligaria para nós a essa hora além dos seus amigos vagabundos. Aposto que é aquele bêbado do Tavares...
- Tá, tá, tá, eu vou...ops..., viu parou de tocar, vamos dormir.

O silêncio permaneceu por alguns minutos.

Começou a tocar novamente.

- Puta que pariu, eu não vou!
- Mas, Wagner, e se for se alguma coisa com o Nando? E se ele se acidentou com aquela moto? Temos que atender.Wagner é um cavalheiro, mesmo naquele momento, levanta a cueca e vai atender.

" Mas quem pode ser essa hora? Só pode ser trote."A mulher permanece na cama, angustiada.

- Quem é?
- Quero falar com a sua mulher., diz a voz do outro lado da linha.
- Mas, o que,..
- Isso mesmo, quero falar com a Suélem., vai me passar ou não?

Como se captando um sinal, ou prevendo uma catástrofe, Suélem levantou da cama com uma fúria felina.Wagner desligou o telefone.Os dois ficaram se encarando em silêncio na sala escura. Ela já está em pânico absoluto.Ele apenas contorna a situação, tentando manter a calma.

- Wagner- o tom da sua voz suave quase como um suplício-. Você não está pensando bobagem, está?
- Não, meu amor, por que pensaria? Não está mais preocupada com o Nando?

Silêncio...

O telefone tornou a tocar.

Ambos correm e se jogam em cima da mesa, onde está o aparelho. Wagner tem três metros de vantagem, mas na disputa, a mulher é mais rápida de raciocínio e consegue arrancar o telefone da tomada.

- Não deve ser ninguém importante, disse ela.

- Faça um favor Suélem. Faça uma única coisa útil nessa vida desgraçada.. Conta logo...

- Ok, disse ela. Se quer saber, eu acho que tá na hora de falar, um dia tinha que acontecer mesmo.

- Wagner, eu não sabia que você fosse tão burro, mesmo fazendo parte daquele clã idiota.

- Não insulte a irmandade.

- Meu querido, eu não quero insultar a sua seita idiota.

- Como pode falar isso? você nunca leu o livro.

- Não mesmo! Esse livro babaca parece ter manipulado quem não tem inteligência emocional. Eu até entendo que os adolescentes tolinhos acreditem nisso, mas homens barbados hipnotizados por um livro sem fundamento científico, adorado por filósofos fracassados que ficam bebendo e fazendo sacrifício. Vocês nem ousaram ir ao topo da colina. Wagner já está processo por uma força desumana. Insultar a seita, os membros dela ou até dar para um amante, ou vários, até aí tudo bem. Mas falar assim da obra do mestre era inadmissível.

- Você me dá nojo Wagner, continuou ela segura de si e demasiado confiante. O cara que te ligou foi Juarez, um mexicano, músico. Namoramos há 18 anos. Sim, querido, enquanto você sacrificava pessoas inocentes, eu e ele fazíamos o Nando. Wagner nem ouvia mais a mulher direito. Aquilo já era mais que o suficiente.

- Não fique triste - continuou ela soberba-. Casei com você porque é rico. Mas também é feio, gordo, escroto e assassino. você é um assassino! Ela sente algo perfurar o estômago. Os olhos do marido estão vermelhos, quase jaz sangue. O mesmo sangue proveniente da ira. O mesmo sangue nos olhos de Hitler, Che guevara, Jeffrey Dhamer, Andrei Chicatilo. Ele gira a lâmina com força, quer ver a dor dela. Seus olhos sanguinários assistem a traidora morrer. Bem devagar..

Olhos vermelhos, sangue nos olhos. Nos olhos do vingador, do traído, do bandido, do mocinho corrompido.

Olhos demais no mundo. Piscam involuntários, sem parar.

Depois que ela por fim para de agonizar, Wagner fez uma ligação:

- Gabriel, vamos ter que adiar o evento.

- Mas o que, responde o homem do outro lado da linha. Você enlouqueceu?

- Eu não sei, foi muito confuso, fazia tempo que eu não matava ninguém...

- Já sei, foi aquela vadia. Não tenho nada com isso, tão pouco o mestre. você não podia ter mandado o lobo fazer isso, não é pra isso que ele serve, seu animal idiota?

- Não deu, foi tudo muito rápido, ela estava me traindo e insultando o livro. Por favor, precisa me ajudar.

Henrique Gabriel começou a detestar a mulher e entender o Wagner.

- Você fala como se fosse fácil assim, disse ele.

- Você é um homem muito respeitado por todos, pense em tudo que eu já fiz pelos ensinamentos do mestre.

Silêncio...

- Tá, você precisa sair da cidade, não, sair do país. O evento será adiado, o mestre entenderá. Vou tomar as devidas providências

- Homem, como sou grato a ti...

- Cala a boca, pare de me bajular, seu traste. Suma agora e volte daqui a seis anos. Precisamente em março de 1989. Gabriel desligou.

Sangue demais mundo!

Wagner efetua outro telefonema

- Alô, lobo. Está livre essa noite? Anote meu número, tenho um trabalho urgente para você, ainda essa noite.

Data : 01/01/2011

Título : Oráculo

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: No oráculo do olhar Nas sombras do meu passado...

Oráculo

No oráculo do olhar

Nas sombras do meu passado

Entre cães raivosos de carro novo

Eis que um olhar, hipnótico

À medida que se tenta decifrar

A origem de tanta solidão

E apatia, em pálida arritmia

O oráculo do olhar me diz

Os olhos mais serenos como eu nunca fiz
Na minha imaginação
Da falta de bom senso, à comoção
Há um oráculo no teu coração
Ei de esclarecer tudo nesses olhos
Hipnotizantes e pálidos olhos

Data : 11/07/2013

Título : Os planos perfeitamente projetados

Sub Sub Categoria: Pensamentos

Descrição: Os planos perfeitamente projetados, as doutrinas cegamente seguidas, a astrologia e suas previsões,...

Os planos perfeitamente projetados, as doutrinas cegamente seguidas, a astrologia e suas previsões, a filosofia e a sua busca por respostas inúteis, todas as conclusões e os julgamentos levianos. Esses preconceitos são mecanismos de defesa do ser humano. Suas armas contra o medo de aceitar que não há nada além de teorias e linhas imaginárias. Nada além de respirar e deixar que os outros também respirem. São o medo de aceitar a impotência diante da dúvida, do imperfeito, o acaso...

Data : 01/01/2010

Título : Outro Lugar

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Caminhei o dia inteiro E a noite sem descansar

Outro Lugar

Caminhei o dia inteiro
E a noite sem descansar
Procurando alguma coisa
Que eu nunca vou encontrar

Caminhei mirando o nada
Caminhei sem direção
Percorri toda esta estrada
Sem ter sequer uma razão

Pra continuar
Sem ter onde chegar

Ela estava lendo um livro
Não queria conversar
Ou estava ali sentada
Esperando a noite chegar

Pelo brilho desse asfalto
Pela sombra desse mar
Pelo esgoto em que me sento
Esperando a noite chegar

Em outro lugar
Além do mais
Você não vai me achar
Se não me procurar!

Data : 01/01/2011

Título : Parasitas

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: A noite invade o templo Com sua legião sagaz

Parasitas

A noite invade o templo
Com sua legião sagaz
Impiedosos opositores, sapos aflitos
O combustível da prisão
Homenagem aos que padecem

A voz no fim do corredor anuncia o rato
A borboleta cósmica, o grito gelado do óvulo
E sua semente perdida

Rastreando cada espaço, cada luz
Óvulos da serpente ranzinza
Gozam do tempo que lhes foi dado
Contagiosos vícios da noite
Que desvenda seus segredos

Ano : 2020

Título : Pare para pensar

Sub Sub Categoria: Crônicas

Descrição: ...

Você está vivo?

Está acordado?

Sente toda essa energia, essa corrente elétrica magnífica pulsar suas veias, aditivando o seu sangue, ritmando seu coração, impulsionando o seu cérebro a raciocinar e seus sentidos estão apurados e é parte fundamental em todo esse processo de evolução que chamamos de vida.

Seus olhos contemplam todo esse mundo de belezas e mistérios e histórias e mais histórias

E daí a sua vontade de estudar, saber mais, criar, argumentar, saciar a sua sede de filosofia, saborear sem pressa um alimento sem veneno, beber um bom vinho, passar noites na estepe ou em um planalto, ou em uma montanha, ou em uma estrada deserta, ou em um telhado, acompanhado ou sozinho, servido de uma bebida. Ouvindo ou executando uma boa música. Assistindo o espetáculo do céu em uma noite de tempestade, sentindo a chuva em seu rosto, o vento em seus poros, o sol sobre o vale em uma manhã de inverno e a sombra púrpura do anoitecer. E todas as criaturas da natureza, os falcões, as baleias, os lobos, as ovelhas, a sabedoria de um velho das ruas, o veneno fatal de uma serpente, ou de um escorpião, ou de um peixe esquisito, ou de um ser humano qualquer em qualquer lugar desse planeta.

E você pode interagir com tudo isso. Pode sentir que uma planta está te ouvindo e captando seu sinal, sua energia. E o som psicodélico da madrugada da mata, a fúria de um rio, o silêncio carregado de um lago profundo e um furacão em alto mar.

Tudo está sincronizado, em perfeita harmonia em meticulosa perfeição, como em um sonho bom. Tudo foi feito pra você, a lua alguém pintou pra você, há água em abundância para poluir e os animais só estão ali pra serem comidos porque essa é a natureza das coisas, a lei da vida: O mais forte come o mais fraco, o mais jovem supera o mais velho, o bonito supera o inteligente. A culpa não é sua, a lei não foi criada por você, apenas a segue porque foi assim que aprendeu, essa é a realidade e a verdade absoluta das coisas.

Mas não é melhor o sonho? Que pesadelo é tão horrível quanto esse mundo do jeito que é sempre foi e sempre vai ser.

Talvez em outra dimensão esqueça que está preso, é um escravo de tiranos.

O ar está contaminado, as águas também.

O céu está escuro, as pessoas alienadas, e a comida é artificial.

Mas você está seguro enquanto dorme, está em paz.

Em que dimensão do espaço tempo encontra-se o teu sonho?

Talvez no que chamas de objeto irreal.

O quê vê o que toca o que sente.

Fazem seu cérebro crer que tudo isso é verdade, descartando as possibilidades. Mas quem pode afirmar que um dia eu não vá parar em saturno, Ou que você esteja imaginando esse texto. Pode ser.

Mas e o nada, as galáxias, as esferas, como pode existir tanto mistério, tanta beleza?

Freud não respondeu. Nem nitzche. Nem o Mozart, nem o seu avô, nem o seu professor, nem as paredes do seu quarto á beira de uma rodovia sem final aparente, nem o seu desespero que aumenta a cada dia, a cada ostensivo segundo que pesa em sua mente saturada de informação e cultura inútil.

Essa história que te contaram é falsa.

Essa história não tem começo, nem fim, apenas desenvolve e evolui, evolui, pra nada, por nada, e há espectadores e atores e só é preciso saber o que se é realmente. Se for algum... Se existir de fato. Se pensar nas possibilidades, se for louco por enigmas.

Mas você está vivo e está acordado.

Caso o contrário como estaria lendo isso, certo?

Talvez alguém esteja lendo pra você, talvez não existam palavras e bla, e bla e vai...

Ou há Deuses e as almas. Ou um deus solitário e egoísta que passa a eternidade brincando conosco, porque sabe que é a única coisa poderosa. Sendo assim não estaria melhor com satanás, o inferno.

Você realmente é craque nesse esquema de evoluir hein neardental?

Ou acredita mesmo que esse planeta é o único habitado?

Mas é melhor evitar as dúvidas, evitar o xadrez e a música clássica, fazer muito sexo e beber muito uísque, sempre é a solução.

Mas quanto mais você bebe, mais você pensa, não é?

Tentar outras drogas... Não faça isso. Remédios te castram, e o resto te mata. Tudo te mata. A vida te mata. Essa é só a corrida para a morte.

E não seria essa a solução?

Uma fuga egoísta desse mundo tão egoísta, habitado em parte por seres muito egoístas, de cegos e de outros seres que nem falam, talvez por egoísmo, talvez por sabedoria. Não! É só por incapacidade, não importa.

Você é louco, loucos são gênios ou só meros idiotas.

Se ainda está lendo isso provavelmente és os dois.

Mas num sonho pode se ser um pássaro a voar por todo o mundo e quando por fim se entediar pode-se subir e subir e subir até ultrapassar o limite da atmosfera e explodir.

Num sonho tudo é sempre bom.

Agora isso é possível, basta querer.

Essa é a dimensão do sonho, da anestesia mental, da imaginação, pode ser perigosa, mas é frenética e recheada de novidades, seres que nunca foram vistos, cidades flutuantes, ódio, amor e sabedoria. Vidas sem doutrinas, mortos falantes, aves mutantes, oceanos de puro sangue.

Talvez você não se importe em se ausentar um pouco da tal realidade.

Talvez queira fechar os olhos agora e curtir um espetáculo.

Data : 01/01/2011

Título : Parte Fogo

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Meu ego é incontestável; Meu grito ilimitado, incalável...

Parte Fogo

Meu ego é incontestável;
Meu grito ilimitado, incalável;
Meu sol brilha pra mim, mesmo na minha noite,
E minha noite brilha o dia todo.

Meu gênio é implacável,
Minha postura inimitável;
Sou filho ultrajante do fogo;
Meus pensamentos herdeiros do fogo são incompreensíveis.

Minha mão trêmula escreve pra mim,
No meu mundo de fogo ninguém me verá;
E se visse iria evaporar a água;
E meus olhos de fogo
Queimariam as retinas dos mais calados observadores.

Data : 01/01/2010

Título : Persistindo

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Levantar, Cair...

Persistindo

Levantar,

Cair.

Argumentar,

Cuspir.

Correr, lutar!

Apenas um momento de descanso

Apenas uma reflexão.

Escolher um, talvez dois, três...

Matar o resto.

...E prosseguir, matando efetivamente.

Ouvir pouco, falar menos.

Gritar, quando necessário.

Inovar, inovar.

Ser copiado.

E ser o que sente orgulho!

De não ter do que se orgulhar.

Data : 01/01/2009

Título : Peso

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Muitos contaram para mim seus segredos Os meus, só contei pra você

Peso

Muitos contaram para mim seus segredos
Os meus, só contei pra você
E mesmo os que eu não contei
Sei que poderia ter falado
Que nunca teria sido daí

Eu estou aqui
Sobre um céu vermelho e rasgado
E ainda vivo,
Porque você está aqui pra me segurar
Como um alicerce,
Um peso
Que eu nem posso suportar

Um peso
Como o do céu da noite vermelha.
Aqui estou muito bem
Porque eu sei que você está aqui.

Data : 10/09/2013

Título : Poetas!

Sub Sub Categoria: Pensamentos

Descrição: Se a poesia não se baseia apenas na expressão lírica, livre e não censurada de uma "alma"- Eu ia dizer mente-, inquieta.

Se a poesia não se baseia apenas na expressão lírica, livre e não censurada de uma "alma"- Eu ia dizer mente-, inquieta. Então só precisamos de algumas palavras complexas e umas rimas fajutas para fazer um bom poema.

E dos elementos, terra fogo, água, (incluindo lágrimas) e ar.
E do amor, e da noite e da tristeza e da solidão.
Coloque tudo num liquidificador e terá um bom poema.
Deste ponto de vista deve ser assim.
O resto é absurdo, mas se vaunguarda se encaixar aqui...
Pra mim tudo bem!
Existem artistas e existem arteiros, afinal.

Data : 01/01/2009

Título : Prisma

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: É olhando sempre pro nada que se passa a entender

Prisma

É olhando sempre para o nada
Que se passa a entender
O que há em cada madrugada
E qual é a cor do amanhecer

É parando que se entende
Qual é a cor da dor
Qual é a cor do amor

E as peças estão arrumadas
Como no xadrez
E o segredo dessas madrugadas
Ninguém nunca vai saber

Data : 01/01/2010

Título : Quando Acabar

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Quando tudo isso acabar não será necessário provar nada

Quando Acabar

Quando tudo isso acabar

Não será necessário provar nada

Sem experimentar essa sensação estranha de posse

Será mais uma criatura no rio

De volta à corrente

Livre para ter quem for

Livre para dizer a verdade

Sem vergonha, sem medo

Quando tudo isso acabar

Será só isso

E eu irei também

Com a correnteza

Do outro rio

Data : 01/01/2010

Título : Quando Tanto Faz

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: O desconforto é crônico e o desequilíbrio É agônico.

Quando Tanto Faz

O desconforto é crônico e o desequilíbrio
É agônico.
Quem mente se liberta, sobre o bálsamo da
Rua deserta.

A perdição te encontra,
Mais de uma vez
Conforta-te.
Aí você cai, até sacar que não pode mais
Se levantar.

E aí você vê o mundo, a beleza, a tristeza,
E sente uma mágoa exata, mas seu espírito
Liberta-se de toda dor,

E o sol diz que ainda tem muito por vir.
E você vê que está vivo!
Isso é um sinal,
Pro bem ou pro mal...

Data : 01/01/2011

Título : Que seja

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Nunca me diga o que eu devo fazer Nunca nem ouse perguntar

Que Seja

Nunca me diga o que eu devo fazer
Nunca nem ouse perguntar

Estou assim porque eu quero
Porque se eu quisesse estaria bem pior
Saiba!

Data : 01/01/2011

Título : Quero

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Eu quero ser legal, mas eu não consigo

Quero

Eu quero ser legal, mas eu não consigo

Eu quero não ser indiferente, mas eu não consigo.

Eu quero sentir afeto, mas eu não consigo

Eu quero gostar de alguém de verdade, sem me preocupar com os seus defeitos,
mas eu não consigo.

Eu quero muito viver.

Mas...

Data : 01/01/2010

Título : Rancor

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Não há mais nada aqui Todos que um dia contemplaram

Rancor

Não há mais nada aqui
Todos que um dia contemplaram
O mais sincero sorriso
Hoje descansam em paz

No doce relento de todo o sempre
Na certeza de um nunca mais
Tão certo quanto os raios ofuscados do sol
Que outrora aqui penetravam
Em tão fértil solo

A cada minuto que passa
Eu me afasto mais das pessoas
E elas já não têm nenhum valor pra mim
E eu... Nem mesmo existo!

Data : 25/10/2012

Título : Re-Evolução

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: De fato ainda somos a mesma merda, todos nós Só que não temos o mesmo cheiro, não, não, não

De fato ainda somos a mesma merda, todos nós
Só que não temos o mesmo cheiro, não, não, não
Em águas antes rasas agora transbordando, entorpecendo nossos sentidos;
Enchendo o saco
Informação saturada confunde os sentidos, informação só tem valor quando é fresca;
Ou destorcida, vocês dizem?
Eu digo!
grande coisa?
Grande coisa!

A nossa dúvida ainda consiste na sabedoria
Nos submerge nas águas do impossível
A canção do amanhecer
A mensagem subliminar transmitida por uma criança
Por onde andarás, pobre mente, em alguma deplorável infâmia
Nesse sonho inatingível, tão tangível
Bebês da fonte do conhecimento, mas aí limita a tua autenticidade
Transparente para contigo sou, mas sois?
Sois, animais desprovidos de arrebatamento?
Invejam e atacam pois não conseguem se igualar
Nessa aurora boreau que não compreendem está o futuro
O imperfeito, sem comoção
Essa Re-Evolução
Só para nós os completamente insanos
E não para vocês, os doidinhos
Discursam nas universidades
Aprendem esse programa criado para aprisioná-los
Convertê-los em um grão de poeira cosmica
Que jaz no caos
E nós estamos tão dispersos, como as pétalas que se soltam das flores
As verdadeiras flores, aquelas que estão nas montanhas
Não no seu quintal.

Data : 01/01/2011

Título : Recruta

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Errar é perder Perder é ganhar

Recruta

Errar é perder

Perder é ganhar
As sobras arregadas
Do tempo limitado
O tempo inventado

Realidade não me importa
Segredos incontestáveis
Meu dia é noite
Quinhentas variáveis
Encruzilhadas se encontram
Curam-se diante do rei pensamento

Esse bloqueado
Pelo enigmático conselho do velho
Recruta criança
Recruta!

Data : 01/01/2011

Título : Reflexão

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Quero falar, quero fazê-los entender

Reflexão

Quero falar
Quero fazê-los entender
Quero ser um líder
Um Deus para nada
Um Deus dos sem deuses
O Pai para toda a causa perdida

Quero levar a alegria e a certeza da plenitude
Quero fazê-los entender que não são nada
E que isso é bom, isso é tudo
Quero que entendam que a mentira é perda de tempo
Mesmo que ainda mintam
Mas cientes do quão trouxas estão sendo

Quero levá-los ao lugar que eu não cheguei
Quero ter vontade
Eu quero viver
Por favor,
Eu quero viver!

Data : 27/10/2012

Título : Sábios

Sub Sub Categoria: Pensamentos

Descrição: Se você é incompreendido pela maioria, talvez...

Se você é incompreendido pela maioria, talvez você sábio, talvez seja um idiota.
Mas veja a história, nossos heróis e reflita. Se todos te consideram um gênio provavelmente és um babaca.
Mas inteligência e sabedoria, qual é mesmo a relação das duas?

Data : 01/01/2010

Título : Se

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Se eu nunca disse não significa que eu não ache

Se

Se eu nunca disse

Não significa que eu não ache

Se eu nunca expressei

Não significa que eu não sinta

Se eu não amo

Não quer dizer que eu não goste

Se eu não pulo

Não quer dizer que eu não me divirta

Se não estou sorrindo

Não é porque achei sem graça

Só porque não estou preso

Não significa que estou livre!

Data : 01/01/2011

Título : Seja

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: A carne que nos deram estava envenenada

Seja

A carne que nos deram estava envenenada

Adentrem a minha caverna e roubem o milho

Comam a carne vermelha
Bebam o sangue
E sabendo o que sabem
Vão chegar ao olho

Os tostões que têm estão desvalorizados
O dinheiro é seu papel higiênico
Não tem valor algum quando
Possui-se em grande quantidade

Mas os que dividem a carne
Não reclama do gosto do pão
Não jogam os alimentos no lixo
Respeitam seu lugar
São os curiosos
Os ventres destruídos!

Data : 01/01/2011

Título : Selva Urbana

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Disseste que o homem é inteligente Construindo tudo

Selva Urbana

Disseste que o homem é inteligente
Construindo tudo
A selva urbana,
Poderosa evolução
Atraso na mente

Quem pensa mais

Um homem velho ou um bebê?
Quem responde pode provar sua teoria?
Argumentos necessários
Como ar em meus pulmões!

Data : 01/01/2011

Título : Sentidos

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Como você pode saber o que é certo? Como confia tanto em ilusões?

Sentido

Como você pode saber o que é certo?
Como confia tanto em ilusões?
Baseada em um mundo tão lindo quanto seus olhos
Tão claro quanto esse amanhecer

Quem pode mover seus sonhos
A um lugar deserto
Onde possa pô-los em pratica?
Tão real quanto nosso tempo
E tão pleno quanto ele
Embora curto

Tanta besteira só pra dizer
Que ainda sinto
Tudo aquilo
Que não gostaria de sentir!

Data : 29/09/2013

Título : Silêncio

Sub Sub Categoria: Pensamentos

Descrição: Silêncio

O único pecado é interromper a oração do silêncio.

Data : 01/01/2010

Título : Sim

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Não sei escrever, mas eu preciso disso Não posso reter tudo dentro de mim...

Sim

Não sei escrever, mas eu preciso disso

Não posso reter tudo dentro de mim

Não sei cantar, mas eu insisto

Gosto de irritar um pouco os outros

Não sei tocar, em coordenadas, em cordas sutis

Mas a viagem me leva ao paraíso

Não sei combinar os paralelos

Eu insisto em montar

Não vai sair do labirinto, mas eu o criei

Preciso fugir da saída de emergência

Não sei fingir que gosto disso
Mas eu insisto em crer que gosto e gosto

Não sei falar com eles, mas grito
Quando não querem me ouvir
Não sei se gosto da luz, mas a vejo
Não posso escrever no escuro

Não sei se você gosta de mim
Mas fico ao teu lado e gosto de ti.

Data : 01/01/2011

Título : Sinal

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Queriam um sinal? Antes não foi compreendido

Sinal

Queriam um sinal?
Antes não foi compreendido
Céticos selvagens abominam evidencias
Perder a razão
Pra encontrar tudo

Data : 01/01/2011

Título : Só

Sub Sub Categoria: Pensamentos

Descrição: ...

Então pensam que me importa estar sozinho!

Eu escolho isso e vivo cada segundo de mim mesmo.

Num mundo sem rumo e uma raça fútil e sem salvação,

Eu sei que tempos e amores vieram e foram e virão. Fico com meu niilismo e a minha solidão.

Data : 01/01/2011

Título : Sodoma

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Como se fosse a ultima coisa Apenas observe isso mais de perto...

Sodoma

Como se fosse a ultima coisa

Apenas observe isso mais de perto

Não verá uma nascente

Mas o rio já sujo

Não se afogaria

Porem se sentiria livre

Como de costas para a guerrilha

Sem ser um perdedor

Abrir as mentes
Para que nunca mais esqueçam
Que são almas dançando em espiral
No tempo do nada
A caminho do Sodoma

Data : 01/01/2010

Título : Solitário

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Ele morava só, sua esposa já estava morta há anos

Solitário

Ele morava só.
Sua esposa já estava morta há anos.
Sua família não havia conhecido.
As poucas pessoas que conhecia, decidiu afastá-las.
Eram todas superficiais e tinham algo em comum
Levianas e todas encenavam influenciadas, sem saber disso.
Queriam apenas aplausos.

Com o tempo abandonou também as mulheres,
Preferia não ter esse tipo de prazer,
Pois não suportava as conversas.
Por sorte ficou tantos anos no emprego,sofrendo,agonizando cada dia.
E o terrível acidente!
A máquina cerralheira, a mão arrancada, tanto sangue, ria ao lembrar-se disso.
A aposentadoria tão cedo.

Muitas vezes se perguntava se não teria sido melhor ter a mão,
Perdido em todo o resto, mas sempre se conformava.
E pagaria ainda aluguel.
A casa que comprou era pequena, mas suficientemente arejada.
Três cômodos, sala e cozinha embutidas, quarto e um banheirinho,
No qual a janela lhe proporcionava um agradável espetáculo.

Era tão instável,
Infeliz, mas o que fazer?
Ao menos abandonara o vício.
Definitivamente.

Ano : 1920

Título : Somos nós

Sub Sub Categoria: Crônicas

Descrição: Seis e meia da tarde. As pessoas normais seguem a rotina, estão voltando do trabalho, da escola, pensando no que vão jantar, ...

Somos Nós

Seis e meia da tarde. As pessoas normais seguem a rotina, estão voltando do trabalho, da escola, pensando no que vão jantar, pensando descansar em seus colchões de algodão e travesseiros de penas de ganso, ou bebendo um pouco pra relaxar. A

Vida, a única maneira compensável de viver. O sol que se despede outra vez, depois de fazer a sua parte nesse ciclo rotineiro, lento e incompreensível e a noite cai. Eu acordo num ritmo diferente, sempre na contramão, sempre do contra. Não contra a vida, mas contra as normas impostas por essa sociedade.

Contra o monumento, contra a nova ordem mundial. Contra uma policia corrupta que comanda os traficantes e transforma assassinos em heróis. Contra a guerra, mas não contra uma guerra de forças iguais. Contra essa ditadura sanguinária

que chamam de democracia. Essa guerra hipócrita, porque afinal somos neutros, todos somos culpados por deixar isso acontecer, como permitiram que o fascismo se enraizasse tão facilmente.

Como ainda é um fascista que domina o mundo, como permitimos esse abuso moral, esse estupro de valores, essa forma imperativa de viver.

Essa alienação.

Permitimos porque somos uns hipócritas, é melhor fingir que está tudo bem. Hipócritas.

Por isso eu acordo pensando desmaiar outra vez e outra e outra, não quero estar consciente quando isso explodir. Mas eu queimo a cada minuto na noite sagrada, e a natureza que tanto agredimos me saúda por alguém ainda contemplá-la, mas ninguém a respeita. Quando ela não mais existir sobrara a nossa natureza. Ai nós mostraremos quem realmente somos. Criaturas abomináveis e sem limites, parasitas, o vírus do planeta. A espécie que não deveria existir. Mas o planeta vai se regenerar e outra era nascerá. Surgirão outras espécies que vão saber respeita-lo. E esse vírus já estará em marte e na lua seguindo o seu lema de sugar tudo de bom para si e depois destruir o que não pode ser aproveitado. Só que esses parasitas não reconhecem o mau que praticam. Ainda diz que está preservando, cultivando, politicamente corretos.

Preservando a memória dos que foram mortos e cultivando sua propagação.

È tudo tão lírico tão perfeito.

Hipócritas!

Data : 01/01/2010

Título : Sopro

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Em fim livre, pensei. Livre e ferrado

Sopro

Em fim livre, pensei

Livre e ferrado

Mas isso pode ser reformulado

E pra qualquer lugar irá e, estacionar cultivá-lo por muitos segundos

Dias, meses, talvez.

As pessoas se matam todos os dias
Fogem sempre de suas decepções e preferem os otimistas

Mas eu não tenho tempo pra isso
Tive tempo de compor uma musica
Bem simples três acordes, bem prático
Como um sopro no pescoço
Mas sem suavidade.

Data : 01/01/2008

Título : Supérfluo

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: A noite estava gélida E um ermo se estendia

Supérfluo

A noite estava gélida
E um ermo se estendia
Ao final da rua mal iluminada

O pálido homem no final dela
Fumava seu último cigarro
A luz amarela dos postos
Iluminavam as folhas secas encharcadas nas valetas

Havia chovido muito
Mas ele estava ocupado demais para perceber isso

No luar estava melhor, mais quente
E com todo o calor do momento
E com grande influência de uma garota
Gastava todo o dinheiro

Mas ainda queria algo antes de ir para casa e não conseguir dormir
Nunca mais conseguiria
Depois daquela manhã...

Ano : 2012

Título : Surto

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: Acordou excitada. Presa, um pouco assustada, com arritmia, um leve arrepio frio, um movimento involuntário no pescoço, seguido de outro, mais brusco, com a perna

SURTO

Acordou excitada, presa, um pouco assustada, com arritmia, um leve arrepio frio, um movimento involuntário no pescoço, seguido de outro, mais brusco, com a perna. Tocou o chão, estava tudo tranquilo à medida que recuperava os sentidos. O colchão, jogado num canto do quatinho enigmático. Um cômodo, o banheiro do lado de fora. Não se atrevia a ir lá a noite. A velha sempre acordava, mas sabia que isso era só um pretexto, um álibi, um subterfúgio, um medo inconsciente, invisível. Medo de algo que talvez nem existisse, medo do tédio do dia adentrar a madrugada. Medo de insetos, medo de si mesma, de sua própria reação diante da repugnância e da decepção. Levantou com aquela imagem um tanto incômoda na mente. Causava em seu subconsciente uma idéia de transe, rotação. Um ovo, a foto de uma mulher desconhecida em preto e branco. Um gramado tingido de tinta amarela num dia nublado. Essa sequência de imagens acompanhadas de um ruído etinerante. Etilico. Que sonho confuso! Aliás, já tinha acordado antes, no início da noite do mesmo jeito. Esses sonhos eram cada vez mais frequentes. Ficava com eles o dia todo, um karma, já não sabia onde estava. Eles tinham um significado, transcendental, filosofia da avó... Era

verdade. Sem dúvida uma fonte de criatividade inesgotável, um ponto emerso no espaço, uma esfera. Lembrava sempre “a dream in a dream”.

Ela olhou no relógio torcendo para ser 5 horas, que amanheça logo! Noite maldita! Só 4hrs e 08min. Droga! Quando se tornara tão “titia”? Viver intensamente uma lúgubre adolescência, breve e mal aproveitada. Como consequência uma velhice precoce. Havia se tornado tudo que odiava.

Medrosa, solitária, ansiosa. Não conseguia mais ficar no quarto, o sonho ainda latejava, com intervalos curtos de sobriedade. Uma tesoura, sua infância embrulhada em álbum negro. “Chega, vou dar uma volta”, pensou. Logo caminhava pelo bairro, um bairro absolutamente comum, esmagadoramente banal. Todas as coisas pareciam iguais. Não eram nem grandes, nem pequenas, nem feias, nem bonitas, seus pequenos quintais, a caixa de correspondência, o cachorro tísico valente, eram no fundo todos iguais. A triste dualidade. Qual a razão de tudo na vida vir em dobro? Verdade, mentira, preto e branco, acima e debaixo. Certo e errado.

O único som que acompanhava os seus passos ecoava como mil tambores estriquinando seu crânio. Estava exausta, com náuseas, com frio, mas uma sensação diferente. Tão boa que desejou não ser tão instável naquela hora. Era uma paz sepulcral, um desapego ao lógico, podia sentir a dopamina, a serotonina, a endorfina. Que impulso mudou tudo? Estava tranquilo, tudo tranquilo. De repente, o trabalho, a pensão, a doença do pai, o ex traficante, nada mais importava. Apenas uma palavra, o inconcebível, inevitável: Morte!

Nisso, ela dobra a esquina e se depara com uma garota, vestindo preto, cabelos pretos, toda ensanguentada! A garota parou diante dela, sem ação. Caiu, num gesto de clemência. A calçada ficou tangida de sangue. Seu rosto era sem nenhuma expressão, os olhos arregalados fixos em lugar nenhum. O sangue escorrendo do coturno.

Lígia estava apavorada, porém curiosa, já não se sentia tão bem certamente. “Droga, tá tudo bem eu vou te ajudar”. Ela encostou-se à garota e se sujou toda de sangue fresco. Tentou levantá-la do chão, mas foi reprimida. “não dá”. Diss apenas isso, sem piscar, agora estava deitada na calçada, o sangue maquiando seu rosto. Lígia percebeu que a garota não estava ferida, mesmo assim cogitou um hospital.

“Leva-me pra sua casa, apenas”, disse a garota ensanguentada e a garota de verde- Lígia- concedeu seu pedido.

Por sorte no caminho não viram ninguém, nem mesmo o pessoal fumando na frente da creche. Era uma madrugada de terça-feira e não tardaria o caminhão do lixo viria recolher o consumo das senhorias, a velha da pensão acordava as 05h30min horas pontualmente, com exceção do domingo, quando ficava mais 20 minutos na cama, falando com o gato. Entraram no pátio e a trajetória toda deixou gotas de sangue. Paranóia! Lígia sentia-se vigiada, tinha certeza que alguém as espionava. Entraram no quatinho, que imediatamente ficou sujo de

sangue. A menina ainda se escorou na parede branca. Lígia puxou duas peças de roupa debaixo do colchão.

- Nós passamos pelo banheiroVá lá e tome um banho.

A garota se recusava a segurar a roupa.“Não posso, vão me ver”. Estava visivelmente perturbada, confusa, mentalmente falando.Lígia acha graça misteriosamente de tudo aquilo. Era como se fosse uma aventura, uma emoção que não sentia há muito tempo.

“Muita gente já deve ter visto você, vá”.

A garota de preto foi ao banheiro e voltou em 5 minutos, vestindo as roupas de Lígia. Mudara totalmente de aspecto. Era uma linda adolescente de pele clara e cabelo negro, olhos negros, que agora adotavam alguma expressão de vida, ainda indefinida.

“O que houve contigo?” Lígia estava com um pouco de medo.A garota fez uma cara de preocupada.

“Meu livro, você viu?”

“você deixou cair lá na esquina, quando nos trombamos”.

“Deixa pra lá”

- Então me conta.

Lígia observou-a por um tempo,parada muito astuta e calma por dentro,como alguém que guarda todos os segredos do mundo dentro de si,mas nunca explodisse,ou talvez explodisse!

“Eu matei alguém”

Sua voz era tranquila sem nenhum tom de arrependimento ou comoção. Absolutamente normal.Lígia se espanta mais ainda com o olhar de satisfação da moça. Era uma assassina nata, tinha sangue nos olhos, mas também tinha o desespero e uma inocência quase humana, sentia medo e pena ao mesmo tempo da garota.

- Você matou alguém? Alguém importante? Tentou ser engraçada, mas se achou estúpida, vulgar. Mas sentia-se à vontade perto da jovem assassina.“alguém que merecia morrer”Aquela velha frase de Kafka: “se estou condenado à morte, estou condenado a me defender até a morte” Mas via apenas verdade nos olhos dela.“

- Diz isso em pleno juízo?

A garota sorri para Lígia docemente, instintivamente.“Sou psicótica”Dito isso, as duas garotas se olharam por poucos segundos e riram incontroláveis, como se aquilo fosse a coisa mais engraçada do mundo.Riram, e aquilo realmente era...Terminado a ataque.

“Ele era meu dono”A garota olhou para Lígia como uma “cachorrinha”

- Seu patrão?

“Não. Meu dono mesmo. Eu era sua escrava mesmo. Aí eu o peguei desprevenido e enfiei a tesoura no pescoço dele, depois nas costas, depois na barriga, depois na boca”.

Tinha satisfação no olhar dela.

“Medíocre ato, supremo, sinto-me renovada. Foi apenas um surto, o médico disse que podia acontecer”

Lígia beijou a garota na boca, um beijo demorado.

- Vamos embora pra algum lugar. você precisa fugir.

“Não tem medo que eu te mate também?”

- Você me deu a vida de volta, pode tirá-la se quiser. Tens todo o direito!

Data : 01/01/2011

Título : Tarântula

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Todas aquelas manhãs em são O gemido das meretrizes

Tarântula

Todas aquelas manhãs em são
O gemido das meretrizes
Em noites não são, mas em vão
O veneno da tarântula e suas matizes

As luzes dançantes em espiral
Harmoniosamente com a serpente
Seus olhos cintilantes e espertos
Ela entra em meu ventre

Eu entro em seu espelho
O que foi feito depois?

Data : 25/10/2012

Título : Tom E7

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Eu vejo uma negra tempestade Eu vejo que não teremos para onde correr

Tom: E7

Eu vejo uma negra tempestade
Eu vejo que não teremos para onde correr
Eu vejo que a montanha logo virá abaixo
Eu vejo que a gente vai morrer

Então me envolva garota
Você tem que me abraçar
Eu não posso respirar por você!

Eu vejo criaturas caindo das árvores
Elas pretendem nos devorar
Eu vejo que essa estrada não leva a lugar nenhum
Eu vejo que você está com azar

Então fique ao meu lado garota
Você tem que me abraçar
Eu não posso respirar por você!

Eu ouço um furacão tropical
Eu sei que é o fim pra nós dois
Eu ouço você chorando baixo
Eu não posso voltar atrás

Apenas me engula garota
Você tem que me abraçar
Eu não posso respirar por você!

Eu vejo que logo vou estar sozinho

Eu posso ver você com outro
Eu temo que ele mude o teu caminho
eu sei que nada poderei fazer

Mas só por hoje eu quero que você me abrace garota
Antes do rio verde nos engolir
Talvez eu te ajude a evoluir
Eu te fiz essa música tão simples, tom E7
Eu quero que você a cante na minha sepultura

Mas agora apenas me abrace garota
Perceba como eu não estou com medo
Mas eu nunca poderei respirar por você.
Eu vejo uma lua perversa no céu
Eu vejo que esta noite será dos lobos saguinários

Data : 01/01/2011

Título : Último

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: O ultimo louco não teve paciência para as pessoas Elas são fúteis e pegajosas

Último

O ultimo louco não teve paciência para as pessoas
Elas são fúteis e pegajosas
Ele não gostava dos demais animais
Eles não são legais

Nunca suportou a chuva, que não fosse tempestade

Olhou para o céu uma única vez
E adormeceu no sol, mas não moraria lá
O ultimo louco viu beleza na feiúra
E sabedoria na insignificância

Não tomou seu xarope
Não teve paciência para romances
Eles são loucos e cansativos
Preferia poucas palavras
De preferência sem sentido algum

Data : 01/01/2010

Título : Último Encontro

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Numa noite qualquer Numa hora qualquer,

Último Encontro

Numa noite qualquer
Numa hora qualquer,
Na hora da tua tristeza.

Quando a incerteza te chatear.
Quando o céu não quiser ficar lá.
Lembra da minha mão apertando a tua
E trancando a circulação.
Talvez as tuas aflições sejam suavizadas

Mas não vou te prometer nada!

Data : 01/01/2010

Título : Últimos atos

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: As mãos calejadas apertam o vidro O sangue jorra os cacos coloridos...

Últimos Atos

As mãos calejadas apertam o vidro
O sangue jorra os cacos coloridos
A dor já não é mais sentida
Assim como ela nunca foi ouvida

O fim iminente se aproxima
Como a paz, descendo uma escadaria
Uma ênfase no vermelho
O sangue no espelho, uma só voz

O ato que justificará tudo
O semblante da misericórdia, uma falsa
Uma ardida voz
Uma incontestável cruz

Vermelho, cinza marfim
Vermelho sangue, sangue
Morrer é sem sentido
E viver deve ter algum

Ou como teria sido

Se ainda houvesse vidro...

Data : 20/10/2012

Título : Um Conselho.

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: "Plantar e guiar a natureza pelas linhas do tempo E não colher as flores de um jardim de quintal Porque as flores verdadeiras estão nas montanhas E dançam ritmadas pelo vento sul."

Um conselho

Plantar e guiar a natureza pelas linhas do tempo
E não colher as flores de um jardim de quintal
Porque as flores verdadeiras estão nas montanhas
E dançam ritmadas pelo vento sul
E como uma pétala que se solta
E são todas as cores que os olhos podem identificar
Estaremos nós
Dispersos no vento
E traremos o lixo
E não vamos plantar esse lixo
Vamos incinerá-lo
E o ar vai purificar esse lixo
E estaremos em cada criatura
Escovando o sabre do tigre ancião
Mergulhando com um peixe luminoso
Guiando e sendo guiado por ela
A mãe de toda a matéria viva
Por um pouco de coragem
Anestésica coragem, caro irmão, verde limão.
Almodóvar é a esperança

Mas nada se realiza sem ação

Temos o tempo que determinarmos, nossa tribo está em harmonia com a imensidão.

A terra virgem é a nossa libertação

Acordamos e sorrimos, e largamos rumo ao ultravida, rindo do que não entendemos.

E rindo de tudo mais

Esperando e rindo,

Rindo, rindo e rindo.

Que cólica!

Data : 31/10/2012

Título : Um conto de natal

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: A primeira e única vez que eu a vi foi numa sexta-feira por volta das nove e 21h30min (horário perigoso), só que estava tudo calmo.

UM CONTO DE NATAL

A primeira e única vez que eu a vi foi numa sexta-feira por volta das nove e 21h30min (horário perigoso), só que estava tudo calmo.

Estranhamente calmo e isso, para quem é um pouco intuitivo e conhece o trecho e vive nele, é um sinal de alerta.

Especialmente quando você está com náusea e com o estômago vazio.

Eu não estava tímido como de costume e ela era linda.

Então deveria fazer o que qualquer outro idiota estava prestes a fazer: Ir até lá e ficar enchendo com aquelas frases clichês, se vangloriando de qualquer ato medíocre que já tenha realizado, elogiando-a sem parar, criando um clima em cima de uma proposta única e clara, esperando apenas o momento de beijá-la e levá-la para cama. Eu nunca faria isso e logo quando um otário sentou-se ao seu lado e levantou em menos de dois minutos, percebi que com ela isso nem funcionaria.

Eu apenas queria observar, às vezes é tudo que você precisa fazer. Não fazer nada.

Ela me olhava às vezes e eu pensei que poderia ser divertido andar 10 metros e falar com ela.

Mas eu não tinha nada para falar. Esquisito eu sou, às vezes falo demais, às vezes prefiro apenas pensar e observar.

E se houvesse um Deus perfeito e eu fosse digno do seu paraíso eu não teria nada para falar pra ele. Putz, isso parecia um problema.

Mas repito que estava tudo calmo. E a noite é bem mais escura logo antes de amanhecer, então fiquei ali.

Outro cara sentou do lado dela, esse não parecia um completo imbecil, o que levava a crer que ele era um de fato ele.

Pareceu agradar de início, vestia-se de acordo com as perspectivas dela, não gesticulava muito com as mãos, mas definitivamente não era espontâneo, mais parecia um robô - eu ia dizer ator-.

Durou uns 8 minutos.

Estava perto do natal (época perigosa), e tinham construído um papai Noel mecânico de uns 9 metros bem no meio da praça.

De repente ele ascendeu uma luz e toda a multidão parou petrificada aguardando o “espetáculo”. Famílias tiravam fotos, havia muitas crianças e gente de todos os tipos, alguns raros passavam ignorando a estrutura.

Foi quando começou a gravação, o boneco mexia a boca e tinha cara de maçom. Mas era um papai Noel gigante e todos estavam empolgados.

“ho, ho, ho...Chegou aquela época do ano em que nossos corações se enchem luz e devemos olhar para todos com amor e afeição. É tempo de paz, alegria e de confraternizar a magia e o espírito do natal com nossos irmãos...”

Vi de relance um mendigo oportunista pedindo um real a uma senhora, mas não funcionou.

E o boneco continuou o monólogo, ela continuou lá indiferente, e eu continuei no meu banco. Em outra ocasião teria fugido daquele monstro falante, mas eu estava até me divertindo.

A mensagem de amor e paz durou uns 10 minutos e muita gente estava emocionada, mas o mendigo persistente ainda não tinha ganhado um centavo de ninguém ainda.

Outro rapaz sentou ao lado dela. “Esse consegue” , eu pensei.

Era desinibido, de boa aparência e rapidamente arrancou um sorriso dela. Imaginei que estivesse falando de si mesmo e ela estava interessadíssima.

Ainda me olhava, mas bem desinteressada.

Não sei se sou bonito ou feio, nem sei se isso importava, só sei que aquela garota tinha alguma coisa que teria feito eu ir até lá e ficar com ela. Mas na ocasião eu estava bloqueado.

E honestamente eu não tava nem ligando, só observando. Tudo, todos, mas principalmente ela.

Logo eles saíram e retornaram em breve com uma bebida.

Era só o que me faltava, eu podia estar lá bebendo e conversando com ela e em outro lugar, no meu quarto, na minha cama, de preferência.

Não estaríamos conversando, aliás.

Ela estava ficando bêbada e o cara tinha uma meta.

E eu também. Arranjar uma bebida e ir dormir.

Mas quanto mais solta ela ficava, mas me encarava e seu olhar era convidativo, o que tava acontecendo comigo?

Eu estava sóbrio, era isso.

Logo se beijaram e começou aquele lance todo.

Nem olhei mais, estava tudo bem. Senti-me feliz pelo cara, o que raramente acontece comigo. Mas ele era tão sortudo!

- Ei, falta dois reais pra comprar uma birita.

Era o mendigo.

Eu tinha exatamente dois reais no bolso.

Dei a ele.

- Mas eu quero uns goles- disse-lhe.

Ainda dei uma olhada nos dois lá se amassando.

O homem voltou com a bebida e logo já estávamos bêbados reclamando do mundo, do governo, do papai noel e de como não tínhamos sorte com as mulheres.

Foi quando ouvi uma voz feminina e ergui a cabeça.

Ela era realmente muito linda, senti um desejo carnal, incontrolável de dar um beijo, ignorando o cara ao lado dela. O “bonitão esperto”, que havia conquistado-a.

- Li seu livro cara, você é o Bone, certo.

Fiquei com vergonha, o livro era um lixo.

- Às vezes, disse eu desapontado.

O mendigo me olhou espantado como se fosse impossível alguém como eu escrever.

O cara segurando a mão dela comentou com uma voz de bobão lerdo:

Poxa, você tem um livro, que legal cara, eu mal sei ler.

O meu novo amigo, já muito embriagado começou com aquela cena banal de bêbado.

- Esse cara é um gênio da literatura, disse ele posando a mão no meu ombro e cambaleando.

Houve uns segundos de silêncio.

- Então tá, a gente se vê Bone, continue escrevendo...

E dizendo isso ela se foi com o jovem “esperto”.

Fiquei mais um tempo ouvindo elogios do meu novo amigo e bebendo, depois fui dormir.

No dia seguinte segui o trecho para o norte, muitas cidades interessantes por lá. Nunca mais vi a garota, nem sei seu nome, mas pelo sotaque devia ser argentina ou coisa assim.

Isso faz um ano e já tinha esquecido toda a história.

Lembrei porque tem um velho vestido de papai noel e ele me deu uma bala.

Data : 12/08/2013

Título : Um membro no quintal

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: A Edite tinha me deixado para ir morar em Encarnación com aquele paraguaio, levando consigo todo o dinheiro da safra...

UM MEMBRO NO QUINTAL

A Edite tinha me deixado para ir morar em Encarnación com aquele paraguaio, levando consigo todo o dinheiro da safra, abandonando-me ao acaso com minhas bebedeiras, meus discos e aqueles héctares de plantação de algodão. Nem mesmo fizera o favor de levar o Corcel azul, ano 72, que havíamos ganhado na rifa da cooperativa há 15 anos. E, que me rendera tantos infortúnios e acidentes, sendo um aquele que levou o meu braço direito com a forte correnteza do rio de águas barrentas que cortava a fazenda. O maldito do amante ainda matou minha vaca leiteira e tacou fogo no galpão, onde eu produzia minhas "obras de arte."

Não sei bem como aconteceu, visto que eu havia bebido muito na noite anterior e discutido com a Hana, (minha vaca). Sei que acordei ao alvorecer, no meio de uma tempestade, e tudo que vi da janela da cozinha foi o carro inútil, como de costume, e na parede, o recado que Edite havia deixado, um simples: "Fui para encarnación, seu idiota", escrito com batom vermelho por minha mulher. Pensei em suicídio, mas não por Edite, definitivamente não por aquela cadela! Mas por estar totalmente sozinho e perdido, sem nenhuma esperança. Envelhecido, definhado, sem um braço e com todos aqueles pensamentos me sufocando, todas aquelas idéias misturadas na minha mente e eu plantado como o pé de algodão que dançava violentamente na chuva, tomando formas demoníacas, me estripando de pânico, caçoando do meu fracasso e do ser que eu tinha esquecido. Aquele que era agora somente um feto morto dentro de um vidro. A

criatura que eu tinha sido um dia. Eu costumava ser inspirador e naquele momento toda a vida emurchecia ao se aproximar de mim.

Por sorte ainda tinha algumas garrafas, meus discos e suplementos suficientes para um mês, que julguei ser tempo até demais para organizar meus pensamentos e agir com coerência. Numa investida defensiva lancei-me na tempestade a caminhar pela plantação com uma garrafa de aguardente. Sentir a fúria da natureza me fazia bem. A chuva gelada era como uma lavagem interna. Segui andando sem rumo pela fazenda quando de trás de um arbusto surgiu uma menina de uns oito anos, segurando nas mãos um braço humano já em decomposição. Pude reconhecer de súbito, era ele! Tudo o que me faltava para recomeçar, meu braço direito. Ela cochichou algo em uma língua que não compreendi e desceu em direção ao rio que estava letífero. Cambaleei devido ao leve estado de embriaguez que já me encontrava e devo ter desmaiado.

Acordei na minha cama e deduzi que tudo tinha sido um sonho, mas eu estava encharcado e então decidi (no estado de total demência em que já me encontrava) que recuperaria o membro perdido custasse o que custasse. Na minha neurose aquela menina possuía-o. Sai andando pelo mesmo caminho, mas não a encontrei.

Trilhei toda a propriedade, muito angustiado, mas ela não estava mais lá.

Foi quando num lapso de falsa conexão com a realidade, lembrei-me de que ela descera em direção ao rio.

Toda a cena se repetiu: O acidente, a vítima que nunca fora encontrada, meu braço e eu acordando no hospital.

Tinha que fazer o certo, eu tinha tirado uma vida e precisava do meu braço.

O Certo e o conveniente num só ato.

Segui para o rio e me lancei às correntezas.

Ela está comigo agora e em nossa propriedade ninguém habitará.

O meu braço direito!

Ano : 2009

Título : Um Presente para Carmem

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: Desde sempre foi assim. Jackeline: O peso que Carmem teria de levar nas costas pelo resto de seus dias...

Um Presente para Carmem

Desde sempre foi assim.

Jackeline: O peso que Carmem teria de levar nas costas pelo resto de seus dias.

Tudo por uma noite conturbada de verão de 1999. Henry era um perfeito cavaleiro, cortês, educado e sincero, essa era a justificativa de Carmem. Na verdade ela teve uma equivocada metodologia para seu futuro. Afinal Henry era francês, tinha dinheiro, além de ser atraente. Mas o céu de Carmem se abriu formando um abismo que a engoliria; ela e todo seu mundo repleto de sonhos, minuciosamente projetada. Henry voou como uma folha seca de volta para França, e Carmem ficou com o fruto maldito daquela noite em seu ventre.

No entanto ela ainda tinha (tinha) um pouco daquela ternura, que foi se transformando em revolta ante aos estupros do pai e as bebedeiras da mãe.

Não quis abortar a criança, mas sabia mesmo que inconscientemente que seria uma mãe pior que a sua.

Jackeline nasceu tão bela quanto a Carmem: longos cabelos negros em contraste com uma pálida e delicada pele, e olhos tão azuis quanto um céu de um típico domingo de praia.

Não obstante, Jacke era incrivelmente terna e educada para com todos, entrou na escola aos cinco anos e destacou-se, enchendo de orgulho o coração dos avós tios e até mesmo de Carmem.

Mas esta se tornava cada vez mais negligente e cruel.

Bebia todas as noites e descontava suas aflições em cima da doce Jackeline, que sempre tinha que refugiar-se na casa de algum parente.

Nem mesmo os vizinhos podiam com aquilo que se repetia diariamente.

Uma vez Jacke fez um desenho para a mãe, era um coração com uma flecha no meio, com um escrito: "TE AMO MAMÃE". Ela achava bonito desenhar corações com flechas, embora nem soubesse o significado.

Carmem chegou em casa e ao ver o desenho em cima da mesa da cozinha, teve um acesso de raiva demoníaca.

Em sua mente eloqüente, aquele desenho era uma forma de puni-la por seus atos.

Sua consciência a torturava todas as manhãs de ressaca, e isso deve ter feito-a enxergar alguma intenção negativa no desenho.

Acordou a filha aos socos e tapas:

- Sua pequena vaca, o que é isso? Acha que eu sou burra? Sua inútil imunda!

Jackeline apenas chorava, chorava sem parar.

Por essa noite Carmem perdeu a guarda provisória da filha para um vizinho.

Rui Benedito e sua mulher Flávia ficariam com a criança até o julgamento.

Eles tinham um filho da mesma idade de Jackeline, seu nome: Romeu. Um garoto pálido com fundos olhos negros como o ermo da madrugada.

Romeu era um tanto problemático, não falava mais que três palavras por dia. As outras crianças tinham medo dele e com toda razão.

Certa vez, na escola ele praticou um injustificável ato de crueldade. Enquanto todos brincavam felizes no playground Romeu conseguiu capturar uma pomba branca e a pregou num pedaço de madeira, entregando-a a uma coleguinha.

Professores e pais ficaram chocados e o menino começou a fazer visitas a um psiquiatra. Esse também se intrigava com a presença daquele menino.

Mas Romeu e Jackeline se deram muito bem. Ficavam o tempo todo juntos e a empatia entre ambos chegava a assustar.

Logo se tornaram confidentes, verdadeiramente dois irmãos, ou mais que isso.

Benedito e Flávia estavam dispostos a adotar Jackeline.

Não tinham muitas esperanças de vencer nos tribunais, afinal, mesmo que fosse decretado que Carmem não tinha estrutura emocional para cuidar da filha, era plausível que sua guarda iria para algum parente.

De todo modo o casal acreditava que Jackeline poderia ficar bem com Romeu.

Já fazia dias, era perceptível sua mudança de comportamento, ele estava até mais alegre e educado.

Carmem estava doente e ia morrer. Tinha um defeito numa das válvulas.

Logo a notícia se espalhou pelos tímpanos de todos que a conheciam.

Só que a mulher estava cada vez mais afastada de si mesma e da vida, em geral.

E não tinha nenhuma esperança de um transplante.

Ao saber do problema da mãe pela manhã, Jackeline quis ir pra casa ficar com ela.

Ficou visivelmente abalada.

Apesar de tudo, sua mamãe era vital à sua existência.

Romeu tentava ajudar à amiguinha, mas ela só pensava na mãe morta e isso lhe corroía por dentro.

Que forma tão pura e incondicional de amar é essa?

Certa noite, depois do jantar Romeu e Jacke tiveram uma conversa:

-Sua mãe precisa de um novo coração, sabia Jacke?

-Sim, eu sei, mas não tem nada que eu possa fazer.

O olhar do guri assumiu um brilho perverso, vindo das profundezas de seu espírito.

As pessoas são más por instinto.

Alias tudo na raça humana é instintivo.

A inocência e a maldade, lado a lado, tal como o ódio e o amor.

Quando Carmem chegou a casa já passava das 4 horas da manhã e chovia

Incessantemente. Relâmpagos iluminavam a escuridão do quarto escuro destacando a água escorrendo nas janelas.

No carro tocava Good Bye Blue Sky do Pink Floyd.

O som vazava do automóvel.

Carmem, bêbada, abriu a porta do carro, esquecendo o rádio ligado.

A vizinhança toda fora acordada.

A chuva era impiedosa.

Quando entrou em casa, o que viu surpreenderia qualquer um, mesmo bêbado.

Em cima do sofá uma caixinha marfim quadrangular com um bilhete acima:

“PARA CARMEM DE JACKELINE”

Carmem abriu e seu susto foi tamanho que enfartou, deixando cair a caixa ao chão consigo.

O bilhete há essas horas flutuava com o vento vindo de fora.

Dentro da caixa, em meio ao sangue coagulado, um pequeno coração humano jazia já sem bater.

O coração da filha pra mãe, literalmente.

Da janela da casa vizinha o pequeno menino ao pé da cama observava tudo imóvel.

Em seus olhos a claridade dos raios refletia a pura essência do mal.

Data : 20/10/2012

Título : Um Sonho.

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: "E estaremos passeando por um vale nórdico, com os rios mais cristalinos. E as borboletas pousando num lírio, A luz radiante do amanhecer A escuridão divina da noite O canto lúgubre de uma sereia imaginária E lobos guardarão nossos sonhos e nos ensinarão a viver em paz, O ar puro E respiraremos."

Um sonho

Sonhamos com um dia sem dor.

Aniquilamos nossos carmas e controlamos esses impulsos pecantes

Voltamos ao útero e não queremos sair

Não para isso, não para essa realidade à qual um dia julgamos pertencer.

Sumimos num redemoinho de violações e desejos carnaís, sedentos por um ponto afirmativo, uma única resposta para todas as incógnitas, essa confusão, esse delírio que ofusca as nossas virtudes.

E nos impede de voar;

E dentro desse campo gravitacional que nos desfragmenta, a cada partícula, cada átomo.

Seremos a própria letargia, se fossemos tão fortes, capazes de esquecer.

Sonhamos em ser um grão de poeira cósmica iluminando o caos;

Fugimos dos demais, gargalhamos diante do desespero e rimos diante desse teatro.

Essa peça sem início, sem meio, que se desenvolve e anda para lugar nenhum.

Essa anedota, mas estamos no núcleo da dúvida, a dúvida que consiste em sabedoria.

Ou uma galáxia distante, uma dimensão ainda não alcançada.

E somos encarcerados por que não prestamos para nada

E somos os que ameaçam os princípios que vocês impõem

As regras que criam para aprisionar os covardes

E moldar as crianças e força-las a viver da maneira que vocês desejam

Nessa realidade absurda

E elas não darão importância ao que nós dizemos.

Mas desse sonho, dessa deplorável loucura, surgem às coisas boas da vida.

As poucas músicas decentes, os poucos livros bons, as poucas obras de arte, as esculturas que vocês conservam como “os homens de glória, os visionários, os virtuosos, que foram como vocês”.

Mas não foram. Esses artistas, esses pensadores não foram como vocês.

Foram como nós, perdidos no incompreensível do tempo, nesse sonho, amordaçados por vocês que hoje reconhecem suas virtudes, mas em vida os crucificaram.

E morremos nessa confusão, essa incerteza, essa dúvida esse sonho;

Um dia foi o descanso da fantasia

Hoje é só uma prisão

Em dívida com a consciência.

Escravos da apatia e punidos por sonhar, por pensar, por criar.

E queremos o bom vinho, que vocês industrializaram para nos aprisionar.

Suas escolas funcionam como centro de adestramento, para domesticar, castrar e neutralizar qualquer um que represente alguma ameaça.

E as cadeias lotadas das suas reações adversas, seres que vocês tornaram assassinos, ladrões e viciados.

Para não deixar que mostremos esse sonho às futuras gerações

E nunca vamos acordar desse sonho, não para isso, não para essa realidade que nunca pertenceremos.

E estaremos passeando por um vale nórdico, com os rios mais cristalinos.

E as borboletas pousando num lírio

A luz radiante do amanhecer

A escuridão divina da noite

O canto lúgubre de uma sereia imaginária

E lobos guardarão nossos sonhos e nos ensinarão a viver em paz

O ar puro

E respiraremos.

Data : 01/01/2020

Título : Uma longa noite quente e suja

Sub Sub Categoria: Contos

Descrição: ...

UMA LONGA NOITE QUENTE E SUJA...

Mais uma noite de folga... ("A colina de fogo, capítulo 3")

DAMA ESMERALDA 1983

Eu estava cansado, letargicamente cansado.

Uma noite quente, como as entranhas do inferno. Estava um pouco tenso (sou um pouco nervoso). Eu não tinha nenhum serviço para aquela noite. Isso me deprime, não gosto de folgas, sempre acontece algo imprevisível quando estou de folga. Fiquei dando voltas pela cidade esperando amanhecer. Não consigo dormir a noite, quase nunca. Acho que sou um desses viciados em trabalho, deveria me tratar, tirar umas férias. Mas deixar os clientes fixos na mão é sacanagem. Às vezes penso que eu sou um libertino e só isso. Mas é uma visão utópica, na verdade sou algo bem diferente. Eu não sou ninguém, sou invisível. Além dos meus clientes mafiosos, e os idiotas da seita do livro, ninguém nem sabe que eu existo. Os que souberam morreram. Ninguém me respeita quando estou em paz, preciso impor respeito com violência. Isso realmente me deprime. Andei procurando alguma coisa para me distrair em noites como essa, noites de folga.

Você só tem um lugar para ir: um dos setenta bares da avenida X, um ao lado do outro. Sempre acaba em confusão e dessa vez não foi diferente. Mas eu realmente não fui o culpado. Quero relaxar nas folgas, não arrumar encrenca,

palavra! Então procurei um bar mais "familiar", se é que se podem dizer isso de uma espelunca aberta as quatro da matina. Pelo menos vendiam lanches e não só bebida. E você via casais pacíficos, miseráveis, fracassados como eu, mas buscando uma noite tranquila nessa merda de cidade, nessa merda de estado, nessa merda de país, nessa merda de mundo sujo e injusto.

Realmente, sou meio niilista!

Eles vem aqui buscando noites de loucuras. Bundas e drogas. Nesse ponto estão certos, porque, pelo menos nessa cidade, famosa por ser pacífica, limpa e desenvolvida, com uma natureza inacreditavelmente bela e selvagem, em bairro como "Os alagados", e só o que você encontra: drogas e sujeira. Sujeira de todos os tipos. Eu nasci aqui, me criei aqui.

Mas, então entrou esse cara no bar. Era brasileiro mesmo. Eu bebia uísque barato. Ele já entrou esnobando, estacionando o carro importado bem na frente da porta, onde é proibido estacionar. Fez isso só para o garçom pedir para ele tirar o veículo dali. Então todos veriam o seu carro novo.

Estava bem vestido.

Só havia no bar, o garçom, duas garotas muito jovens talvez menores de idade, Mais um casal que já estava de saída, o dono do bar e eu. E o cara que já chegou pedindo uma garrafa de natu, e se aproximou da mesa das aprendizes de cadelas. Colocou a garrafa de uísque na mesa. Ele perguntou se podia se sentar a mesa. É claro que elas não fizeram objeção alguma, inclusive adoraram a ideia. O casal foi embora e o garçom, que devia estar três noites sem dormir, foi dispensado. Éramos nós quatro naquele bar. Ele ficou confabulando e se gabando para elas por mais de uma hora, até elas ficarem tontinhas.

- Vamos beber um pouco mais aqui, depois voamos naquele carro e acabamos no meu apartamento.

Elas só riam. O "fodão" então pediu um violão que ficava a disposição dos fregueses. Mas só quando não estava tocando nada na jukebox, como era o caso na ocasião. Tocou uma música do Creedence e elas estavam absolutamente fascinadas. Ele tocava muito mal, tocava não: Esfolava o violão erráticamente. O som dele era insuportável. Já não bastava o dinheiro, a aparência, o carro, não! O filho da puta ainda queria ser artista, e estava convencido de que era.

"Ora deixa o violão para quem sabe tocar!"

Ele também tinha uma voz insuportável e cantava porcamente. Mas isso não era da minha conta, estava de folga e eu sei ser civilizado, os incomodados que se retirem, como se diz. Aí ele disse: - Essa próxima canção é de minha autoria. Só faltava as garotas pularem em cima dele e transarem ali mesmo.

A sua música própria? Sem comentários!

- Querem mais, perguntou ao acabar.

- Sim, responderam simultaneamente, já estavam bêbadas. Elas foram a loucura. O dono do bar ouvia música com fones de ouvido, só eu que tinha que suportar aquilo? Se alguém tinha que sair do bar, esse alguém não era eu, não estava chateando ninguém, eu só queria beber e esperar amanhecer. Mas isso seria impossível com aquele cara atormentando meus ouvidos.

Sou um cara muito justo.

Fui até a junkbox e coloquei um Raul seixas. Ele se levantou e veio na minha direção.

- Calma lindas, o papai já vai tocar mais pra vocês., disse pra elas enquanto se aproximava de mim, eu estava escorado na máquina com o copo na mão.

O machista (não suporto machistas) proferiu:

- Caso não tenha percebido, eu estava tocando.

- Eu sei, justo por isso que eu pus a música.

- Isso é falta de respeito seu troglodita. Eu já estava quase explodindo, caloroso devido ao uísque.

- Não, disse eu tranquilamente. (sempre falo com calma e baixo, mesmo quando estou com muita raiva).

Olha, prossegui, caso você não saiba o violão só é permitido quando não está tocando nada na máquina.

Mas eu estava tocando, e não havia música.

- Mas agora há, disse eu. A máquina é prioridade.

Ele se virou para o dono do bar da maneira mais arrogante possível. Queria simplesmente ir embora, mas já estava envolvido com o calor do momento. O barman sabia que eu estava certo, mas também sabia quem daria mais lucro para ele naquela noite.

- Tira a música lobo.

- É, tira logo essa porcaria. Disse o playboy.

Então atirei ele contra uma mesa que foi derrubada. Ele catou uma garrafa e quebrou na minha testa. Não senti nem cócegas. Ergui ele pelo pescoço com uma só mão. Ele era bem mais forte e encorpado que eu. Sou magro e não tenho músculos, mas quando eu fico irritado me transformo, e tenho uma força que a ciência não conseguiria explicar.

- Sumam daqui, gritei para as garotas que saíram correndo.

Não bato em mulher, nem em criança. Estrangulei o riquinho mimado metido com uma só mão. O dono do bar estava apontando uma baita espingarda para mim.

Atirou três vezes e errou. Cheguei junto ao balcão.

- Sem balas, disse-lhe sarcasticamente.

Ele tremia muito, deixou cair a espingarda.

- Por favor não me mate pelo amor de Deus.

Dei uma cabeçada nele e pulei para o outro lado do balcão, ele estava no chão.

- Não, por favor, pelo o amor de Deus.

- Deus não tem nada a ver com isso.

Dito isso segurei a cabeça dele e bati com muita força contra o chão, pelo menos umas sessenta vezes, até não sobrar nada dela. Peguei uma garrafa de uísque

dos bons. Fui ao banheiro da espelunca, limpei o sangue das mãos e no meu rosto. A jaqueta eu teria que dispensar, o dia já estava amanhecendo. Nem queria dormir, tinha um trabalho para a noite.

Odeio folgas, sempre acabam assim.

Sou um cara nervoso, mas trabalhar me acalma.

Data : 01/01/2010

Título : Vago

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Os mortos passeiam no meu éden Me olham, me devoram, mas não querem falar...

Vago

Os mortos passeiam no meu éden

Me olham, me devoram, mas não querem falar

O relógio pende pardo em minha mente

E somente espelhando-me nas tais criaturas me sinto bem.

Ouçõ a voz dela

Está sempre ali, pra mim, por mim.

O que ela quer?

Eu!

Como posso não entender isso?

Como posso chamar diários de poemas

E histórias verídicas de contos?

Como posso não ver o que me cega?

Data : 01/01/2011

Título : Velha

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Tinha uma velha, corria comigo Sempre que eu disparava soturno às estrelas...

Velha

Tinha uma velha, corria comigo
Sempre que eu disparava soturno às estrelas
Ou estourava os tímpanos de alguma mosca
Ela me mandava parar

E dizia que conselho não se dá
Mas que contrária era ela em suas convicções
Me olhava e me sorteava entre as horas
E abastecia meu coração, com seu fragmento de ilusão

Quando sua remela por fim a cegou,
A velha me viu como eu era
No tempo dela, "dizia"; as cores eram mais claras
E podia-se diferir uma mosca de um tanque cheio de coisa alguma.

Data : 01/01/2010

Título : Yvini

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: Todo domingo é um breu Que ninguém escreveu

Yvini

Todo domingo é um breu
Que ninguém escreveu
E a conversa acabou
E a novela não passou

Mas ninguém chorou
Você viveu

O soldado se rendeu
Ele é simples como eu
E a fogueira apagou
Quando alguém se revelou

Mas ninguém chorou
Você viveu

E o demente adoeceu
Pra floresta ele correu
E o paciente se curou
E o navio naufragou

Mas ninguém chorou
Você viveu

Data : 20/08/2013

Título : Zero

Sub Sub Categoria: Poesia

Descrição: O mundo está á venda! Ácido aminobutírico;

Zero

O mundo está á venda!
Ácido aminobutírico;
Flores de esperma explodem em bactérias degenerativas;
Forças benevolentes, cores abstratas, despercebidas;
Metástases curadas por árvores mortas;
Raízes mortas, remédios que não surtem efeito;
Belas e destrutivas glândulas reprodutoras;
Criaturas caras, tingidas;
Nascidas de um hímen rompido;
Remanescentes do fogo de salém;
Alguém dançava na floresta;
Só por hoje olhem para esse papel;
Dancem com o palhaço, esqueçam o valor;

Disse-me um velho homem que na colina eu conheci;
O preço do mundo é uma constelação piramidal;
Dentro de um olho emblemático;
Seitas secretas, criaturas de laboratórios;
O preço da globalização, o ultraje peculiar da demência;
Sem complexidade dentro do que é tão óbvio;
Nenhuma crença além da dúvida;
Nenhum futuro além da morte;

Nenhum planeta além do ego:
Mate-o, mutilo-o, beba o seu sangue;
Crucifiquem tudo o que não compreendem;
Vendam cianeto de potássio;
Temos o direito, merecemos;
Eutanásia para os perdidos;
Sem esquerda, nem direita: No meio, no meio...

Uma lata de atum numa sarjeta, na fúria de uma tempestade;
É tão notável quanto um poeta obscuro, absorto;
Um artista de rua;
O vento no varal;
Tão simples quanto respirar, e esquecemos;
O cervo vive por viver;
O Albatroz voa por voar
A bactéria que não se vê;
Nós vivemos para comprar;
Comprar a beleza, comprar a segurança, comprar a sorte:
E o planeta zero se reconstituirá;
E assim comeremos uns aos outros, como seres radioativos;
Que inspiração nos sobra:
A equação, o resultado: zero.

O mundo está à venda;
Numa margem de um lago congelado repousa a vida que não pode ser consumida.